

Raul Antônio Wilpert

**O FUTEBOL COMO AGENTE DE INCLUSÃO E INTERAÇÃO
SOCIAL: UM ESTUDO DE CASO SOBRE AS ESCOLINHAS DE
FUTEBOL DE FLORIANÓPOLIS – SC.**

Florianópolis

2005

Raul Antônio Wilpert

**O FUTEBOL COMO AGENTE DE INCLUSÃO E INTERAÇÃO
SOCIAL: UM ESTUDO DE CASO SOBRE AS ESCOLINHAS DE
FUTEBOL DE FLORIANÓPOLIS – SC.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção.

Orientador: Prof^o. Dr. Alexandre de Avila Leripio

Florianópolis

2005

Raul Antônio Wilpert

**O FUTEBOL COMO AGENTE DE INCLUSÃO E INTERAÇÃO
SOCIAL: UM ESTUDO DE CASO SOBRE AS ESCOLINHAS DE
FUTEBOL DE FLORIANÓPOLIS – SC.**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção do título de **Mestre em Engenharia de Produção** no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 24 de fevereiro de 2005.

Prof^o. Edson Pacheco Paladini, Dr^o.
Coordenador do Programa

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Áureo dos Santos, Dr^o.
Universidade do Sul de Santa Catarina
Examinador Externo

Prof^o. Alexandre de Avila Leripio, Dr^o.
Universidade Federal de Santa Catarina
Orientador

Prof^o. Christiano Ceccato, MSc.
Universidade Federal de Santa Catarina
Examinador

Prof^o. Narbal Silva, Dr^o
Universidade Federal de Santa Catarina
Examinador

Aos meus queridos e amados pais,
Antônio e Dilma. Agradeço a Deus a
benção de ter nascido desta união que
é uma verdadeira lição de amor.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof^o. Dr. Alexandre Ávila Leripio, meu orientador, por sua exigente e valorosa orientação, colocando acima de tudo a ética e o profissionalismo como condutor desta relação.

Aos Prof^{os}. Dr. Narbal Silva, Dr. Áureo dos Santos e MSc. Christiano Ceccato, membros da Banca Examinadora, pelo pronto atendimento ao convite e pela forma entusiasmada com que avaliaram este estudo e o incentivo em continuar investigando...

Aos colegas que gentilmente aceitaram participar da pesquisa, pessoas que foram fundamentais para o desenvolver deste estudo.

A esposa Rosemeri e a filha Rafaela pelo amor e companheirismo neste momento tão especial de nossas vidas.

Aos meus irmãos pelo apoio e incentivo.

A amiga Meri pelo incentivo do começo, pela orientação a tantas questões burocráticas no transcorrer deste estudo e por todo carinho e confiança depositados até o fim desta realização pessoal.

A amiga Stella Maris pela formatação deste estudo, por sua incansável disposição em qualquer hora e momento e sua contagiante fé.

Aos amigos Marcelo, Vargas, Selma, Sueli, Shelley, Luciane, Ismenia, Denise, Rosiglei, Evanilde, e Irene, que de uma forma muito valiosa me auxiliaram, vibraram e torceram para realização deste projeto pessoal tão importante.

A um ser iluminado que sempre me mostra o caminho e me ajuda a seguir...

Quando sabemos qual é o nosso propósito, o trabalho da alma se realiza da melhor forma possível através do nosso corpo. Um propósito claro elimina todas as dúvidas, pois identificamos aquilo que nos conduz à nossa meta ou nos desvia dela. A energia em nossas vidas é imensa quando uma clareza de propósito está sempre presente.

(Sônia Café – O anjo do propósito)

Nenhum de nós é tão bom e inteligente quanto todos nós [...]

(Marylin Feguson)

RESUMO

Este estudo traz como idéia central, verificar as possibilidades de inclusão e interação social através do futebol dentro de uma realidade específica das escolinhas de futebol existentes em Florianópolis, Estado de Santa Catarina. Para tanto, o método adotado se caracteriza como sendo de pesquisa exploratória, do tipo estudo de caso, numa abordagem qualitativa e quantitativa, tendo seu percurso através de uma revisão da literatura, onde se busca fazer um resgate histórico e cultural do futebol brasileiro, apontar suas fases e transformações, seu entendimento como esporte coletivo promotor de ações cooperativas e competitivas. Na análise dos resultados pôde-se constatar a forma tecnicista de abordagem do tema e condução do processo de ensino aprendizagem por parte dos responsáveis por escolinhas. Esta constatação apresenta ligação direta com a falta de formação acadêmica específica na área de Educação Física por parte dos responsáveis das escolinhas em estudo, que possibilite o entendimento da importância de um Projeto Político Pedagógico que defina intenções e objetivos, oriente ações e aponte estratégias a serem avaliadas e reavaliadas constantemente. Diante dos resultados, propõe-se um Programa para Inserção da Interação Cooperativa e/ou Competitiva em Escolinhas de Futebol como Fator de Inclusão Social, através da indicação de ações conscientes, na perspectiva de contribuir para o desenvolvimento integral de seres humanos comprometidos consigo mesmo, com seu próximo e com o meio, a fim de transformar essa estrutura social e torná-la mais justa e humana, usando como agente promotor o futebol.

Palavras-chave: Futebol; Escolinhas de Futebol; Interação Cooperativa e Competitiva; Inclusão Social.

ABSTRACT

The present study has as its main idea to verify the possibilities of social interaction through soccer in the specific reality of soccer training schools, specialized in children, which exist in Florianópolis, Santa Catarina State. To reach this goal, the chosen methodology was the exploratory survey, case study type, in a qualitative approach. It was done through a literature revision, aiming a historical and cultural review of the Brazilian soccer, pointing out its phases and changes, its role as a collective sport, promoter of competitive and cooperative actions. In the analysis of the results it was possible to verify the technical approach form that the professionals use to conduct the learning process in soccer training schools. Such evidence is directly related to the non-academic Physical Education habilitation of the mentioned professionals that would show the importance of a Educational Political Project, able to define intentions and objectives, guide actions and point out the strategies that need to be evaluated constantly. Taking the results into consideration, it is proposed a program called Competitive and Cooperative Social Interaction Process of Inclusion in soccer training schools, through conscious actions, thus contributing to the integral development of human beings that are compromised with themselves, with the society and with the environment, aiming to transform the present social structure to make it fairer and more human, using soccer as the promoting agent.

Key-words: Soccer; Soccer Training Schools; Cooperative and Competitive Interaction; Inclusion Social.

SUMÁRIO

Lista de ilustrações	9
1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Apresentação do Tema	12
1.2 Delimitação do Problema	13
1.3 Justificativa	13
1.4 Objetivos	14
1.4.1 Objetivo geral	14
1.4.2 Objetivos específicos	14
1.5 Especificações do Estudo	16
1.6 Estruturação do Estudo	17
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1 Um Resgate do Processo Histórico e Construção e Transformação do Futebol Jogado no Brasil	19
2.1.1 A origem do futebol brasileiro	19
2.1.2 O futebol como parte da cultura do povo brasileiro	21
2.1.3 A democratização do futebol brasileiro	24
2.1.4 A profissionalização do futebol brasileiro	25
2.1.5 O esporte moderno: uma breve retrospectiva	28
2.1.5.1 A iniciação esportiva e seus efeitos psicológicos	30
2.1.5.2 O fenômeno do jogo e a sua relação com o esporte	35
2.1.6 Os paradigmas do futebol “arte” e futebol “força”	36
2.1.7 A natureza competitiva e cooperativa do esporte “futebol”	40
2.2 O Futebol num Contexto Específico: Escolinhas de Futebol	43
2.2.1 O surgimento das escolinhas de futebol	43
2.2.2 Considerações sobre algumas concepções de aprendizagem	44
2.2.2.1 As concepções voltadas ao ensino do futebol	46
2.2.3 Uma adaptação dos métodos de ensino para esportes coletivos às escolinhas de futebol	49
2.2.4 O futebol como agente para a inclusão social	55
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	58
3.1 Pesquisa Bibliográfica	59
3.2 Pesquisa de Campo	60
3.2.1 Elaboração do questionário	61
3.2.2 Definição das variáveis	61
3.2.3 Identificação do público-alvo	63
3.3 Análise das Questões	64

3.4 Caracterização das Unidades do Estudo	65
3.4.1 Escola de Futebol A	65
3.4.2 Escola de Futebol B	66
3.4.3 Escola de Futebol C	67
3.4.4 Escola de Futebol D	68
3.4.5 Escola de Futebol E	69
3.4.6 Escola de Futebol F	70
3.4.7 Escola de Futebol G	71
3.4.8 Escola de Futebol H	72
3.4.9 Escola de Futebol I	73
3.4.10 Escola de Futebol J	74
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	75
4.1 Apresentação dos Dados	75
4.2 Proposta de Programa para Inclusão de Interação Social Cooperativa e Competitiva em Escolinhas de Futebol	100
4.2.1 Objetivo geral	100
4.2.2 Objetivos específicos	101
4.2.3 Justificativa	101
4.2.4 Conteúdo	102
4.2.5 Material utilizado	103
4.2.6 Escolinha que utiliza o método de interação social cooperativa e competitiva: Escola de Futebol do Avante	103
4.3 Conclusão do Capítulo	104
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
5.1 Alcance dos Objetivos	107
5.2 Limitações do Estudo	110
5.3 Recomendações	110
REFERÊNCIAS	111
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	114
APÊNDICE	116
Apêndice A – Questionário aplicado aos responsáveis por escolas de futebol de Florianópolis	116
ANEXO	120
Anexo A – Organização do campeonato entre escolinhas de futebol de Florianópolis	120

Lista de ilustrações

Figura 1 – Esquema de classificação das questões do instrumento de coleta de dados de acordo com as variáveis consideradas	62
Figura 2: Time de futebol da Escola A	65
Figura 3: Time de futebol da Escola B	66
Figura 4: Time de futebol da Escola C	67
Figura 5: Time de futebol da Escola D	68
Figura 6: Time de futebol da Escola E	69
Figura 7: Time de futebol da Escola F	70
Figura 8: Time de futebol da Escola G	71
Figura 9: Time de futebol da Escola H	72
Figura 10: Time de futebol da Escola I	73
Figura 11: Time de futebol da Escola J	74
Figura 12: Natureza social das escolinhas	75
Figura 13: Cobrança de mensalidade	77
Figura 14: Categorias utilizadas nas escolinhas	79
Figura 15: Participação em competições	80
Figura 15.1: Critérios de participação em competições	81
Figura 16: Projeto com objetivos definidos, cronograma de atividades e etapas planejadas	83
Figura 17 Como acontece o processo ensino-aprendizagem	84
Figura 18: Opção de trabalhar com escolinhas de futebol	85
Figura 19: Nível de formação dos entrevistados	87
Figura 20: Possibilidades de criatividade	89
Figura 21: Processos de interação social que estão baseadas	91
Figura 22: Possibilidade de desenvolvimento simultâneo de dois processos de interação social	92
Figura 23: Aquisição de valores	93
Figura 24: Comportamento dos pais em relação aos filhos	95
Figura 25: Comportamento dos filhos em relação aos pais	96
Figura 26: Contextualização histórica e cultural do futebol	97
Figura 27: Contribuição do tema abordado	99
Figura 28: Time de futebol da Escola do Avante	104
Quadro 1 – Passos metodológicos do estudo	59
Quadro 2 – Potenciais fatores restritivos e os potenciais fatores facilitadores	105

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação do Tema

A elaboração de uma dissertação remete a um momento de “cientificação” das idéias. A busca pela melhor palavra que dê significado a investigações e posterior descoberta.

Quando se escreve busca-se o entendimento a quem vai ler. É como se conversasse com alguém, buscando a participação desse alguém, através de um assunto que seja interessante, agradável e produtivo.

É interessante também buscar esse “diálogo” ao maior número de pessoas possíveis, por isso acredita-se que se deve fazer-se numa “linguagem popular”, ou melhor, buscar uma que seja de entendimento público, sem termos técnicos e formalizados.

É desta forma que se acredita que seja um desafio ainda maior escrever sobre o futebol. Na visão de Rezer (2003, p.63)

Seguindo o princípio da grande quantidade de prática deste no Brasil, é infinitamente maior que a maioria dos outros esportes, quer seja na periferia ou no centro das grandes ou pequenas cidades, nos centros de ensino (escolinhas de futebol ou escolas) ou nas áreas rurais, com pessoas de todas as idades e níveis de formação escolar, nunca esquecendo de sua grande popularização, bem como das razões e implicações envolvidas nesse processo.

É preciso refletir mais sobre o “fenômeno” futebol, buscar sua origem como esporte coletivo, sua introdução no Brasil, e a partir daí, toda sua influência na vida social, cultural e política do povo brasileiro, seus personagens, seus encantos e magias.

Tornar pública tão fantástica manifestação popular que representa um instrumento poderosíssimo de formação social e profissional a quem nele atua seja como praticante ou como espectador.

1.2 Delimitação do Problema

Como se percebe, nos dias de hoje as pessoas buscam ocupar suas horas livres na prática de algum esporte ou uma outra atividade física, sendo que o brasileiro, em especial, tem sua grande preferência pelo futebol. Percebe-se, também, que esse flagrante interesse da sociedade provoca nas instituições governamentais e privadas, iniciativas de apoio e patrocínio que em contrapartida lhes renderão o status de parceiros a iniciativas sociais, além, é claro, do retorno econômico-político que as mesmas terão.

Hoje, com o crescimento da violência e o desenvolvimento das cidades, a criança já não tem espaço para jogar e brincar, e uma das últimas iniciativas para se jogar e a escola e suas extensões (escolinhas esportivas), mas precisamos estar atentos para qual jogo necessitamos. Será que os jogos dos quais nossas crianças participam nas escolas e extensões (escolinhas de futebol – objeto deste estudo) ajudam a transformar nossa difícil realidade? Será que pedagogicamente está se dando a possibilidade de reflexão, para que nossas crianças descubram através do jogo a melhor maneira de se viver?

Para essa investigação percebe-se essencial ouvir (por parte de quem as conduz) e observar iniciativas de formação de base, tais como as “escolinhas de futebol”, que segundo Rezer (2003, p.6), “são espaços contextuais destinados ao ensino do futebol, em momentos fora do período escolar com possibilidades de diferentes conotações”, ou seja, podem possuir vários objetivos, que varia da formação de atletas (concepção hegemônica) até práticas que se dão como verdadeiros passatempos.

Desta forma as escolinhas de futebol se credenciam como uma das alternativas de incentivo a prática do mesmo, até porque com a explosão imobiliária, as possibilidades dessa prática, que antigamente eram inúmeras, com

campos de várzea em todas as localidades, se tornaram escassas. Neste sentido, Fenterseifer (apud REZER, 2003, p.43) enfatiza que

Campinhos, parques, terrenos baldios, tem suas quantidades reduzidas a cada momento, sob o pretexto do desenvolvimento do mundo moderno. Neste sentido, os jogadores oriundos da chamada 'várzea', tornam-se cada vez mais raros em nossa estrutura esportiva de alto nível, e as escolinhas/categorias de base passaram a ser o caminho (quase obrigatório) para o mundo do trabalho nos esportes.

O futebol, sendo um esporte essencialmente coletivo, verdadeira paixão do povo brasileiro, parece possuir um potencial de interação social sem igual.

Vislumbra-se com o aparecimento das escolinhas de futebol, que este potencial de interação social por meio de uma prática pedagógica que se oriente através de objetivos definidos e esclarecedores com possibilidades de escolha consciente e crítica de quem os pratica, se confirme.

Pretende-se investigar através dessas práticas pedagógicas duas possibilidades de formação que o futebol viabiliza: a formação baseada no princípio cooperativo, onde o aluno aprende a jogar com seus companheiros com objetivos que superam a visão de aprender o futebol como um fim em si mesmo, e a formação baseada no princípio competitivo onde o aluno é preparado para produzir e vencer, especializando-se no aspecto físico, técnico e tático do futebol através de treinamento específico e seletivo, onde aprende a jogar contra seu adversário com o objetivo de sobrepujança e competitividade no futebol.

Diante disso, busca-se responder no presente estudo a seguinte pergunta: **Os métodos e procedimentos dos professores e/ou responsáveis por escolinhas de futebol se orientam pelo processo de interação cooperativa e/ou competitiva?**

1.3 Justificativa

Há muito, o futebol se infiltrou de tal forma na sociedade brasileira que está presente no seu dia-a-dia de uma maneira impressionante. Respira-se futebol e fala-se de futebol, quer se goste ou não, bastando acessar o site <www.google.com.br> para que se veja a gama de informações sobre o tema.

Embora, ainda hoje, não se encontre com facilidade na literatura reflexões consistentes sobre a cultura do futebol brasileiro, é intenção buscar esse esclarecimento através deste estudo, por meio de um resgate histórico que propicie conhecer este jogo chamado “futebol”, a inserção como processo social, e a correspondência de sua verdadeira dimensão na sociedade brasileira. O incentivo ao esporte e a cultura são fatores que contribuem para o desenvolvimento humano e social dos indivíduos. O contínuo e progressivo aprender a conhecer, aprender a ser, aprender a conviver e aprender a fazer orienta a filosofia pedagógica dos programas desenvolvidos (CAPELA, 1996).

Segundo Freire (apud CAPELA, 1996), educar-se é ter consciência crítica das necessidades de mudanças na sociedade onde se está inserido. Desta forma, constata-se que a formação do verdadeiro cidadão acontece pelo processo de conscientização das ações no mundo em que vive. Acredita-se que pelo seu impressionante poder de interação social, o futebol se qualifica como um tema bastante apropriado para contribuir com o processo de conscientização de um mundo de igualdade e oportunidades para todos.

Isto posto, é de relevância social esta investigação, pela possibilidade de fornecer importantes informações que permitam àqueles envolvidos e preocupados (escolas e categorias de base de clubes profissionais) com as formas de orientações e procedimentos vivenciados no processo de ensino-aprendizagem, tenham como “agente de interação” para a inclusão social, o futebol.

Ressalte-se, também, que a justificativa passa pela oportunidade de fornecer às bibliotecas escolares mais um material científico.

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo geral

Propor um Programa para Inserção de Interação Cooperativa e Competitiva em Escolinhas de Futebol como Fator de Inclusão Social.

1.4.2 Objetivos específicos

- 1) Identificar os processos sociais que norteiam os métodos e procedimentos das escolinhas de futebol;
- 2) Verificar se os métodos e as práticas pedagógicas das escolinhas de futebol de Florianópolis estão sendo orientados pelo processo de interação cooperativa e competitiva;
- 3) Descrever e avaliar os métodos e as práticas utilizados para o ensino do futebol nas escolinhas;
- 4) Delimitar um Programa para inserção da interação cooperativa e competitiva em escolinhas de futebol como fator de inclusão social.

1.5 Especificações do Estudo

Este estudo se concentra em verificar nas escolinhas de futebol de Florianópolis analisadas, se os métodos e os procedimentos adotados por seus professores e/ou responsáveis se orientam pelo processo de interação cooperativa e competitiva.

As características das fontes de informação nem sempre serão científicas.

Se utilizou a expressão “responsável por escolinha” devido ao fato de se ter verificado na amostra analisada que a maioria dos entrevistados não possui formação acadêmica.

Neste processo investigativo, o estudo estará constantemente apoiado por uma abordagem qualitativa e quantitativa para analisar as situações que se desenvolveram, sendo esta com base na observação uma realidade específica. Desta forma, os resultados se restringem à amostra analisada, não sendo recomendada sua generalização, por se tratar especificamente da amostragem da cidade de Florianópolis.

1.6 Estrutura do Estudo

Para o desenvolvimento deste estudo, o trabalho foi dividido em cinco etapas.

A primeira etapa foi dedicada à Introdução, onde buscou-se relacionar as questões envolvidas neste estudo na apresentação do tema, definição do problema e dos objetivos geral e específicos, a delimitação do estudo, a justificativa e relevância do mesmo, e a estrutura do trabalho.

Na segunda etapa procurou-se, através de uma revisão bibliográfica, reconstruir o processo histórico de construção e transformação do futebol culturalmente jogado no Brasil, descrevendo sua origem, sua contribuição cultural, sua democratização e a profissionalização. Tratou-se, ainda, de defini-lo dentro dos paradigmas do “futebol arte” e “futebol força”, culminando com sua atuação no processo de interação cooperativa e competitiva para a inclusão social, além de uma breve retrospectiva do esporte moderno, sua ascensão, como vem sendo encaminhado e praticado, seus aspectos psicológicos e sua relação com o jogo. Finalizando, abordou-se as escolinhas de futebol, discorrendo sobre seu surgimento, algumas concepções de aprendizagem voltadas ao ensino do futebol, com adaptação às escolinhas de futebol, e por fim, o futebol como “agente” para a inclusão social.

Na terceira etapa descreveu-se os procedimentos metodológicos.

Na quarta etapa descreveu-se uma pesquisa de campo para que se pudesse conhecer a realidade das Escolinhas de Futebol de Florianópolis, e apresenta propostas de melhorias. Neste mesmo capítulo é proposto um Programa para Inserção da Interação Cooperativa e Competitiva em Escolinhas de Futebol.

A quinta etapa foi reservada para as considerações finais, o alcance dos objetivos, a limitação do estudo, e as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Resgate do Processo Histórico de Construção e Transformação do Futebol Jogado no Brasil

Este capítulo aborda a origem do futebol brasileiro, o futebol como fonte de cultura, a democratização e a profissionalização do futebol, a retrospectiva do esporte moderno, os paradigmas do futebol “arte” e futebol “força”, e a natureza competitiva e cooperativa do esporte “futebol”. Discorre, ainda, sobre o futebol num contexto das escolinhas de futebol, seu surgimento, algumas considerações sobre concepções de aprendizagem, com foco naquelas voltadas ao ensino de futebol, e uma adaptação dos métodos de ensino para esportes coletivos às escolinhas de futebol.

2.1.1 A origem do futebol brasileiro

O “início de tudo”, segundo literaturas específicas sobre o assunto, aconteceu em 1894, por intermédio de Charles W. Müller, brasileiro de origem inglesa. Ao retornar da Inglaterra para onde teria ido com dez anos de idade para estudar, trouxe consigo uma bola de futebol para então divulgá-lo entre os ingleses residentes em São Paulo.

Este esporte, então, primeiramente se difundiu entre a elite de uma forma organizada em sociedades de clubes. O primeiro clube a praticar o futebol foi um clube inglês chamado São Paulo Athletic Club, ao qual Müller se associou. O clube era formado por altos funcionários ingleses da Companhia de Gás, do Banco de Londres e da São Paulo Railway.

Entre os brasileiros o futebol também foi se difundindo nas camadas sociais superiores, quase sempre por filhos de fazendeiros. A primeira equipe brasileira foi formada por alunos do Mackenzie College de São Paulo. E assim outros jovens imigrantes europeus dentre eles os alemães também buscaram no futebol o aproveitamento do tempo livre.

O primeiro jogo importante a se ressaltar, aconteceu entre os funcionários do Comércio de Nobiling contra o pessoal inglês da Companhia de Gás, da estrada de Ferro e do Banco no ano de 1899, perante um público surpreendente de 60 torcedores¹, vencido pelos ingleses.

Para que se entenda que a institucionalização do futebol no Brasil tem a ver com sua colonização através da história, cita-se Souza (2001, p.24), quando aponta que: “a influência da Europa em especial da Inglaterra, com seus costumes, cultura e modelos nesta sociedade, com o tempo demarcado entre o final do século XIX e início do século XX, não se dá por acaso.” Ou seja, com a invasão de Portugal pela França em 1808, o Brasil ficou para Inglaterra.

Diferentemente do que acontece na Inglaterra, onde o futebol nos colégios era jogado as escondidas, são justamente nos colégios brasileiros que o futebol é abertamente estimulado. Tudo indica inclusive, que a Igreja Católica tão poderosa quanto o Estado, tenha apoiado sua prática (ROSENFELD, 1993).

O aprendizado deste novo jogo por seus jovens alunos nos colégios ultrapassa seus muros para os clubes que se formavam. O sucesso rapidamente alcançado pelo futebol se deve exatamente por ter se enraizado no gosto desta juventude intelectual brasileira, bem como o desejo despertado nos mesmos de sobrepujar seus colonizadores².

A vida social brasileira passa a ter uma nova opção, o futebol. Este, por sua vez, passa a ser símbolo de virilidade contrastado com uma boa formação cultural por parte de seus praticantes, adquirida nos melhores colégios, já que eram estes os mesmos que freqüentavam os clubes de futebol de então. Cabia a

¹“O verbo ‘torcer’ significa ‘virar, dobrar, encaracolar, entortar’ etc. O substantivo ‘torcedor’ designa, portanto, a condição daquele que, fazendo figa por um time, torce quase todos os membros, na apaixonada esperança de sua vitória” (ROSENFELD, 1993, p.94).

² Termo utilizado ao referir-se aos ingleses imigrantes. A Inglaterra é considerada oficialmente o país que inventou o futebol (ROSENFELD, 1993).

mulher, as arquibancadas, como única forma de participação dentro deste novo esporte.

Nas ruas, os meninos, sobretudo os negros, começavam a despertar suas curiosidades por este jogo de bola, observando timidamente num espaço que lhes eram permitidos ou onde ninguém os viam e aproveitavam quando uma dessas bolas chegavam aos seus alcances para um tão esperado contato com as mãos e pés, sentindo seu peso, observando a sua forma e tamanho, antes de devolve-la ao campo de treino.

Foi através desse contato cada vez mais freqüente com a bola até a obtenção de uma delas, provavelmente oriunda de um chute de algum estudante numa partida qualquer, realizada em um colégio ou clube que por um “acaso” não foi devolvida. Surgem a partir daí as famosas “peladas”, jogos de futebol realizados em campos localizados em terrenos irregulares e reduzidos. Seus praticantes, quase sempre adolescentes desocupados que nem a escola freqüentavam e por terem o dia praticamente livre, rapidamente se apropriavam de uma rara técnica particularmente brasileira (ROSENFELD apud CAPELA, 1996, p.148-152).

Cabe, citar Ostermann (1998, p.152), o qual aponta que

O futebol nasce de muitas formas, mas, talvez, nasça mais como futebol de colégio, de pátio, ou campinho atrás das árvores [...] Mesmo que não se ensine nada a respeito desta arte de jogar futebol. Por isso ele guarda um gesto de espontaneidade, parece ser obra liberada pela alegria de seguir a bola e se reconhecer entre companheiros que chutam na mesma direção.

Pode-se se dizer, então, que o acaso e a curiosidade aproximaram o brasileiro do esporte mais apaixonante do mundo. Esporte este que se passa a “dominar” em conquistas e reconhecimento mundial.

2.1.2 O futebol como parte da cultura do povo brasileiro

É importante elucidar os fatos históricos para que se chegue ao entendimento de como o futebol enraizou-se na cultura do povo brasileiro.

Alguns apontamentos históricos levam a crer que o Brasil, a partir do modelo social e econômico impostos por países considerados desenvolvidos (entre eles a Inglaterra), incorporou em seu contexto o avanço capitalista europeu. Desta forma, as poucas oportunidades de diversão das classes sociais mais 'inferiores', oportunizaram a disseminação da prática do futebol, que apresenta alguns marcos em sua popularização (SOUZA apud REZER, 2003, p.30).

Neste contexto vivenciado no século XIX, observa-se fundamentalmente a expansão das metrópoles provocada segundo Sevckenko (apud CAPELA, 1996), devido ao desenvolvimento científico tecnológico que proporcionou migrações na busca desenfreada pela conquista de mercado e matéria prima por todo o mundo. Ou seja, por conta das novas tecnologias e incremento de capital estrangeiro que proporcionam uma rápida expansão industrial, as portas se abrem para força de trabalho, provocando o deslocamento de muitos povos de seus países de origem, transformando cidades em metrópoles, no Brasil, esta transformação acontece em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Já no início do século XX, constata-se uma verdadeira explosão demográfica nessas cidades. Como se não bastassem os imigrantes, juntam-se a eles, os escravos abolidos da escravatura, brancos chegando da roça e de todos os lados.

A divisão de classes sociais torna-se bastante distinta: enquanto nas ruas, se reproduziam mendigos, biscateiros, prostitutas e desempregados a burguesia prosperava.

O mesmo distanciamento acontecia na forma de se divertir. Os ricos preferiam (e podiam) freqüentar os clubes, andar a cavalo pelas ruas, assim como o boliche, o ciclismo e o café dançante. Já o povão organizava suas festas misturando religião (através das procissões), música (através do samba), o jogo do bicho e a dança da capoeira dentre outras espécies de diversão (CAPELA 1996).

Num crescimento mais lento que São Paulo, o Rio tinha entretanto, uma 'massa' de pessoas mais disponíveis. Com a necessidade de reestruturar a cidade que tinha uma arquitetura muito fechada em si própria e a necessidade de abrir grandes avenidas para ventilar a cidade, mais gente ainda ficou nas ruas muitos despejados e sem emprego (SOUZA, 2001, p.27).

Então, em 1904, por conta de uma revolução que durou quatro dias e destruiu a cidade do Rio de Janeiro, acontece a repressão da polícia, principalmente sobre os anarquistas pela liderança política e os capoeiristas por terem usado seu “jogo de movimentos corporais” como arma para o confronto físico.

Justamente a capoeira que até então era a grande manifestação de lazer das camadas populares, abre espaço para que o futebol ocupe o seu lugar.

Tendo apoio inclusive das autoridades por entendê-lo com potencial amenizador de conflitos e com o qual poderia ser facilmente conduzida e estimulada a sua prática contra a capoeira, o futebol se introduz definitivamente na sociedade brasileira (CAPELA, 1996).

Porém, na época o futebol brasileiro ainda em formação, incorpora na sua forma de jogar, toda expressão corporal da capoeira. Uma linguagem atrevida de movimentos e gingas, a fim de superar o adversário, transformando-se numa característica marcante da cultura do futebol brasileiro. Segundo ROSENFELD, 1993, p.101), *“no futebol, como na política, a mulatice brasileira caracteriza-se pelo prazer da elasticidade, da surpresa, da retórica, que lembra passos de dança e fintas de capoeira.”*

O futebol, em princípio um esporte só para burguês, jogado de forma violenta e bastante previsível, antes só para imigrantes e depois por grã-finos de famílias tradicionais brasileiras, passa então a ser jogado pelo povão, com seu jeito próprio, dito mulato de jogar bola.

O brasileiro, pode-se assim dizer, incorpora o futebol em sua cultura. No seu dia-a-dia usa expressões que comprovam tal afirmação, como as citadas por Milan (1989, p.5) a seguir:

Sentir-se, por exemplo, querido ou cobiçado, garante que o outro lhe 'deu bola'. Se tiver enganado o opositor, vangloria-se com o verbo 'driblar'. Tendo se enganado, confessa que 'pisou na bola'. Se excluído de atividade ou grupo, esta 'fora da jogada'. Se em dificuldade, mas com intenção de vencer, 'vai derrubar a barreira' e ele então clama 'bola pra frente'. Caso, no entanto, abrir mão da luta, anuncia que 'tira o time de campo'. Ameaça aposentar-se 'pendurando as chuteiras', seja de homem ou mulher.

Pode-se então considerar o futebol tão importante manifestação artística quanto à música, cinema, teatro e artes plásticas? É fato que o mesmo não é devidamente expresso dentro dessas manifestações. É bem provável que isso ocorra porque o próprio futebol incorpora todas essas manifestações dentro do espetáculo de suas partidas (CAPELA, 1996).

2.1.3 A democratização do futebol brasileiro

Aos poucos o futebol, antes esporte e essencialmente de elite, passa as ruas, ao alcance em todos de uma forma democrática de sua prática.

A fundação do Bangu Athletic Club, em 1904, foi também um grande marco para a democratização do futebol brasileiro. Clube de uma fábrica inglesa localizada em um bairro do subúrbio carioca se tornaria longe para que seus compatriotas do centro do Rio pudessem completar suas equipes. Desta forma abriu-se a oportunidade para que nativos operários da fábrica incorporassem suas equipes.

Sabedores de experiências semelhante e bem sucedida ocorrida na Rússia, a direção da fábrica não pôs empecilho para tal abertura. Ao contrário, estimulou a iniciativa, proporcionando privilégios especiais à nova categoria de jogadores, como: licenças para treinar, trabalho mais leve, possibilidade de promoção mais fácil e rápida. O sucesso é tão grande que a fábrica passa a ser confundida com o seu time de futebol.

Essa nova proposta de democratização que surgiu na verdade por uma necessidade e não por uma espontânea conscientização de igualdade social,

possibilita a inclusão dos brancos pobres e negros, jogadores de futebol, nas federações dos clubes, passando assim a serem finalmente reconhecidos.

Porém, essa inclusão acima mencionada, não foi facilmente aceita. A possibilidade de socialização entre classes através do futebol entra em contradição quando a burguesia percebe que a forma de jogar do pobre lhe é superior.

Acirram-se assim, os conflitos de classes. Ocorrem muitas confusões na política dos clubes e federações. Clubes como o Paulistano rompe com a associação existente e funda uma nova, na realidade exigiam que as equipes fossem integradas por “jovens delicados e finos”.

E assim outras exigências por parte da burguesia vão acontecendo. A necessidade de alfabetização por parte dos jogadores, já que as ligas superiores exigiam a assinatura dos mesmos nas súmulas. E como se não bastasse, posteriormente exigiam inspeções nas firmas, na busca de indícios que provassem que os mesmos craques que faziam a “diferença” nos gramados estariam trabalhando, atividade esta, proibida. Ou seja, na exigência da prática do futebol como atividade puramente amadora, para se jogar na primeira liga devia-se comprovar ser rico, possuir fortuna e não precisar trabalhar ou ter emprego fixo. Só que todas essas medidas exclusivistas foram inúteis. O talento vence a opressão e a classe mais baixa sobe a primeira divisão (CAPELA, 1996).

2.1.4 A profissionalização do futebol brasileiro

A profissionalização do futebol brasileiro se deve a oportunidade percebida pelos clubes de venda do futebol como espetáculo de grande público. O seja, com a popularidade atingida, o futebol despontava como um grande negócio.

Para os clubes, existia a necessidade de vencer para manter esse negócio rentável e isso só seria possível com equipes qualificadas que pudessem produzir resultados positivos dentro de campo.

O futebol tornava-se assim, o produto mais importante a ser exposto na vitrine desses clubes, concentrando interesses financeiros cada vez maiores.

Os dirigentes dos clubes logo perceberam nas camadas inferiores, o talento daqueles que jogando futebol nos campos de várzea (lugares adaptados para o jogo do futebol com dimensões reduzidas e pisos irregulares, geralmente construídos nos subúrbios e usufruídos pela classe baixa e desocupados), dentre eles: brancos pobres, negros e mulatos, a única chance de tornarem suas equipes competitivas.

Aos escolhidos, atraídos pelos bichos³ oferecidos por esses dirigentes, restavam abraçar a oportunidade oferecida, já que não podiam freqüentar os estudos e muitas vezes nem profissão tinham.

Essa atração de interesses mútuos possibilitou, então, que por volta de 1910 acontecesse o processo de profissionalização do futebol. No entanto, se faz necessário abordar de uma forma mais detalhada como esse processo se desencadeou.

Em princípio, o pagamento através de bichos, não dava aos jogadores a estabilidade necessária para uma vida digna, vivendo exclusivamente do futebol. A garantia do pagamento do bicho só acontecia em caso de vitórias nos jogos. De qualquer forma sempre haveria uma equipe perdedora e, conseqüentemente, jogadores sem pagamentos. Diante desta situação de dependência, muitos jogadores acabavam na miséria, desnutridos ou morrendo de tuberculose.

Essa dificuldade financeira, porém, não acontecia com os clubes, muito pelo contrário enriqueciam rapidamente. O futebol, assim como uma indústria de prazer e diversão, capaz de unir as distintas classes de pobres e ricos em torno do espetáculo como objetivo comum, provocava também, a ganância financeira dos clubes em detrimento a miséria quase que completa do verdadeiro artista da bola, o jogador de futebol.

³ Termo originário do jogo do “bicho”. “Caso vencessem os jogos, os jogadores recebiam valores em dinheiro que correspondiam a um determinado animal. Por exemplo: ‘cachorro’, valia cinco mil réis; ‘coelho’, valia dez mil-réis; ‘galo’, valia 50 mil-réis; ‘vaca’, valia 100 mil-réis, e assim por diante” (ROSENFELD, 1993, p.85).

Os torcedores que freqüentavam os estádios tornavam-se cada vez mais exigentes. Não mais queriam ver o jogo amador entre estudantes e grã-finos. Esses agora queriam ver jogadas plásticas, alegres, de pura habilidade que geralmente eram realizadas pelos negros e brancos pobres oriundos da várzea e do futebol de rua⁴.

Um outro fato que acelerou o processo de profissionalização do futebol foi o desconforto demonstrado pelos jogadores de elite quando tinham que dividir espaços em outras dependências dos clubes com jogadores pobres e negros, já que estes últimos eram os que garantiam o sucesso nas bilheterias.

Melhor dizendo, com a verdadeira profissionalização do futebol, ficariam demarcadas as dependências onde os jogadores da camada inferior, principalmente os negros, poderiam transitar. Sendo estes remunerados, suas presenças estariam restritas aos gramados.

Limitados a transitar somente nos gramados e ainda assim por fazê-lo com extrema habilidade, impossível de ser copiado pela elite, registra-se casos como a do jogador Carlos Alberto do Fluminense que para jogar teria que se passar por jogador branco. Sempre nos preparativos que antecediam o jogo, Carlos Alberto passava camadas de pó de arroz no rosto e colocava uma gorra de meia na cabeça para assentar seu cabelo pixaim. Fato este que levou o fluminense a ser popularmente conhecido como “pó de arroz”.

Outro fato não menos preconceituoso refere-se a Fausto Silva, um dos maiores jogadores negros da história do futebol brasileiro que segundo Rosenfeld (1993, p.87), *“quando quer que ultrapasse a soleira, ele vestido com solenidade, sentia-se marginalizado por mais que em alguns casos, até diretores do clube se esforçassem no sentido de sua integração social.”*

Entretanto, foi o fato da profissionalização do futebol em outros países já ter sido oficializada e com o fascínio que o jogador brasileiro despertava aos clubes do exterior, começaria um verdadeiro êxodo de bons jogadores para esses clubes.

⁴Jogo de futebol em ruas, terrenos baldios, ou becos onde tudo era adaptado (bola, número de jogadores, dimensões do campo, traves etc.) (ROSENFELD, 1993).

Os clubes brasileiros por sua vez, preocupados com o desinteresse do público pelo espetáculo do futebol, produzido agora por jogadores limitados tecnicamente e a conseqüente diminuição nas bilheterias, sacramentaram por fim, a profissionalização do nosso futebol.

2.1.5 O esporte moderno: uma breve retrospectiva

O esporte moderno segundo Thomas Arnold iniciou sua ascensão com a restauração dos jogos olímpicos pelo barão Pierre de Coubertin. Para um melhor entendimento do esporte moderno o autor o divide em dois paradigmas:

- 1) Quando somente o esporte de rendimento era perspectivado;
- 2) Quando da aceitação de uma prática esportiva para todos, somou-se o rendimento a participação e a formação.

Segundo Gebara, Faria Júnior, Bramante, et al. (1992), nos primeiros tempos buscou-se somente o rendimento. Com sua evolução aumentou-se o número de modalidades, destacando-se o surgimento dos esportes coletivos.

Nos anos 30, Hitler nos jogos olímpicos, quis utilizar-se dos jogos para evidenciar uma suposta vantagem da raça ariana sobre as demais. Hitler, porém, foi derrotado pelo negro norte-americano Jesse Owens.

A perspectiva de utilização política do esporte começou efetivamente nos anos 50 com o ingresso da União Soviética nos jogos olímpicos em 1952 (Helsinki) e o investimento financeiro dos Estados Unidos na preparação de seus atletas. O conflito anterior que se dava apenas no campo esportivo (amadorismo versus profissionalismo), passa também ao campo político numa batalha permanente entre capitalismo e socialismo. A idéia de uma ética esportiva construída nos tempos em que prevalecia o espírito olímpico de Arnold e do *Fair play*⁵ é derrotado pela competição avassaladora em busca da vitória a qualquer

⁵ O termo tem em sua concepção o jogar cavalheiristicamente, respeitando as regras do jogo e o adversário. Perder ou ganhar com decoro (SOUZA, 2001, p.17).

custo. A ponto de aflorar com muita intensidade alguns traços característicos de desvio social, tais como: suborno e *doping*.

O esporte escolar no Brasil, nas décadas de 60 e 70, transformou-se no maior meio para detectar talentos, com o intuito de formar a base da pirâmide esportiva nacional. Assim sendo, o esporte acabou, historicamente fornecendo o recheio metodológico para as aulas de Educação Física.

Como reação a esse estado de coisas, começaram várias reações sob a forma de documentos importantes filosóficos de organismos internacionais (“Manifesto do esporte”, “Carta Européia de Esportes para Todos”, “Manifesto do Fair Play”, Manifesto de Educação Física”e outros), manifestações de protesto da intelectualidade esportiva internacional, e no surgimento do movimento Trim, na Noruega, que mais tarde estabilizou-se na sua expansão como “Esporte para Todos” (GEBARA, FARIA JÚNIOR, BRAMANTE, et al., 1992).

Mesmo assim, as manifestações políticas no esporte multiplicaram-se, principalmente nas Olimpíadas. Pode-se exemplificar citando: a manifestação *black-power*⁶ (México - 1968), o massacre dos atletas israelenses (Munique - 1972), os diversos boicotes (Montreal - 1976; Moscou - 1980 e Los Angeles - 1984).

Diante disto, em 1978 a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) edita a “Carta Internacional de Educação Física e Esportes”, embora seja somente publicada em 1979. Inicia-se então o segundo período paradigmático geral do esporte. Essa carta, logo no seu artigo primeiro, interpreta o esporte como um direito de todos e com isto consolida que além de um esporte de rendimento, existe também um esporte participativo, da pessoa comum, e um esporte educativo, para as crianças e adolescentes (GEBARA, FARIA JÚNIOR, BRAMANTE, et al., 1992).

Percebe-se que muitas pessoas, de uma maneira geral, apreciam assistir transmissões esportivas ou mesmo, presenciar jogos em ginásios e estádios, porém não possuem o hábito de praticá-los. Imagina-se que tal fato seja decorrente da forma como a Educação Física ao longo dos anos vem se revelando no ambiente escolar reproduzindo modelos esportivos com fim em si

⁶ Termo que significa ‘poder preto’ (SOARES, TAFFAREL, VARJAL et al., 1992).

mesmo, de forma seletiva e exclusiva, limitando possibilidades, favorecendo os alunos considerados “mais habilidosos” em detrimento daqueles considerados “menos habilidosos”.

2.1.5.1 A iniciação esportiva e seus efeitos psicológicos

Para que se possa descrever sobre iniciação esportiva e seus efeitos psicológicos, entende-se como necessário fazer algumas considerações sobre a importância e conscientização de um estilo de vida saudável que de acordo com Nahas (2001, p.2), os responsáveis por promoverem esta tomada de conscientização são os profissionais da saúde e principalmente da Educação Física.

Se as informações forem relevantes para o grupo a que se destina, se estiverem associadas a reais oportunidades para a prática, e se houver o apoio social necessário, pode-se, então esperar que estimulem mudanças de atitudes e até de comportamentos, o que levaria a uma melhor condição geral de bem-estar e saúde.

Vários são os motivos alegados pelas pessoas que não conseguem ou não querem manter uma rotina de exercícios, destacando-se a falta de tempo, falta de recursos e de oportunidades, até mesmo a falta de vontade ou por não gostar de realizar esforços fora do seu ritmo de trabalho.

Por outro lado, estudos da fisiologia têm demonstrado que exercícios físicos regulares podem modificar a estrutura e o funcionamento orgânico em múltiplos aspectos.

Para Nahas (2001), estes estudos demonstram, ainda, que nenhum outro estímulo pode atuar, direta ou indiretamente, em tantos órgãos e sistemas cardiovascular, muscular, ósseo, endócrino e nervoso.

A iniciação esportiva, dentro do programa de Educação Física, como o próprio nome sugere, é entendido como o momento de familiarização do aluno com o esporte. Para tanto, entende-se que devam ser utilizados jogos pré-desportivos já que os mesmos priorizam o lúdico, exigem o mínimo de

comportamento tático, técnico e até mesmo físico, utilizando-se de regras básicas que inclusive são passíveis de modificações, dependendo das expectativas dos alunos e da realidade do ambiente vivenciado.

Entretanto, o real de uma aula de Educação Física, comumente, é o uso da competição esportiva, envolvendo classes, turmas e períodos ou escolas, sem uma devida preparação para esse processo. Perpetua-se o objetivo, em sua grande maioria de vezes, de sagrar-se o campeão, independente do meio utilizado para isso (BURITI, 2001, p.19).

De acordo com Capela (1996) “o esporte é utilizado nas sociedades modernas com o fim de gerar mecanismos contraditórios de integrar, ao mesmo tempo em que preserva e não altera as diferenças sociais.” Pode-se considerar que o esporte se tem constituído de três distintos elementos: o jogo, o exercício físico e a competição.

Tal discussão tem apontado duas tendências entre seus profissionais e estudiosos: uma que se pode chamar de tendência separativista e outra que não admite a separação entre esses fenômenos. Seguidores da primeira tendência defendem a idéia de que a quase totalidade dos conteúdos veiculados pela a Educação Física não lhes pertence, porque são conhecimentos técnicos estruturados e sistematizados dos diferentes esportes (voleibol, atletismo, futsal, handebol...). Os que não admitem a separação, por sua vez, consideram tanto a Educação Física quanto o Esporte como fenômenos culturais indissociáveis, tendo em vista a quase impossibilidade de historicizar um separado do outro, pois no fundo o que está em discussão é o movimento humano de alguém que pensa, sente e age, operando num meio social em que interage e sofre ações (CAPELA, 1996).

Qualquer que seja a abordagem, pode ser visto como um meio de educação, sempre que estiver estruturado e organizado em função das características de aula de Educação Física, em instituições de ensino, uma vez que trabalha intensamente os três canais de desenvolvimento do ser humano, Entretanto, da forma abstrata e indefinida como tem-se apresentado na sociedade, acaba servido a interesses antagônicos, vindo a legitimar, no mercado, uma nova mercadoria de consumo, conhecida por esporte (BURITI, 2001, p.20).

Tal afirmação, do esporte como mercadoria, abre espaço para um conjunto de dados que, atualmente, apresenta grande número de adeptos. De acordo com Capela (1996, p.135),

Nas sociedades modernas o esporte pertence ao mundo da diversão e do lazer, mas as elites empresariais, os meios de comunicação de massa e políticos, ao perceberem o potencial do esporte para gerar lucros, disseminar propagandas e incutir o orgulho, fazem com que esse, a partir do último meio século, transforme-se de um elemento menor da cultura em uma instituição sócio-cultural ampla. Sendo uma prática social que se mantém à parte da rotina da realidade, o esporte permite que ocorram façanhas, como por exemplo, a de ser o Brasil, um dos últimos países do mundo em índices de qualidade de vida e cidadania, o que tem o melhor futebol do mundo, inclusive sendo a única equipe do mundo a ganhar a copa do mundo de futebol por quatro vezes⁷. Só o esporte permite proezas desse tipo.

Na sociedade atual, pode-se perceber que muitos pais incentivam seus filhos a prática esportiva, com ênfase na competição. Principalmente naquela que acarretará a vitória e a divulgação do feito: medalhas, comentários em jornais e rádios locais, premiação pública na escola ou no clube.

Desta forma percebe-se que os problemas relatados na iniciação esportiva não são por influência exclusiva dos professores, mas também dos pais, dirigentes, árbitros e a sociedade em geral que culturalmente valorizam excessivamente ações de cunho competitivo como se a realização pessoal só existesse em função das mesmas.

Os esportes em equipe são, neste aspecto, particularmente úteis, pois integram a criança num grupo, com seu espírito associativo. Desta forma, as derrotas sofridas em conjunto, bem como as vitórias comemoradas juntas reforçam e fortificam uma coesão social útil à vida adulta. Este é o momento em que o equilíbrio é a palavra chave: não se pode tender apenas ao estudo, tão pouco a prática esportiva ou mesmo à vida familiar. As atividades precisam ser modeladas de forma a garantir uma qualidade de vida saudável e não ser motivo de novas desordens devido a cargas excessivas (BURITI, 2001, p.22).

Estudos realizados com crianças da faixa etária de 10-12 anos comprovam que as pressões sofridas pelos jovens atletas, diante de

⁷ Atualmente o Brasil é cinco vezes campeão em copas do mundo (CAPELA, 1996, p.135).

determinados aspectos, principalmente da liderança dos adultos que as cercam, criarão um entrave que resultará em comportamentos inadequados posteriores, conseqüentes da dificuldade de saber que orientação seguir: se o pai que grita e gesticula do lado externo das grades ou do professor que interfere no decorrer do acontecimento esportivo (MACHADO apud BURITI, 2001, p.30).

Ommundsen e Vaglund (apud BURITI, 2001, p.53) examinaram a influência do esporte, particularmente, do futebol, em 223 adolescentes do sexo masculino que demonstravam comportamentos agressivos, chegando a conclusão que de que os baixos níveis de relacionamento entre os jogadores estavam relacionados com um alto nível de agressão. Segundo os autores, na faixa de idade entre 12-13 anos a agressividade era bastante reduzida; no entanto, na faixa entre 14-16 anos e em decorrência do baixo prazer de jogar futebol, a agressividade aumentava de modo significativo.

Pesquisa mais recente, realizada por Buonamano, Ceis e Mussno (apud BURITI, 2001, p.95) procurou identificar os motivos da participação desportiva de 2.593 atletas, com idade entre 9-18 anos envolvidos com várias modalidades, entre eles o futebol. Os resultados mostraram que os principais interesses em praticar o esporte são: o prazer e o divertimento, motivo de ordem física (ex.: ser saudável e ficar mais forte), razão de ordem social (ex.: estar com os amigos e fazer novas amizades), motivos competitivos e visibilidade social (ex.: ter *status* social, ganhar dinheiro e ser popular).

Os pesquisadores, ao longo de todas essas pesquisas, demonstraram preocupação com o desenvolvimento pessoal e social dos atletas. É possível que o sucesso, a qualquer custo, possa trazer mudanças de comportamento e levantar questões éticas se não forem bem acompanhadas por psicólogos preocupados com aspectos educacionais e de desenvolvimento humano durante a prática esportiva.

É importante citar que no ambiente escolar e nas iniciações esportivas dos clubes, encontram-se aqueles que têm muita dificuldade de execução, como os que manifestam muita ansiedade e que se descontrolam com facilidade, diante de uma situação esportiva, como também encontram-se aqueles preparados para a competição esportiva, os que já se empenham num nível performático ou mesmo aquela clientela que busca a manutenção física, os exercícios e jogos

sem compromissos com um futuro esportivo. Os objetivos desta clientela iniciante podem ser os mais variados, porém, o tratamento dispensado a eles, deve ser de igualdade pelo profissional que os atende (BURITI, 2001, p.22).

Uma outra questão bastante debatida e que mostra posicionamentos diferentes de alguns autores é a atuação da criança no mundo do esporte e sua conduta de respeito às regras preestabelecidas. Neste sentido, Bracht (1997, p.58) aponta que

As colocações que afirmam que a criança através do esporte aprende que entre ela e o mundo existem “os outros”, que para a convivência social precisamos obedecer determinadas regras, ter determinado comportamento; aprendem as crianças, também, a conviver com vitórias e derrotas, aprendem a viver com o esforço pessoal; desenvolvem através do esporte a independência e a confiança em si mesmos, o sentido de responsabilidade, etc. Todas estas afirmações têm em comum o fato de serem afirmações que identificam um papel positivo-funcional para o esporte no processo educativo; privilegiam os aspectos positivo-funcionais⁸ camuflando, desta forma, os disfuncionais⁹.

Ainda sob a ótica estrutural-funcionalista, a afirmação de que o esporte educa e se fundamenta em ensinar a criança, no que diz respeito a conviver com a vitória e a derrota, a respeitar as regras do jogo, ensinar a vencer (no jogo e na vida), por meio de seu esforço pessoal, através da competição, (já que a sociedade é extremamente competitiva e isto a prepara para vida), mesmo que em alguns momentos se aliando com o outro ou outros (cooperação ou companheirismo), desenvolve o respeito pela autoridade, sendo este o árbitro ou o professor, atribuindo valor a disciplina.

⁸ “Colaborar com a funcionalidade a harmonia da sociedade em que está inserida” BRACHT, 1997, p.58).

⁹ “Posições contrárias ao positivo-funcional” (BRACHT, 1997, p.58).

2.1.5.2 O fenômeno do jogo e a sua relação com o esporte

Para que se possa relacionar um tema a outro é necessário conceituá-los de forma a entendê-los em suas essências, apontando seus pontos semelhantes e distintos.

Para isto, os Planos Curriculares Nacionais (PCN's) de Educação Física (1997, p.48) assim consideram:

Esporte como práticas em que são adotadas regras de caráter oficial e competitivo, organizadas em federações regionais, nacionais e internacionais que regulamentam a atuação amadora e a profissional. Envolvem condições espaciais e de equipamentos sofisticados como campos, piscinas, bicicletas, pistas, ringues, ginásios etc. [...] já os jogos podem ter uma flexibilidade maior nas regulamentações, que são adaptadas em função das condições de espaço e material disponíveis, do número de participantes, entre outros.

De acordo com Volpato (2002, p.104), o jogo

Foi sendo historicamente esportivizado em virtude de acontecimentos econômicos, políticos e sociais. Neste processo, a supervalorização do esporte performance, muitas vezes leva os profissionais à não perceberem a dimensão educativa do jogo. A competição presente no jogo de regras, pode servir para estimular o jogo com o outro de forma cooperativa, onde o adversário seja visto como parceiro que possibilita a realização do próprio jogo, não como inimigo a ser vencido ou aniquilado. Na verdade, essa é uma das características que mais diferencia jogo e esporte de rendimento.

Na visão de Soares et al. (1992),

Em diversas línguas brincar e jogar são sinônimos. Portanto, o jogo, que assim como o esporte, também foi inventado pelo homem, possibilitam situações que podem promover um processo de modificação imaginária da realidade. Com isto podemos afirmar, que o jogo satisfaz determinadas necessidades de criança, e em grande parte, necessidades de movimento [...] Se por um lado temos o esporte institucionalizado, por outro temos o jogo. Os dois devem ser encarados como conteúdos importantes da Educação Física, necessitando de um espaço adequado no contexto das escolinhas de iniciação.

Fazendo eco as citações acima, Almeida e Shigunov (apud REZER, 2003, p.24) assim se posicionam:

O jogo e o brinquedo representam um fator de desenvolvimento e de socialização da criança, refletindo o contexto onde ela está inserida e proporcionando-lhe novas descobertas a cada momento, já que o brincar é uma característica inerente aos seres humanos. Desta forma, as aulas de escolinha de futebol não podem deixar de perceber a imensa importância do jogo e do brinquedo na infância, com meio de aproximação gratuita e esclarecedora do mundo adulto, não a partir da imposição de um modelo adulto, mas sim, através do processo natural de desenvolvimento do mundo adulto.

Isto posto, pensa-se ser necessário que todos os profissionais envolvidos e comprometidos, de alguma forma, com as possibilidades pedagógicas que o jogo e o esporte podem proporcionar ao mundo infantil, possam garantir a mediação dessas possibilidades, a fim de promover uma passagem tranqüila, dentro deste aspecto, para a vida adulta.

2.1.6 Os paradigmas do futebol “arte” e do futebol “força”

A padronização da forma/estilo de como se joga o futebol recebeu essa denominação ao conceituarem esses dois estilos, os pesquisadores no assunto usaram a palavra “arte” como significado de criatividade, leveza, improviso e espontaneidade. Já a palavra “força” foi usada para o oposto, como sinônimo de virilidade, disciplina estratégica, algo previamente planejado, elaborado, calculado e científico.

O paradigma do futebol ‘arte’ ou futebol cultural e historicamente jogado no Brasil, foi convencionado desta forma pelo seu aprendizado natural de jogar futebol, resultando numa técnica individual apuradíssima. Contrariamente a essa forma de jogar, o futebol ‘força’ tem seu êxito atribuído mais à capacidade estratégica de impor e determinar modelos de comportamentos, procedimentos, condutas e padrões de movimentos através da fragmentação do jogo em fundamentos específicos amparados em

modelos técnico-científicos de 'matriz científica positivista'¹⁰, embasados em conhecimentos de fisiologia e biomecânica que desautoriza a criatividade do praticante (CAPELA, 1996, p.217).

Pode-se dizer que a origem do modelo de jogar “futebol força” se deu na década de 60, com a incorporação dos conhecimentos da fisiologia do esforço aos conhecimentos da Educação Física brasileira, e com a conseqüente adoção destes conhecimentos também para a elaboração do treinamento do selecionado brasileiro de futebol de 70.

O treino passou a ser dividido em várias etapas onde se trabalhava de cada vez uma especificidade do todo do jogo. No campo, da mesma forma, ocorreu uma divisão racional do trabalho passando a haver uma tecnocratização do futebol, contrariamente ao que ocorria com o futebol “arte”.

Exemplo disso é a matéria feita pelo Jornal Zero Hora, sobre os métodos de treinamento adotados no S.C. Internacional de Porto Alegre, onde segundo seu treinador Guto Ferreira, trata-se de treinamentos utilizados no basquete, como, por exemplo, o uso de viseiras no rosto dos atletas (comum nos treinos da Equipe Feminina de Basquete do BCN de Piracicaba-SP) com o objetivo de que os mesmos perdessem o hábito de olharem para o chão, ganhando desta forma tempo de ação, maior controle de bola, conseqüentemente mais velocidade e dinâmica de jogo. Servindo desta forma para implementar e consolidar este novo modelo científico também nas categorias de base do clube (apud RODRIGUES, 2003).

A necessidade de modernizar o treinamento está em consonância com a produção social de um jogador de futebol moderno, para preencher as demandas criadas pelo futebol atual. Como afirmava Medina, 'Temos que modernizar os treinos nas divisões de base' Não é mais possível usarmos as mesmas técnicas de décadas atrás. Dentro desta nova perspectiva de formação de jogadores, orientada pela teoria globalista, a polivalência é um dos princípios norteadores (apud RODRIGUES, 2003).

¹⁰ “Sua concepção geral é de que a sociedade é regulada por leis naturais que são imutáveis e não dependem do arbítrio; a conseqüência lógico-epistemológica é a de que os métodos e técnicas aplicados no estudo da sociedade devem ser os mesmos das ciências naturais” (CAPELA, 1996, p.217).

Ou seja, é importante dentro dessa nova concepção definida como “futebol força” ou “futebol moderno” que o atleta saiba usar suas habilidades técnicas nos mais variados setores do campo com a mesma eficiência. Executando fundamentos específicos de determinadas posições ou cumprindo múltiplas funções no decorrer de um jogo.

Ainda segundo Capela (1996, p.218):

É verdade que os progressos táticos e de treinamentos trazidos pelas condutas aculturadas importadas e que dão sustentação ao futebol ‘força’ aumentaram a eficiência para a tarefa de vencer/sobrepular. Porém, também é verdade que esses métodos não atendem as expectativas estéticas culturais de jogar e gostar de futebol dos brasileiros, pois o gosto brasileiro pelo futebol encontra-se referenciado a indivíduos criativos, indeterminados, imprevisíveis que podem ser traduzidos na forma de jogar de jogadores como Leônidas da Silva, Pelé, Garrincha, Ronaldinho etc [...] os critérios avaliativos, tanto de rendimento físico como de êxito, exigidos no futebol ‘força’ acabam confiscando a criatividade, a alegria, a imprevisibilidade e o potencial expressivo e inventivo/artístico de nosso futebol.

Além das técnicas inovadoras de treinamento para uma melhor performance dentro de campo, desde a formação de atletas, havia também uma preocupação com a pressão extra-campo das torcidas. E na tentativa de internalizar e naturalizar esta pressão na consciência do atleta, buscou-se o uso de métodos empregados pela Seleção Russa de Voleibol Masculino, que treinava ao som potente de alto-falantes com gravações de xingamentos e vaias de torcidas adversárias. Tal técnica também foi adotada no S.C. Internacional de Porto Alegre (RODRIGUES, 2003).

Outra preocupação extracampo, era a questão disciplinar do atleta. Não está se falando na obediência às regras do jogo. E sim a disciplina a cartilhas adotadas pelos principais clubes brasileiros cujo conteúdo estabelece o controle inclusive da vida social de seus jogadores, sob o pretexto de estar adequando-os aos novos tempos do futebol moderno, competitivo e altamente profissional.

O futebol-empresa fundamenta-se no modelo de empresa militarizada. A busca pela disciplina parece ir ao encontro à profissionalização do futebol, onde um ascetismo profissional é cada vez mais reivindicado. Neste processo, não só o trabalho, mas a vida do atleta é gerida pelo clube (FLORENZANO, 1998 apud RODRIGUES, 2003).

Cabe aqui outros exemplos de clubes brasileiros que adotaram esta linha de controle da conduta do atleta dentro e fora de campo:

O São Paulo adota a cartilha de conduta para normatizar o comportamento de seus jogadores. Até mesmo técnico como Telê Santana passa a optar pela Cartilha disciplinar. O técnico afirmava que 'Os jogadores serão mais cobrados. Serão tratados como verdadeiros profissionais, como em uma empresa'. A cartilha disciplinar do São Paulo versa que '[...] o jogador do São Paulo está proibido de praticar atividades esportivas que não seja o futebol; é proibido jogar cartas ou qualquer jogo de azar dentro das instalações do clube; é proibido freqüentar boates e dancings nas horas de folga; é proibido comer na sala de televisão; é proibido entrar no CCT depois da meia-noite; é proibida a prática de cultos religiosos no clube; o atleta do São Paulo não pode ingerir bebidas alcoólicas' [...] no caso do Palmeiras, o técnico Luxemburgo adota linha dura em 1996, afirmando que os atletas deverão sacrificar a vida pessoal e entrar na filosofia do clube [...] no Corinthians, a cartilha defendia que o atleta não podia beber nem fumar, uso obrigatoriamente o uniforme de viagem, e sempre que atrasar em treinos e viagens haverá punições. Haveria ainda punição para o atleta que recebesse cartão amarelo por reclamação ao árbitro, podendo até ser multado (apud RODRIGUES, 2003).

Define-se, então, uma nova ordem no futebol brasileiro, em busca de um profissionalismo que atinja inclusive a vida pessoal do jogador. Se é um exagero ou não, o certo é que somente a “democracia corinthiana”, reivindicada na época pelo jogador Sócrates, que era formado em Medicina, articulado, culto, formador de opinião, havia muita oposição a essas “cartilhas de conduta” adotada pelos clubes.

Desta forma, acredita-se, que o ideal seria que toda a classe de jogadores buscasse a informação. Porém, para que isso aconteça, é necessário que os mesmos se organizem – enquanto sindicato – para que tenham a garantia de seus direitos trabalhistas, bem como o poder de defesa contra os abusos impostos pelos clubes.

2.1.7 A natureza competitiva e cooperativa do esporte futebol

De acordo com Maturana (1995), no âmbito humano a competição se constitui culturalmente, quando o outro não obtém o que um obtém, e é fundamental como modo de relação. A vitória é um fenômeno cultural que se constitui na derrota do outro. A competição se ganha com o fracasso do outro, e se constitui quando é culturalmente desejável que isso ocorra. No âmbito biológico não humano esse fenômeno não se dá. A história evolutiva dos seres vivos não envolve competição. Por isso a competição não tem participação na evolução do humano. Ou seja, a competição é um fenômeno cultural da sociedade. Por isso pode ser construído ou desconstruído porque não está intrínseca no ser humano.

Segundo Brotto (1997, p.39), *“muitas das opções conscientes ou inconscientes que temos feito para ‘jogar’, têm suas raízes no mito da ‘natureza competitiva’ do homem.”* Conforme afirma o zoólogo Marwin Bate (apud BROTTTO, 1997, p.40).a seguir:

Contra-pondo-se a distorcida e parcial compreensão da teoria Darwiniana da seleção natural das espécies, existe, atualmente, um conjunto de evidências que demonstra ser a cooperação e não a competição, o lema básico da natureza.

Dizer que quanto melhor um indivíduo se adapta ao meio ambiente em transformação, maiores são suas chances de sobreviver e se reproduzir, não implica, necessariamente, que o melhor modo de adaptação seja a competição. Pelo contrário, Charles Darwin afirmou claramente que para a raça humana, o valor mais alto da sobrevivência está na inteligência, no senso moral e na cooperação social.

A antropóloga Margareth Mead (apud BROTTTO, 1997, p.41), sintetizando a opinião de vários outros pesquisadores, diz que

[...] é a natureza social que determina se os membros de determinada sociedade, irão competir ou cooperar entre si. Como exemplo, algumas culturas como os índios Zuni e os Bathongas, na África do Sul, não utilizam a competição em seus sistemas

econômico, educacional ou recreativo. Por outro lado, há povos que adotam a competição desenfreada como valor dominante [...] os 'Dubuans' desconfiam de todo mundo, a quem tratam como possíveis inimigos. O sucesso de um vem às custas dos outros. Para eles, parece que a vida é uma luta entre antagonistas mortais, que são colocados frente a frente pelo concurso de bens materiais.

Lewis Thomas (apud BROTTTO, 1997, p.40) destaca que *“na dimensão biológica da vida, a tendência para o estabelecimento de vínculos para viver uns dentro dos outros e cooperar é uma característica essencial.”*

Capra (1982 apud BROTTTO, 1997, p.41) afirma, também, *“que embora haja competição, esta ocorre usualmente num contexto mais amplo de cooperação, de modo que o sistema maior é mantido em equilíbrio.”*

Em relação à competição Capra (1982), assim como Maturana citado acima, acredita que a mesma deva ser tratada em termos de valores culturais, em vez de procurar explicá-la pseudo-cientificamente como fenômeno intrinsecamente natural.

Sendo assim, o que se percebe é que estudiosos de várias áreas apontam que a maior parte das relações entre os organismos vivos são essencialmente cooperativas e que diante de tantas afirmações pode se dizer que existe uma necessidade emergente de reflexão para um chavão tão difundido pela sociedade capitalista - “O importante é competir !”

Segundo Shigunov e Pereira (1993), a competição possui aspectos positivos e negativos, dependendo da forma como essa é utilizada. Ou seja, a competição pode auxiliar na formação integral da criança, nos aspectos cognitivo, social, físico e afetivo e nas atitudes saudáveis e de autovalorização, se utilizada com objetivo de emancipação, integração e lazer. Porém, se a competição for priorizada para se destacar as vitórias, auto-promoção e sobrepujança ao adversário, se estará negando uma convivência sadia, onde o ser humano precisa estar em primeiro lugar.

Entende-se, que por ser tratar de um processo social que se caracteriza por situações conflituosas, a competição pode influenciar no desenvolvimento afetivo-social do indivíduo. Não sendo garantia de resultados

somente positivos, como também negativos, com certeza dependerá da forma como esta será orientada e conduzida.

Competição é um processo de interação social, em que os objetivos são mutuamente exclusivos, as ações são isoladas ou em oposição umas às outras, e os benefícios são concentrados somente para alguns [...] cooperação é um processo de interação social, em que os objetivos são comuns, as ações são compartilhadas e os benefícios são distribuídos para todos (BROTTO, 1997).

Diante disso, Betti (1991) entende que o envolvimento em atividades competitivas geralmente desperta grande interesse e motivação, possibilitando desta forma uma maior afirmação social, integração e lazer, sendo que o seu lado negativo se reflete no caso de possuir toda uma conotação burguesa e realçando o sistema capitalista industrial (princípio de sobrepujança), podendo ocasionar traumas psicoafetivo-sociais.

Completando a definição de cooperação, Brown (1995 apud SOLER, 2003, p.24) conclui que

A interação cooperativa com os outros é necessária para o desenvolvimento da auto-estima, da confiança e da identidade pessoal, que são elementos para o bem estar psicológico. Se o jogo tem presentes os valores de solidariedade e cooperação, começamos a descobrir a capacidade que cada um de nós tem para sugerir idéias.

Seguindo esse conceito, acrescenta-se ainda que o jogo é uma oportunidade criativa que se tem para encontrar-se consigo mesmo, com os outros e com o todo, e que a partir daí o mesmo passa a ser conseqüência de nossas visões, ações e relações. Ou seja, pode-se optar de acordo com nossa consciência, por jogar dentro de dois estilos básicos: competição e/ou cooperação.

2.2 O Futebol num Contexto Específico: Escolinhas de Futebol

Este item discorrerá sobre as escolinhas de futebol e o seu surgimento, as concepções de aprendizagem e àquelas voltadas ao ensino do futebol, bem como uma adaptação dos métodos de ensino para esportes coletivos às escolinhas de futebol

2.2.1 O surgimento das escolinhas de futebol

Pode-se dizer que o surgimento das escolinhas de futebol aconteceu após a derrota na Copa de 1966, onde ficou entendido que era necessário formar futuros atletas com qualidades físicas diferenciadas a fim de suprir o que naquelas faltavam. Entendendo-se desta forma, como uma condenação da forma como se jogava futebol no Brasil e que o único caminho seria trazer para próximo dos “olhos dos clubes” e conduzido por especialistas, àqueles que se candidatavam a futuros atletas, passando por uma seqüência de categorias formadoras, com a devida progressão da sua forma física, técnica e tática com extrema importância para a primeira que serviria como uma espécie de pré-requisito para a obtenção das outras duas. Os defeitos seriam eliminados e as ausências supridas, tornando as escolinhas de futebol ou categorias de base dos clubes, valorizadas como caminho obrigatório a ser percorrido pelos futuros atletas.

Nas categorias de base dos clubes de futebol, entre vários objetivos destacam-se: permitir a possibilidade de correção de ‘vícios’ do jovem jogador, inculcar no jovem a predisposição ao trabalho físico, adequar o jogador às normas do clube e conseqüentemente as do mercado de trabalho. Neste último item, faz-se necessário salientar, que as escolinhas de futebol e as categorias de base dos clubes tem como objetivo, preparar jovens para o mercado de trabalho, tal qual as exigências deste; ou seja, jovens obedientes submissos, acrílicos, trabalhadores e condizentes com a regra do jogo. Tudo isso será de forma muito

mais fácil, se feito na mais tenra idade e sem interrupção, ao longo da carreira que o jovem aspira (SOUZA, 2001, p.116).

Interpreta-se com estas afirmações, que os objetivos das categorias de base e escolinhas de futebol são citados de forma generalizada por parte do autor. Acredita-se que outras possibilidades além destas citadas possam existir até para que estudos que venham a ser realizados sobre este tema, sejam relevantes.

2.2.2 Considerações sobre algumas concepções de aprendizagem

Para que se possa entender algumas concepções ligadas ao esporte, mais precisamente ao futebol, pensa-se necessário descrever algumas considerações sobre as concepções de aprendizagem Inatista, Ambientalista e Sócio-Interacionista e posteriormente, relacioná-las com as práticas pedagógicas que estão sendo vivenciadas na realidade estudada.

De acordo com Rego (1996, p.86),

Na abordagem Inatista (também conhecida como apriorista ou nativista), inspirada nas premissas da filosofia racionalista e idealista, se baseia na crença de que as capacidades básicas de cada ser humano (personalidade, potencial, valores, comportamentos, formas de pensar e conhecer) são inatas, ou seja, já se encontram praticamente prontas no momento do nascimento ou potencialmente determinadas e na dependência do amadurecimento para se manifestar. Enfatiza assim os fatores maturacionais e hereditários como definidores de constituição do ser humano e do processo de conhecimento. Exclui, conseqüentemente, as interações sócio-culturais na formação das estruturas comportamentais e cognitivas da criança.

Entende-se desta forma, que as interações sociais pouco ou quase nada altera as possibilidades de desenvolvimento humano que são inatas. Não existe, neste sentido, influência do meio, ou seja, o indivíduo vai se desenvolver no tempo certo em que suas capacidades irão surgindo. O meio muito pouco altera os traços comportamentais ou cognitivos deste indivíduo.

Este entendimento de aprendizagem serve para justificar práticas pedagógicas pouco desafiadoras por entenderem que o fracasso ou o sucesso depende quase que exclusivamente do seu talento, aptidão, dom e maturidade.

Em contrapartida, a concepção Ambientalista (também chamada de Associacionista, Comportamentalista ou Behaviorista) segundo Rego (1996, p.88):

É baseada na filosofia empirista e positivista, atribui exclusivamente ao ambiente a constituição das características humanas e privilegia a experiência como fonte de conhecimento e de formação de hábitos de comportamento. Assim as características individuais são determinadas por fatores externos ao indivíduo. [...] O papel da escola e do ensino é supervalorizado, já que o aluno é alguém que em princípio não sabe nada. A transmissão de um grande número de informações torna-se de extrema relevância.

Pode-se entender esta concepção como o oposto a anterior, uma vez que é dada ao meio a incumbência e a responsabilidade quase que total do desenvolvimento do indivíduo, assim como corrigir os problemas desta relação.

Neste entendimento o aluno é considerado um ser vazio, onde o grande número de informações mesmo descontextualizado do seu cotidiano, torna-se extremamente relevante. Nesta perspectiva, o ser maduro (adulto), assim como o professor, é o detentor do conhecimento e o único responsável em transmitir este conhecimento e estabelecer os modelos de comportamento da criança. Cabe ao aluno, apenas executar prescrições que lhes são fixadas por autoridades exteriores a ele.

Já na abordagem Sócio-Interacionista, os postulados de Vygotsky são radicalmente diferentes das concepções anteriores. Na visão de Rego (1996, p.93) esta abordagem é

Inspirada nos princípios do materialismo dialético considera o desenvolvimento da complexidade da estrutura humana como um processo de apropriação pelo homem da experiência histórica e cultural. Segundo ele, organismo e meio exercem influência recíproca, portanto o biológico e social não estão dissociados. Nesta perspectiva, a premissa é de que o homem constitui-se como tal através de suas interações sociais, portanto, é visto como alguém que transforma e é transformado das relações

produzidas em uma determinada cultura. [...] Já que a formação e transformação da sociedade humana ocorre de modo dinâmico, contraditório e através de conflitos, precisa ser compreendida como um processo em constante mudança e desenvolvimento.

Esta concepção sugere, portanto, um repensar das interações sociais entre aluno e professor e entre alunos ao ser reportada ao contexto escolar. Por entender que o diálogo, a troca de informações, o confronto de idéias resultará na necessidade de se alcançar um objetivo comum, neste momento através da cooperação. A mediação por parte do professor em permitir e promover tais processos de interação é imprescindível para o desenvolvimento individual do aluno.

Por último, Rego (1996, p.94) aponta que

As características de cada indivíduo vão sendo formadas a partir da constante interação com o meio, entendido como mundo físico e social, que inclui as dimensões interpessoal e cultural. Neste processo, o indivíduo ao mesmo tempo em que internaliza as formas culturais, as transforma e intervém em seu meio.

Diante do exposto, de acordo com esta abordagem, o homem se define como um ser social e histórico que ao satisfazer suas necessidades é levado a trabalhar e com o seu trabalho, transforma o seu meio, estabelece relações com o outro e dessas relações produz conhecimento se constituindo no espaço social e no tempo histórico.

2.2.2.1 As concepções voltadas ao ensino do futebol

Como concepções de ensino deste novo contexto de ensinar e aprender a jogar futebol, duas delas são destacadas e denominadas de concepções Empírica e Científica.

A primeira por se basear na vivência prática do dia-a-dia, experiências próprias de quem já viveu no futebol e que agora se utiliza desta ferramenta para conduzir-se à frente deste processo de formação de atletas na função de técnico das categorias de base. Segundo Souza (2001, p.118), “é o que sobra para a

grande maioria, pois, subordinados a uma vida inteira de treinamentos constantes, sem tempo para preparar um final de carreira.”

A outra concepção baseia-se na teorização, na comprovação científica sustentada pela vida acadêmica nos Cursos de Educação Física. Desta forma, quem toma a frente do processo de formação, seriam os professores de Educação Física, amparados em bases científicas para utilização do treinamento desportivo.

Por esta exigência de formar novos jogadores, este espaço que emerge, sofre intervenções de concepções de ensino, advindas principalmente do esporte de alto rendimento, que tem na teoria do treinamento desportivo, o modelo pedagógico ideal voltado para este fim (SOUZA, 2001, p.119).

Entende-se que para se contrapor estas duas concepções, seria fundamental perceber o esporte - no caso o futebol - numa forma mais ampla e contextualizada, ou seja, conhecer sua origem e desenvolvimento, suas influências sociais, culturais e políticas, para que se possa questionar, avaliar e visualizar o verdadeiro sentido do mesmo. Esta nova concepção é defendida por Souza (2001) e recebe o nome de “Esclarecimento Crítico, Reflexivo e Emancipatório”, estando sempre voltada para questões de esclarecimento àqueles que se inserem no esporte, procurando contribuir para uma ampliação da percepção e entendimento deste no campo social.

Ainda dentro deste entendimento, destaca-se a questão do movimento corporal humano, que segundo Souza (2001, p.127),

É muito mais complexo do que a simples interpretação deste movimento a partir de entendimentos feitos com bases somente em análises de gestos estereotipados, calculados e pré-determinados, então percebemos no movimento, não só o movimento em si, mas alguém que se movimenta. Alguém se movimentando, pressupõe-se um sujeito, que como tal está inserido num contexto social, histórico e cultural.

Sendo assim, fica entendido que o sujeito antes de agir, necessariamente sente e pensa.

Outra questão que se faz necessário destacar é o futebol como fenômeno e manifestação cultural. Entende-se o futebol como o esporte mais popular do Brasil, embora algumas fontes insistam em apontar a pesca e até mesmo a natação como mais populares que o futebol na atualidade. O que se percebe é que o futebol pela erupção de sentimentos que desperta nas pessoas, a ponto de colocá-las em igualdade de condições, classifica-se como agente de interação social, embora haja controvérsias. Mas, quais seriam estas controvérsias?

Quando o futebol é definido apenas como esporte, passa-se a entendê-lo dentro de uma concepção capitalista e desta forma, dando a este o enfoque da livre concorrência, rendimento e produção, estimulando em demasia o processo de interação social competitivo, legitimando a figura do individualismo.

Pode-se dizer que a sociedade atual prega a busca pelo espaço do “eu”, tendo como adversário e barreira a ser transposta o “outro”, definindo-se como justa porque oferece as mesmas oportunidades a todos, exaltando valores como a perspicácia, perseverança e coragem para encontrarem o caminho da vitória.

Porém, segundo Souza (2001, p.133),

No esporte a interação social, só é promovida quando existe a possibilidade de estabelecer uma atitude cooperativista, promovida conscientemente. Embora num meio, onde o competir e o ganhar são fatores de muita relevância, o papel do professor que atua junto a categorias de base, no sentido de dar elementos com a finalidade de diminuir este ímpeto, torna-se essencial.

Diante do exposto, entende-se que para utilizar o futebol como agente de interação social, faz-se necessário entre outras coisas, promover o equilíbrio entre cooperação e competição, caso contrário corre-se o risco de modificá-lo em sua essência, obstruindo a construção de uma nova concepção de ensino em escolinhas de futebol.

2.2.3 Uma adaptação dos métodos de ensino para esportes coletivos às escolinhas de futebol

As estratégias metodológicas de ensino do futebol iniciam a partir não só de práticas específicas, mas também, de práticas oriundas de outras modalidades.

Porém, a bibliografia nacional, propõe basicamente o ensino através do método parcial. Ou seja, as propostas metodológicas de ensino dizem respeito à fragmentação do esporte em etapas a serem cumpridas, tornando o ensino elitizante, privilegiando a participação de alguns poucos que dominam tanto as habilidades como as destrezas esportivas.

A fragmentação do ensino do esporte acontece porque entende-se que os aspectos técnicos, táticos, históricos e culturais de uma modalidade esportiva possam ser descontextualizadas, imaginando-se que as mesmas somadas, comporão o jogo (REZER, 2003, p.47-48).

Outro tipo de método é o global, que é proposto por Garganta (1995 apud REZER, 2003, p.48-49), o qual se utiliza de quatro fases, que são descritas a seguir:

- 1) Jogo Anárquico: como o próprio nome já diz, não existem regras limitantes, organização e compreensão do jogo. Caracteriza-se pela visão centralizada na bola com intensa excitação em tocá-la, provocando desta forma a aglutinação em torno da mesma;
- 2) Fase da Descentração: início de uma forma mais elaborada do jogo. Prevalece a verbalização e a ocupação dos espaços do campo mesmo sem a presença da bola. Da mesma forma a transição da visão centralizada para uma visão mais periférica;
- 3) Fase da Estruturação: ocorre uma conscientização da coordenação das funções e além da verbalização, evidencia-se uma ênfase na comunicação gestual. A ocupação consciente dos espaços caracterizando a questão tática individual e de grupo aparece de

forma clara, como também o uso da percepção se soma a ações visuais;

- 4) Fase da Elaboração: as ações individuais tornam-se parte integrante da estratégia utilizada pela equipe. A ênfase na comunicação ocorre pela comunicação motora. Com relação á bola, acontece uma otimização das capacidades proprioceptivas, de forma a proporcionar maiores condições de leitura de jogo, por parte do jogador.

Garganta e Pinto (1995 apud REZER, 2003, p.49) se referem ao fato de que

Face ao jogo de futebol, tal como em qualquer outro jogo desportivo coletivo, o problema primeiro que se coloca ao indivíduo que joga, é sempre de natureza tática, Isto é, o praticante deve saber o que fazer, para poder resolver o problema subsequente, o como fazer, selecionando e utilizando a resposta motora mais adequada.

Reis (1994) conclui que

A forma como o ensino do basquetebol, voleibol, handebol e futebol são sugeridos por diversos autores de forma hegemônica; o ensino é elitizante, privilegiando a participação de alguns poucos alunos que dominam tanto as habilidades como as destrezas esportivas.

De acordo com Soares et al. (1992 apud REZER, 2003), ao se adaptar a proposta de ensino dos esportes coletivos no contexto escolar, as escolinhas de futebol merecem uma abordagem que englobe diversos aspectos. São eles:

- o futebol enquanto jogo, possuidor de regras, normas, exigências físicas, técnicas e táticas;
- o futebol enquanto espetáculo;
- o futebol enquanto mercado de trabalho diversificado gerando campos específicos de atuação profissional;
- a popularidade do futebol; e

- o futebol enquanto fenômeno cultural, que encanta milhões de pessoas em todo o mundo, e em especial, no Brasil.

É pensando em uma apropriação de cunho mais pedagógico para as práticas em escolinhas, que alguns teóricos da Educação Física têm se preocupado em superar as abordagens restritas a mera instrumentalização do esporte ou a reprodução dos mesmos. Apontam para a necessidade de que seja, também, tematizada nas aulas de Educação Física escolar e suas extensões (ex: escolinhas de futebol), a história cultural, tanto da prática de movimentos, quanto dos alunos, como ainda a cultura local, regional, nacional e até global, como citado anteriormente, gerada em torno dessas práticas de movimentos, buscando dentro desse processo histórico-sócio-cultural o que se possa encontrar de genuíno, descomprometido e emancipatório para estas práticas, ampliando não só o número de pessoas que possam vir a praticá-las, mas também entendê-las.

Neste sentido, Capela (1996, p.221-222) enfatiza que

Entender que o futebol brasileiro seja um conteúdo da Educação Física a ser tratado como conhecimento culturalmente construído e a ser entendido nesse processo de sua construção, inclusive trabalhando e até mesmo sendo desejável que seja muitas vezes desconstruído e reconstruído nas aulas de Educação Física, faz com que cresçam a responsabilidade e os conhecimentos que o professor terá que ter sobre os esportes [...] deve-se avançar em seu entendimento histórico-sócio-cultural, por exemplo, bem como também sobre a forma como é jogado no 'mundo da vida' dos alunos e/ou das comunidades onde encontra-se a escola. Em face ao exposto, diria que muitos professores que hoje trabalham nas escolas têm bons motivos para convencerem-se de que a Educação Física da escola pode e deve ser diferente. Porém, estes não tem conseguido, a partir do que faziam até então, realizar sínteses superadoras para o ensino da Educação Física/Esportes na escola e, por conseqüência, do futebol brasileiro.

Diante do exposto, percebe-se que a prática do futebol brasileiro já algum tempo mudou de lugar, não acontece mais nos campos de várzea ou se acontece é com muita raridade. Aquelas “peladas” a qualquer hora do dia, misturando-se pobres e ricos, idades diferenciadas, bolas, tipo de piso, dimensões do campo fora do padrão oficial etc., tudo isto construído dentro de

uma realidade própria, pode-se dizer que ficou no passado devido a uma série de fatores já identificados anteriormente.

Para tanto, Rezer (2003) aponta alguns princípios norteadores, métodos e concepções para a prática pedagógica em aulas de escolinha de futebol. São eles:

- cultivar o hábito do diálogo, antes ou durante e até mesmo ao final da aula, promovendo a criação de envolvimento social neste espaço. Esse diálogo não precisa ser necessariamente sobre futebol, podendo ser algum outro assunto sobre o dia a dia dos alunos;
- discutir sobre as regras do futebol com o grupo de alunos, podendo transformá-la de acordo com a realidade de estrutura da escolinha, assim como mantê-la. confrontá-las com a padronização das regras oficiais, o que se entende como justo ou injusto, modificável ou não. exercitando-os desta forma a futuras participações nas discussões de regras em outras situações, em caso, nos bairros, na cidade, ou até mesmo no país, criando um espaço legítimo do exercício da cidadania e da democracia;
- analisar outros temas que envolvam ou não o futebol e o esporte mas que sejam de interesse social, utilizando este espaço para discuti-las, tais como: violência no esporte, doping, violência nas ruas, racismo, educação ambiental etc. usando de uma linguagem que esteja ao alcance do entendimento infantil, habituando-os desta forma a reflexões e exercício de discussão;
- criar situações onde os alunos vivenciem outros movimentos motores que não seja apenas o de chutar, mas sim, rebater, arremessar, lançar, cabecear, controlar a bola no peito, coxa e pé, dentro de uma dinâmica contextualizada e não fragmentada desses movimentos;
- diversificar materiais, além da bola e do cone, variação de tamanho, peso e até de material para as bolas, podendo inclusive utilizar-se

de bolas de outros esportes. Usar, também, a variação nas dimensões do campo do jogo, altura e largura das traves, variação no número de jogadores;

- promover a discussão em torno de valores humanos, tornando-os habituais e necessários dentro do processo social que vivenciam no futebol a fim de que possam construir propostas que contribuam com a idéia do coletivo, com a importância da cooperação entre os companheiros;
- buscar utilizar-se de uma gama maior de atividades lúdico-recreativas, tornando as aulas mais prazerosas e agradáveis com riquezas de movimentos variados, quebrando o jeito padronizado e instrumental de se buscar o mais precocemente a melhora do rendimento no esporte em questão;
- promover mudança de ambiente das aulas, variando os tipos de piso e local, colaborando desta forma com a percepção no entendimento do panorama do jogo, facilitando a adaptação a situações adversas, aumentando a capacidade de resolução de problemas por parte dos alunos;
- promover a harmonia frente a situações reais como a diversidade técnica no grupo de alunos. O respeito às diferenças não se resume a aceitá-las sem contestação, é preciso a consciência de que só com oportunidades e motivação, as habilidades serão desenvolvidas. É função do professor promover o diálogo, onde as diferenças não necessariamente precisam ser superadas, mas sim, entendidas e respeitadas.

Na visão de Souza (2001, p.50), é imprescindível uma reformulação nos princípios norteadores da prática hegemônica realizada nas escolinhas de iniciação, sob risco de cometermos dois equívocos enormes. São eles:

- 1) no que tange a formação de futuros jogadores (mercado de trabalho), mecanizando e formatando a padronização técnica, dificultando o desenvolvimento de situações relacionadas à criatividade, sob a ordem de formar 'jogadores eficientes'.
- 2) no que se refere ao esporte como meio imbuído de valores educacionais, deixando de perceber a imensa gama de valores humanos e possibilidades de 'se movimentar'.

Entende-se, então, como fundamental e necessário que se repense o esporte (o futebol em especial) na escola a fim de que o mesmo não seja praticado apenas por alguns e sim por todos, que todos tenham as mesmas oportunidades e acesso a sua contextualização, que a sua prática não tenha um fim em si mesmo, que o processo de ensino-aprendizagem do esporte futebol não se esgote apenas em apropriar-se de fundamentos/movimentos específicos da modalidade, que o mesmo seja entendido e relacionado ao nosso dia-a-dia com um instrumento de interação e até mesmo de inclusão social.

Segundo Rezer (2003), sejam quais forem os objetivos e ações desenvolvidas nas escolinhas, estas sempre são levadas ao modelo de esporte de rendimento, como se não houvesse algo novo e diferente. Fica claro, então, que é preciso criar algo novo e diferente desta realidade. Até porque se não existir outro modelo a ser seguido, não haverá sentido na formação acadêmica neste contexto.

Está claro que em qualquer manifestação esportiva, aspectos como a competição e a disputa estão presentes, quer seja na simples disputa pela bola ou na tentativa de um drible. Mas também deve ficar claro que as diferentes dimensões que permeiam estas relações são possíveis de redimensionamento, no intuito de humanizar suas relações (REZER, 2003, p.129).

Assim, faz necessário uma reflexão de como está sendo interpretado o modelo de competição presente no esporte. Entende-se que o equilíbrio é a palavra chave para que se transcenda a este modelo hegemônico e que este equilíbrio passa a ser atingido por meio da cooperação entre seus integrantes,

justiça, igualdade de chances, consciência e entendimento de sua importância na sociedade.

2.2.4 A importância da inclusão social no desenvolvimento humano

Inicialmente, para abordar a inclusão social do indivíduo, é fundamental discorrer sobre o que é “exclusão social”, sendo este um tema complexo de se discutir, pois abarca atitudes dos governos federal, estadual e municipal frente aos sistemas econômicos, a definição de políticas públicas condizentes com a realidade do País, a responsabilidades dos pares entre si (amor ao próximo), e as interações sociais dentro da família; os pais, os filhos e os educadores são atores de qualquer mudança. Ou seja, a exclusão é parte integrante do sistema social, produto de seu funcionamento; assim, sempre haverá, mesmo teoricamente, pessoas ou grupos sofrendo do processo de exclusão (REVISTA ESCOLA, 2004).

Martine Xiberras (1993 apud SAWAIA, 2001) aponta que excluídas são todas as pessoas que não participam dos mercados de bens materiais ou culturais. Isto é, exclusão é estar “fora”, à margem, sem possibilidade de participação, seja na vida social como um todo, ou em algum de seus aspectos.

Corroborando com esta visão, Cristóvão Buarque (apud SAWAIA, 2001), ex-Governador de Brasília, acrescenta que a exclusão é um processo (apartação social), pelo qual se denomina o outro como um ser “à parte”, ou seja, o fenômeno de separar o outro, não apenas como um desigual, mas como um “não semelhante”, um ser expulso não somente dos meios de consumo, dos bens, serviços etc., *mas* do gênero humano. É uma forma contundente de intolerância social.

Para Robert Castel (apud SAWAIA, 2001), a exclusão é a desafiliação (exclusão) representa uma ruptura de pertencimento, de vínculos sociais [...] o desafiliado (excluído) é aquele cuja trajetória é feita de uma série de rupturas com relação a estados de equilíbrios anteriores, mais ou menos estáveis, ou instáveis.

Na visão de Delfim Netto, a exclusão é dividida por grupos sociais (minorias étnicas, religiosas e culturais), gênero, termos de opção sexual, idade,

aparência física, universo do trabalho, do sócio-cultural, da educação, da saúde, do social como um todo. Estas categorias são interpenetrantes, mas na tentativa de ordenação das mesmas, fica clara a presença de grupos de pessoas participando, simultaneamente, de várias categorias de exclusão: “de modo geral os pobres” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2002).

Diante do exposto, pode-se entender que exclusão e inclusão social são conceitos dialéticos, polarizados, simétricos, e constituem uma das grandes preocupações da sociedade atual. A inclusão social se apresenta como um processo de atitudes afirmativas, pública e privada, no sentido de inserir no contexto social mais amplo todos aqueles grupos ou populações marginalizadas. Não basta construir teorias para induzir ações transformadoras, pois uma das dimensões do processo de inclusão social é a inclusão escolar, ou seja, é necessário levar a escolarização a todos os segmentos humanos da sociedade, com ênfase na infância e na juventude, na construção de uma consciência cidadã (SAWAIA, 2002).

Então, constata-se que a inclusão social é o compromisso fundamental, norteador de ações e concepções pedagógicas da Educação Física escolar e a partir desta, toda e qualquer manifestação e divulgação da cultura corporal e movimento. Para isso é preciso que se adote uma perspectiva metodológica de ensino e aprendizagem que busque o desenvolvimento da autonomia, a cooperação, a participação social e a afirmação de valores e princípios democráticos.

O lazer e a disponibilidade de espaços públicos para as práticas da cultura corporal de movimento são necessidades essenciais ao homem contemporâneo e, por isso, direitos do cidadão. Os alunos podem compreender que os esportes e as demais atividades corporais não devem ser privilégio apenas dos esportistas profissionais ou das pessoas em condições de pagar por academias e clubes. Dar valor a essas atividades e reivindicar o acesso a centros esportivos e de lazer, e a programas de práticas corporais dirigidos à população em geral, é um posicionamento que pode ser adotado a partir dos conhecimentos adquiridos nas aulas de Educação Física (PCN's, 1998).

Desta forma, se inclusão significa garantia dos direitos do cidadão, se a prática do futebol é utilizada intensamente para o lazer, sendo o lazer um direito

do cidadão, pode-se pressupor que o futebol tem um grande potencial de interação e inclusão social. Neste sentido, pensando na escola como um caminho para tomada de consciência para inclusão social, pergunta-se: qual é a clientela-alvo de tal educação inclusiva? E a resposta seria, não necessariamente, pobres, negros, pardos, crianças, idosos, mulheres, homossexuais, portadores de incapacidades e deficiências físicas e mentais. Ou seja, a população desfavorecida economicamente ou alvo de estigmas sociais de toda ordem. E onde se encontra essa clientela-alvo? Geralmente, na periferia dos grandes centros urbanos e nas zonas rurais.

Assim, como facilitador de interação social, o educador comprometido com esta proposta deve ter em mente, sempre, a responsabilidade social que o cargo lhe confere e participar decisivamente do esforço de inclusão. Isto posto, incluir socialmente significa garantir a participação do indivíduo em todo e qualquer ambiente social que o cerca. Portanto, sendo as escolinhas de futebol um espaço contextual de ensino do futebol, apresenta-se como uma possibilidade bastante interessante para o exercício da inclusão, da oportunidade, da garantia dos direitos para todos.

Nas palavras de Danilo Santos de Miranda do Serviço Social do Comércio – SESC, dentre as ações do Governo Federal “talvez não haja nenhuma outra atividade tão afeita à transversalidade quanto o esporte. Este é inclusão, educação, saúde, segurança pública, emprego, futuro [...]” (esportes@prefeitura.sp.gov.br). Isto é, o esporte é um poderoso fator de desenvolvimento humano, num sentido mais amplo, porque contribui de forma decisiva para a formação física e intelectual dos indivíduos (valores como solidariedade, respeito a próximo, tolerância, sentido coletivo, cooperação, disciplina, capacidade de liderança, respeito às regras e noções de trabalho em equipe).

Diante disso, é fundamental o desenvolvimento de atividades esportivas, culturais e educativas, criando “um sistema multisetorial de atuação voltada ao atendimento do segmento infanto-juvenil” voltado à construção da cidadania e como promotor da inclusão social por meio de qualquer esporte.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo estão descritos os procedimentos metodológicos que foram utilizados no desenvolvimento deste estudo.

Inicialmente é importante esclarecer que a abordagem sobre o futebol em nossas literaturas geralmente acontece de forma técnica com linguagem direcionada ao esporte com finalidade em si mesmo.

Este estudo, porém, buscou algo mais que definir conceitos, especificar regras, reproduzir educativos e fundamentos técnicos relativos ao esporte futebol. Buscou verificar o alcance social proporcionado pelo futebol como agente de interação entre pessoas.

A proposta do presente estudo foi verificar de que forma estão sendo orientados os métodos e práticas pedagógicas das Escolinhas de Futebol de Florianópolis em relação aos modelos de competição e cooperação. Desta forma, foram utilizadas duas modalidades de pesquisa: a pesquisa bibliográfica (estudo teórico) e a pesquisa de campo (estudo de caso).

Segundo Demo (1994 apud REZER, 2003) nada é mais imprescindível para a teoria do que a prática e vice-versa. Diante disto, confrontou-se estas duas modalidades de pesquisa onde buscou-se uma resposta para o problema de pesquisa apresentado no Capítulo 1 deste estudo.

O Quadro 1 a seguir apresenta uma descrição resumida dos passos metodológicos adotados.

CLASSIFICAÇÃO DO ESTUDO	ETAPA DO TRABALHO	PERÍODO DE REALIZAÇÃO	RESULTADO
PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	Revisão de literatura	ago./2003 a jul./2004	Fundamentação teórica da proposta e da dissertação
	Definição da estratégia da pesquisa		Problema de pesquisa, objetivos e deimitação
PESQUISA DE CAMPO	Elaboração do questionário Definição das variáveis Identificação do público-alvo Coleta de dados	ago. a dez./2004	Dados e informações sobre o tema pesquisado
	Interpretação e análise dos resultados	set. a dez./2004	Desenvolvimento de um programa
	Redação e defesa da dissertação	ago. de 2004 a fev./2005	Dissertação de Mestrado

Fonte: A partir dos dados primários da pesquisa, 2004.
Quadro 1 – Passos metodológicos do estudo.

3.1 Pesquisa Bibliográfica

De acordo com Rauen (2002, p.65), a pesquisa bibliográfica *“consiste na busca de informações bibliográficas relevantes para a tomada de decisão em todas as fases da pesquisa.”*

Neste processo investigativo, a pesquisa esteve constantemente apoiada por uma abordagem quantitativa para analisar as situações que se desenvolveram, baseada na observação de realidades específicas. Isso posto, esta pesquisa indica a valorização dos diferentes pontos de vista dos participantes onde as informações foram descrições da realidade, fatos, pessoas, depoimentos e outras situações confrontando-as com a fundamentação teórica baseada no resgate das origens do futebol brasileiro, assim como sua evolução e relação com a sociedade e principalmente seu poder de formação através de modelos culturalmente apreendidos.

Os principais temas e autores pesquisados foram:

- **a origem do futebol brasileiro:** Rosenfeld (1993), Capela (1996), Ostermann (1998);
- **o futebol como parte da cultura do povo brasileiro:** Rezer (2003), Souza (2001), Capela (1996), Rosenfeld (1993);
- **a democratização e profissionalização do futebol brasileiro:** Capela (1996), Rosenfeld (1993);
- **o esporte moderno: uma breve retrospectiva:** Rezer (2003), Buriti (2001), Bracht (1997), PCN-Educação Física, Capela (1996), Soares et al. (1992);
- **os paradigmas do “futebol arte” e “futebol força”:** Rodrigues (2003), Florenzano (1998), Capela (1996);
- **a natureza competitiva e cooperativa do esporte futebol:** Soler (2003), Brotto (1997), Maturana (1995) Shigunov/Pereira (1994), Betti (1991), Capra (1982);
- **o futebol num contexto específico - escolinha de futebol:** Rezer (2003), Souza (2001), Capela (1996), Garganta (1995), Reis (1994).

3.2 Pesquisa de Campo

Tendo em vista o caráter social do presente estudo, optou-se por uma abordagem quantitativa, que para Minayo (1994, p.21-22), *“aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não compatível em equações, médias e estatísticas.”*

Rauen (2001, p.55) define a pesquisa de campo como *“a busca de informações nos locais onde elas se encontram, conforme elas se encontram.”*

Diante disto, pode-se acrescentar ainda que a pesquisa de campo proporcionará a realidade prática e atual para o estudo em questão.

3.2.1 Elaboração do questionário

As questões propostas tiveram por objetivo geral verificar se os métodos e as práticas pedagógicas das escolinhas de futebol de Florianópolis estão sendo orientados pelo processo de interação social cooperativa e/ou competitiva, como fator de inclusão social. Algumas destas questões não perguntam de forma direta o que se quer averiguar, necessitando proceder a interpretação das mesmas para que se possa chegar às conclusões e, para isto, a avaliação dos dados coletados baseou-se no ponto de vista de inúmeros estudiosos citados no etapa dois desta dissertação.

A avaliação dos dados colhidos baseou-se, portanto, nas melhores práticas referenciadas pelos autores consultados.

Para a tabulação das questões abertas, foram anotadas todas as respostas dadas pelos entrevistados as quais foram agrupadas por semelhança e abrangência, até formarem os itens presentes nos respectivos gráficos apresentados no Capítulo 4 a seguir.

3.2.2 Definição das variáveis

Para realização desta pesquisa foram determinadas quatro variáveis, representadas por grupos de questões, quais sejam:

Grupo 1 - Identificação do entrevistado e/ou objeto de estudo

(Questões 1, 2, 3 – 7, 8)

Grupo 2 - Percepção dos processos de interação social cooperativo e/ou competitivo

(Questões 4 e 4.1– 10,11,12,13,14)

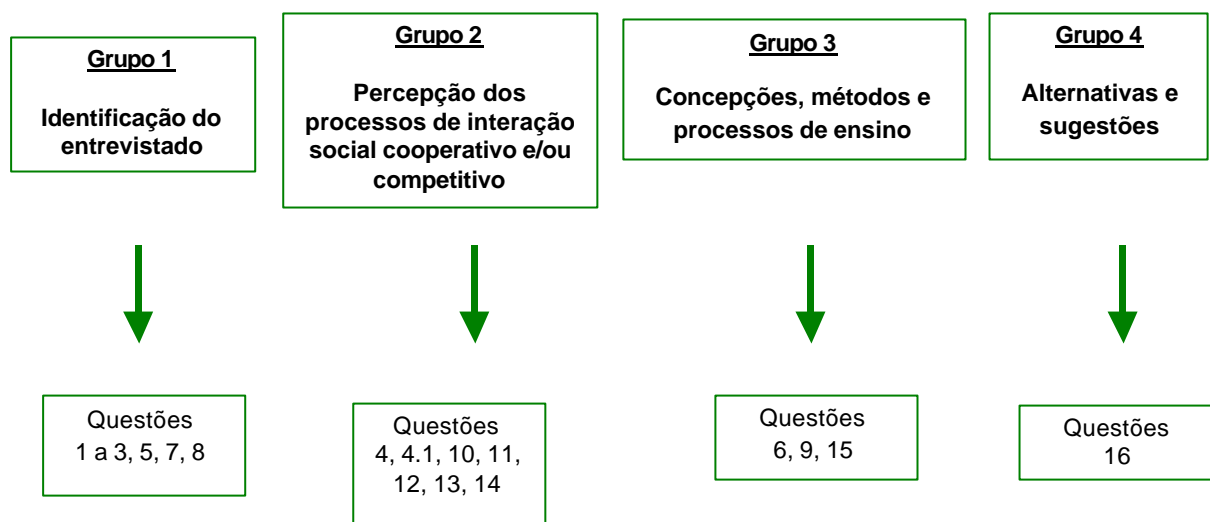
Grupo 3 – Concepções, métodos e processos de ensino

(Questões 6 – 9 – 15)

Grupo 4 - Alternativas e sugestões dos entrevistados

(Questão 16)

Estas variáveis estão ligadas a uma ou mais questões formuladas no Questionário, conforme representado no esquema da Figura 1.



Fonte: A partir dos dados primários da pesquisa, 2004.

Figura 1 - Esquema da classificação das questões do instrumento de coleta de dados, de acordo com as variáveis consideradas.

Grupo 1 – Identificação do entrevistado e objeto de estudo

Nas questões de 1 a 3 e as questões 5, 7 e 8, foram levantadas informações das escolinhas de futebol de Florianópolis, quanto a sua natureza social, local das aulas, faixa etária dos alunos, pagamento de mensalidade, diversidade e número de materiais, bem como informações sobre os responsáveis por estas escolinhas referentes à formação profissional e a opção por trabalhar neste contexto. Estes dados são importantes para que se possa situar o entrevistado quanto aos objetivos do estudo.

Grupo 2 – Percepção dos processos de interação social cooperativos e competitivos

Na questão 4 e 4.1 e questões de 10 a 14, verificou-se o nível de percepção dos entrevistados sobre os processos de interação cooperativos e

competitivos que orientam os métodos e procedimentos utilizados pelos mesmos em suas aulas nas escolinhas de futebol.

Grupo 3 – Concepções métodos e processos de ensino

Nas questões 6, 9, 15, verificou-se o conhecimento dos entrevistados sobre os temas abordados (escolinha de futebol, processos de interação social cooperativos e competitivos, concepções, métodos e processos pedagógicos).

Grupo 4 – Alternativas e sugestões

Na questão 16, o intuito foi apontar o interesse dos entrevistados quanto as alternativas e sugestões, no sentido de colaborar com outras formas de ensinar o futebol, valorizando as possibilidades de interação social do mesmo.

3.2.3 Identificação do público-alvo

Para o público-alvo foram selecionados professores e/ou responsáveis pelas aulas nas escolinhas de futebol de Florianópolis.

A amostra foi efetuada através de um levantamento da quantidade de escolinhas de futebol existentes em Florianópolis. Foram levantadas 20 escolinhas de futebol, sendo entregues 19 questionários (um no Estreito, bairro que pertence ao Município de Florianópolis), mas somente dez foram recolhidos.

É importante salientar que o estudo acabou se confirmando devido a disponibilidade, aceitação e colaboração dos entrevistados envolvidos neste processo, permitindo uma caracterização da amostra.

A aplicação do questionário foi realizada no período compreendido de agosto a dezembro de 2004, em dias e locais diferentes para o mesmo objetivo.

O Questionário foi previamente aplicado em uma população piloto (10%), que faz parte do universo a ser pesquisado, com o intuito de analisar a

clareza e objetividade da linguagem, bem como a contribuição sugestiva como a crítica à reestruturação do mesmo.

3.3 Descrição e Análise das Questões

Para análise dos dados obtidos, mediante a aplicação do Questionário, optou-se por apresentar os dados versus à análise, tendo em vista o grande volume de informações coletadas. *“O estabelecimento de articulações entre os dados e o referencial teórico, pode promover as relações entre concreto e abstrato, geral e particular, teoria e prática”* (MINAYO, 1994, p.79).

Essa etapa do estudo proporcionou uma boa interação com o universo da pesquisa, o tema, os indivíduos, os lugares e os dados fundamentais para a elaboração do mesmo.

Segundo Rauen (2002, p.198), na abordagem qualitativa, com base na categorização dos elementos, o pesquisador *“aponta peculiaridades e nuances, uma vez que a especificidade e as relações dos elementos de conteúdo traduzem a significação da mensagem analisada.”*

3.4 Caracterização das Unidades do Estudo

3.4.1 Escolinha de Futebol A

Está localizada na Rodovia Rafael da Rocha Pires, s/nº, Sambaqui.



Fonte: Escola A, 2004.
Figura 2 – Time de futebol da Escola A.

Esta Escola possui sede e desenvolve seu trabalho no campo do clube de associados do bairro ao qual a escolinha é vinculada. Seus alunos pagam mensalidades e possui um professor com formação de nível superior na área de Educação Física que acumula as funções de coordenador e tesoureiro.

Oferece cinco categorias: fraldinha, pré-mirim, mirim, infantil e juvenil. O número de alunos matriculados gira em torno de 100 e suas aulas/treinos acontecem duas vezes por semana com duração aproximada de 1h30min.

Os sábados são utilizados para jogos amistosos com outras equipes ou para participação em competições entre escolinhas.

3.4.2 Escolinha de Futebol B

Está localizada na Rodovia Baldicero Filomeno, nº 2245, Ribeirão da Ilha.



Fonte: Escola B, 2004.

Figura 3 – Time de futebol da Escola B.

Esta Escola possui sede e desenvolve seu trabalho no campo do clube de associados do bairro ao qual a escolinha é vinculada. Seus alunos pagam mensalidades e possui um “responsável” sem formação superior que atua como professor.

Oferece três categorias: fraldinha, pré-mirim, mirim. O número de alunos matriculados gira em torno de 70 e suas aulas/treinos acontecem duas vezes por semana com duração aproximada de 1h30min.

Os sábados são utilizados para jogos amistosos com outras equipes ou para participação em competições entre escolinhas.

3.4.3 Escolinha de Futebol C

Está localizada na Rua Afonso Cardoso da Veiga, s/nº, Canasvieiras.



Fonte: Escola C, 2004.

Figura 4 – Time de futebol da Escola C.

A Escola possui sede e desenvolve seu trabalho no campo do clube de associados do bairro ao qual a escolinha é vinculada. Seus alunos pagam mensalidades e possui um “responsável” sem formação superior que atua como professor.

Oferece cinco categorias: fraldinha, pré-mirim, mirim, infantil e juvenil. O número de alunos matriculados gira em torno de 130 e suas aulas/treinos acontecem duas vezes por semana com duração aproximada de 1h30min.

Os sábados são utilizados para jogos amistosos com outras equipes ou para participação em competições entre escolinhas.

3.4.4 Escolinha de Futebol D

Está localizada na Rua Graciliano Manoel Gomes, Servidão do Vila, s/nº, Ingleses.



Fonte: Escola D, 2004.

Figura 5 – Time de futebol da Escola D.

A Escola possui sede conveniada e desenvolve seu trabalho no campo do clube de associados do bairro ao qual a escolinha é conveniada, sendo a mesma de caráter privado. Seus alunos pagam mensalidades e possui um “responsável” sem formação superior que atua como professor.

Oferece cinco categorias: fraldinha, pré-mirim, mirim, infantil e juvenil. O número de alunos matriculados gira em torno de 115 e suas aulas/treinos acontecem duas vezes por semana com duração aproximada de 1h30min.

Os sábados são utilizados para jogos amistosos com outras equipes ou para participação em competições entre escolinhas.

3.4.5 Escolinha de Futebol E

Está localizada na Rodovia SC 405, s/nº, Fazenda do Rio Tavares.



Fonte: Escola E, 2004.
Figura 6 – Time de futebol da Escola E.

A Escola possui sede e desenvolve seu trabalho no campo do clube de associados do bairro ao qual a escolinha é vinculada. Seus alunos não pagam mensalidades e possui um professor com formação de nível superior na área de Educação Física que acumula as funções de coordenador e tesoureiro.

Oferece três categorias: mirim, infantil e juvenil e uma categoria feminina sem limite de idade. O número de alunos matriculados gira em torno de 80 e suas aulas/treinos acontecem duas vezes por semana com duração aproximada de 1h.

Os sábados são utilizados para jogos amistosos com outras equipes ou para participação em competições entre escolinhas.

3.4.6 Escolinha de Futebol F

Está localizada na Rua Caminho do Porto, s/nº, Itacorubí.



Fonte: Escola F, 2004.

Figura 7 – Time de futebol da Escola F.

A Escola possui sede e desenvolve seu trabalho no campo do clube de associados do bairro ao qual a escolinha é vinculada. Seus alunos pagam mensalidades e possui um “responsável” sem formação de nível superior que atua como professor.

Oferece quatro categorias: mirim, infantil e juvenil e sub-17. O número de alunos matriculados gira em torno de 80 e suas aulas/treinos aos sábados, domingos e feriados com duração aproximada de uma hora.

Os sábados também são utilizados para jogos amistosos com outras equipes ou para participação em competições entre escolinhas.

3.4.7 Escolinha de Futebol G

Está localizada na Avenida Max Scheramm, nº 3635, Estreito.



Fonte: Escola G, 2004.

Figura 8 – Time de futebol da Escola G.

A Escola possui sede e desenvolve seu trabalho no campo da entidade pública ao qual a escolinha é vinculada. Seus alunos pagam mensalidades e possui um professor com formação de nível superior na área de Educação Física que acumula as funções de coordenador e tesoureiro.

Oferece cinco categorias: fraldinha, pré-mirim, mirim, infantil e juvenil. O número de alunos matriculados gira em torno de 100 e suas aulas/treinos acontecem duas vezes por semana com duração aproximada de 1h.

Os sábados são utilizados para jogos amistosos com outras equipes ou para participação em competições entre escolinhas.

3.4.8 Escolinha de Futebol H

Está localizada na Rua João Pio Duarte Silva, nº 1415, Córrego Grande.



Fonte: Escola H, 2004.

Figura 9 – Time de futebol da Escola H.

A Escola possui sede conveniada e desenvolve seu trabalho no campo do clube de associados do bairro ao qual a escolinha é conveniada, sendo a mesma de caráter privado. Seus alunos pagam mensalidades e possui um “responsável” sem formação superior que atua como professor.

Oferece quatro categorias: pré-mirim, mirim, infantil e juvenil. O número de alunos matriculados gira em torno de 120 e suas aulas/treinos acontecem duas vezes por semana com duração aproximada de 1h.

Os sábados são utilizados para jogos amistosos com outras equipes ou para participação em competições entre escolinhas.

3.4.9 Escolinha de Futebol I

Está localizada na Rua Saul Silveira Denna, s/nº, Carianos.



Fonte: Escola I, 2004.

Figura 10 – Time de futebol da Escola I.

A Escola possui sede e desenvolve seu trabalho no campo do clube de associados ao qual a escolinha é vinculada. Seus alunos não pagam mensalidades e possui um professor com formação de nível superior na área de Educação Física que acumula as funções de coordenador e tesoureiro.

Oferece quatro categorias: mirim, infantil, juvenil e uma categoria formada por alunos de 17 e 18 anos. O número de alunos matriculados gira em torno de 80 e suas aulas/treinos acontecem somente aos sábados com duração aproximada de 1h30min.

Os sábados também são utilizados para jogos amistosos com outras equipes ou para participação em competições entre escolinhas.

3.4.10 Escolinha de Futebol J

Está localizada na Rua Geral de Ponta das Canas, s/nº, Ponta das Canas.



Fonte: Escola J, 2004.

Figura 11 – Time de futebol da Escola J.

A Escola possui sede e desenvolve seu trabalho no campo do clube de associados do bairro ao qual a escolinha é vinculada. Seus alunos pagam mensalidades e possui um “responsável” sem formação superior que atua como professor.

Oferece quatro categorias: pré-mirim, mirim, infantil e juvenil além de alguns alunos que já completaram 17 anos e treinam com a categoria juvenil. O número de alunos matriculados gira em torno de 100 e suas aulas/treinos acontecem duas vezes por semana com duração aproximada de 1h30min.

Os sábados são utilizados para jogos amistosos com outras equipes ou para participação em competições entre escolinhas.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

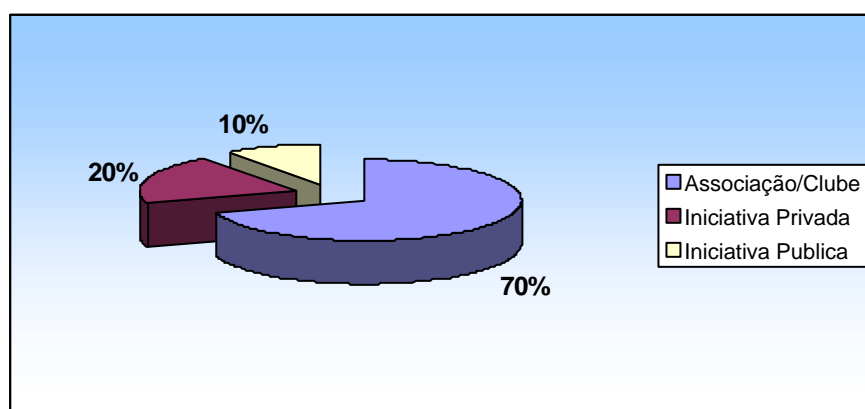
Neste capítulo será apresentada a análise das respostas referentes ao Questionário aplicado aos responsáveis por dez escolinhas de futebol de Florianópolis.

De forma a permitir uma melhor visualização dos resultados, foram elaborados gráficos representativos dos mesmos.

Conforme já mencionado na Delimitação da Pesquisa (item 1.4, Capítulo 1), os resultados apresentados a seguir se referem à realidade das escolinhas tomadas como amostra, não sendo recomendada sua generalização.

4.1 Apresentação dos Dados

A Figura 12 apresenta a constituição da amostra de acordo com a natureza social das escolinhas de futebol de Florianópolis.



Fonte: A partir de dados primários da pesquisa, 2004.
Figura 12 - Natureza social das escolinhas.

Conforme se observa na Figura 12, as escolinhas de futebol de Florianópolis se caracterizam de acordo com suas origens, em sua maioria (70%) por iniciativas de associações/clubes de bairros; 20% possuem origem privada, com convênios com outras instituições para a utilização de suas instalações (campos, vestiários, salas etc.); e 10% é de origem pública.

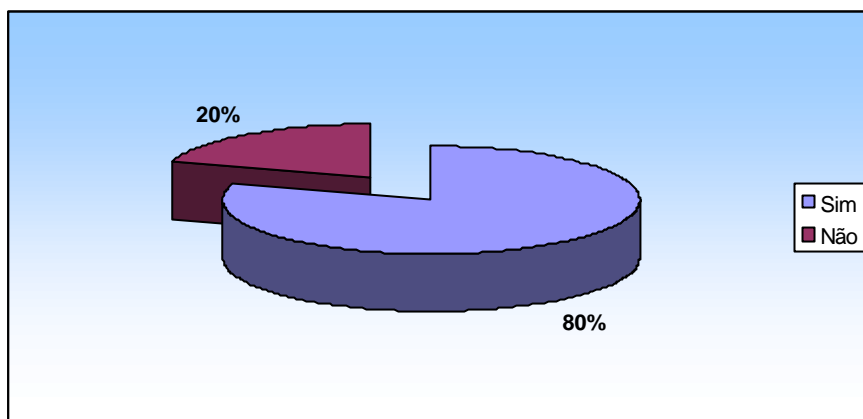
De acordo com as observações efetuadas, nos três casos, a estrutura física possibilita a realização do trabalho a que se destina de forma satisfatória. Isto é, os campos são todos de grama natural, com dimensões adequadas e condições razoáveis de uso e a variação de materiais (bolas, cones, coletes, uniformes, bolsa de massagem, colchonetes, corda, estacas, vídeo etc.). Estas escolinhas, também, viabilizam a realização de um bom trabalho, para o número de freqüentadores, que varia entre 60 a 100 alunos, divididos por categorias, as quais são definidas posteriormente na Figura 20 a seguir.

Entende-se que a razão para flagrante diferenciação em relação à natureza social das escolinhas está no aspecto financeiro. Ou seja, a existência esmagadora de escolinhas oriundas das associações/clubes de bairros se caracteriza pela facilidade em se criar uma atividade desta natureza, com gastos, que se existirem, serão mínimos, já que a estrutura física para tal, já existe e essas associações pelo caráter social a que se destinam, possibilitam a cedência desses espaços sem custos adicionais. Ao contrário das escolinhas privadas, que como mencionadas anteriormente, só existem por utilizarem convênios com outras instituições (muitas delas as próprias associações/clubes de bairros) para o uso de suas instalações.

Não foi possível identificar no contexto estudado, alguma escolinha de futebol privada que possua instalações (sede) próprias. Isto se deve, provavelmente, ao valor financeiro que seria preciso despende para adquirir um imóvel e construir as instalações para este fim, ou ao fato de que em Florianópolis, por se caracterizar como Capital do Estado e cidade turística considerada umas das mais belas do Brasil, tem uma supervalorização dos imóveis.

Dentro do contexto de estrutura e funcionamento das escolinhas pode-se notar, através do Figura 13 a seguir, como as mesmas são mantidas financeiramente, bem como a forma de pagamento de professores e/ou

responsáveis, a aquisição de materiais e outras despesas, a maioria delas (80%) busca suporte financeiro na cobrança de mensalidades, e apenas 20%, por meio de outras fontes.



Fonte: A partir de dados primários da pesquisa, 2004.
Figura 13 - Cobrança de mensalidade.

É importante salientar que todos os responsáveis pelas escolinhas entrevistadas garantem a isenção desta mensalidade para “alunos carentes” (sem poder aquisitivo). Desta forma, no que tange à questão financeira, a realidade das escolinhas de futebol de Florianópolis promove a inclusão social dos menos favorecidos, fato este que em outros segmentos da nossa sociedade não é real.

Diante desta constatação destaca-se Capela (1996), quando este coloca que sendo uma prática social que se mantém à parte da rotina da realidade, o esporte permite que ocorram façanhas como, por exemplo, a de ser o Brasil, um dos últimos países do mundo em índices de qualidade de vida e cidadania, e o que tem o melhor futebol do mundo [...] Só o esporte permite proezas desse tipo.

Pode-se afirmar então que dentro deste contexto específico, mais uma vez o esporte – neste estudo o futebol - também se mantém à parte da rotina da realidade, uma vez que se constata a unanimidade nas escolinhas pesquisadas em promover que alunos carentes estejam incluídos.

Ainda na Figura 13, dentro das características de estruturação das escolinhas, é preciso entender como acontece a distribuição das turmas no

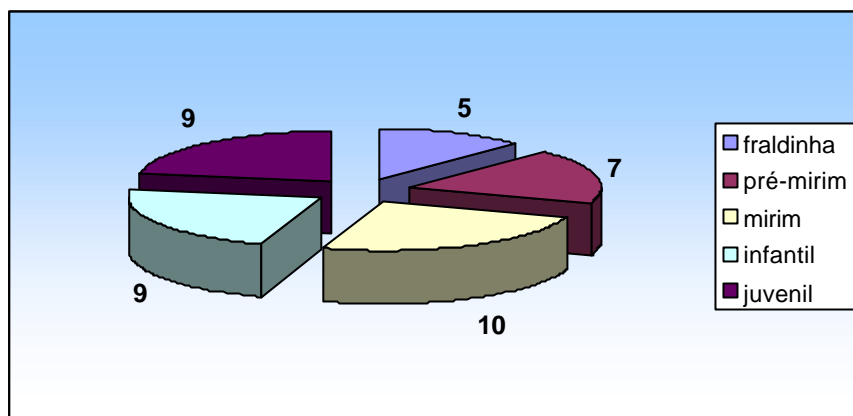
processo de ensino aprendizagem. Segundo os entrevistados, esta divisão acontece por categorias, ou seja, formação de turmas específicas dentro de um limite de idade, sendo divididas da seguinte forma: fraldinha (06 a 08 anos), pré-mirim (09 a 10 anos), mirim (11 a 12 anos), infantil (13 a 14 anos), juvenil (15 a 16 anos)¹¹.

A divisão das categorias de acordo com essas faixas-etárias foi definida de forma consensual por parte dos representantes das escolinhas que organizam o “Campeonato de Escolinhas de Futebol do Norte da Ilha”. A partir do ano de 2005 este campeonato receberá outra denominação, pelo fato de que outras escolinhas de outras regiões da Ilha de Santa Catarina e Continente já disputarem este evento.

Segundo a Liga Florianopolitana de Futebol (LI.F.F), as categorias são, oficialmente, divididas nas seguintes faixas-etárias: mirim (10 a 12 anos), infantil (13 a 14 anos) e juvenil (15,16 a 17 anos).

Neste sentido, de acordo com o Figura 14 a seguir, é possível observar de que forma estas categorias estão convencionadas, e também seus índices de procura. A categoria denominada “mirim” apresenta um pico de maior procura quando comparadas com as demais; as categorias que vem a seguir, em ordem crescente de idade, também, apresentam uma boa aceitação, ficando as iniciantes (“pré-mirim e fraldinha”), nesta ordem, com menor procura.

¹¹ Algumas escolinhas possuem, ainda, a categoria denominada de sub-17, isto é, alunos que fazem 17 anos no ano vigente. Por ser uma categoria adotada por algumas escolinhas para atender somente essa faixa-etária, que existe por si só em momentos de competição, visto que no dia-a-dia os mesmos participam das aulas em conjunto com a categoria juvenil, preferiu-se não identificá-la na Figura 14.



Fonte: A partir de dados primários da pesquisa, 2004.
 Figura 14 - Categorias utilizadas nas escolinhas.

Diante do exposto, pode-se entender que o interesse por parte da criança pelo esporte - em especial o futebol - a ponto de matricular-se em uma escolinha de futebol, cresce e alcança o seu ponto máximo de expectativas no momento em que os mesmos passam a conhecer e vivenciar a iniciação esportiva dentro do espaço escolar, ou seja, nas aulas de Educação Física. A partir daí, priorizando e definindo gostos entre esta ou aquela modalidade, descobrindo e desenvolvendo habilidades para movimentos específicos de um determinado esporte.

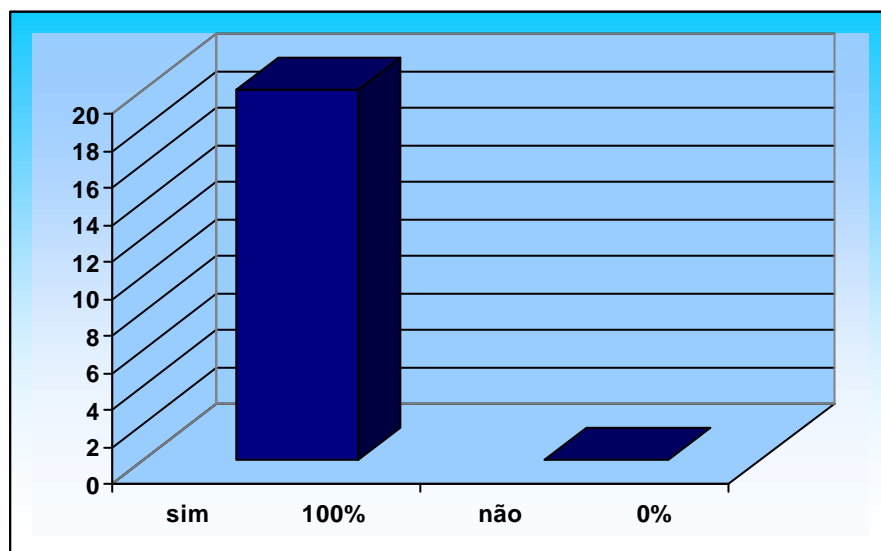
Na visão de Buriti (2001), o papel essencial desempenhado pelas atividades esportivas na formação global do indivíduo, a sua importância para o equilíbrio e a inserção social, devem contar com o apoio dos educadores, treinadores, médicos e pais para que seja encorajada a livre escolha pela criança de uma modalidade esportiva, além da prática da Educação Física Escolar.

Diante do exposto, o que pode ser entendido, também, como determinante para a procura de escolinhas de futebol é o incentivo dos pais com as mais variadas intenções. Dentre elas pode-se citar: considerar importante a prática de atividades físicas para a manutenção da saúde, ocupação do tempo ocioso, possibilidade da criança seguir uma carreira de jogador profissional de futebol.

Buriti (2001) aponta um outro fator tão motivante e influenciador quanto o incentivo dos pais, que são os meios de comunicação. Evidente que a perspectiva dos iniciantes é a de aprender mais, bem rápido, para saírem dos passos iniciais e alçarem vôos mais altos ou rasantes. E, tais malabarismos, são reflexos daquilo que viu na televisão ou nas folhas do jornal, seguindo um modelo e recebendo aprovação popular e, em especial, da família.

Entende-se, então, que existem vários agentes motivadores para uma procura significativa às escolinhas de futebol, e são justamente por esta variação de possibilidades de interação social, expectativas com relação ao esporte e, principalmente, por ser o futebol a modalidade esportiva do sonho de todo brasileiro.

Em se tratando de motivação, os resultados apresentados na Figura 15, demonstram que, dentro do cronograma de atividades das escolinhas de futebol, a participação em competições (campeonatos, torneios) é 100% necessária.



Fonte: A partir de dados primários da pesquisa, 2004.

Figura 15 - Participação em competições.

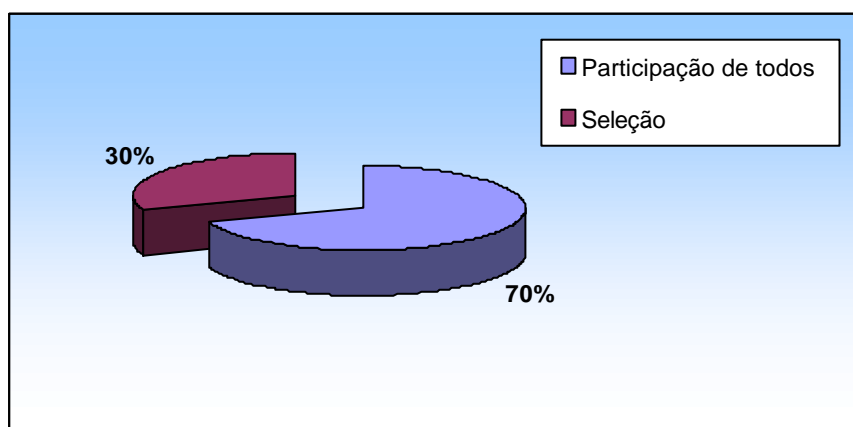
Segundo os entrevistados, este fato se justifica por entenderem a participação em competições como o fator principal de motivação, determinante para a manutenção e aumento das matrículas de alunos, visto que tais eventos

promovem intercâmbios entre escolinhas com experiências de cunho sócio-esportivas das mais interessantes.

Neste sentido, Buriti (2001) aponta que entender o esporte, em especial em sua vertente de competição, é um ato necessário a qualquer homem neste fim de século, visto que lhe será imputada pelas gerações do futuro, a responsabilidade pelos valores que neste campo for capaz de transmitir aos mais jovens e pela omissão que tiver cometido, também.

Entende-se, desta forma, que a competição se constitui num processo de interação social, desde que a mesma não seja utilizada como objetivo único de sobrepujança de um indivíduo ou de uma equipe sobre a outra que provoque conflito e humilhação, mas sim, que possa haver um equilíbrio de sua utilização com outras intenções de cunho social.

Diante da discussão e constatação na Figura 15 (participação unânime das escolinhas em competições), cabe, então, na Figura 15.1, apresentar quais os critérios de participação dos alunos adotados pelas escolinhas nessas competições.



Fonte: A partir de dados primários da pesquisa, 2004.
Figura 15.1 - Critérios de participação em competições.

De acordo com a Figura 15.1, observa-se que 70% dos entrevistados usam como critério participação de todos os alunos integrantes da escolinha, sendo que os outros 30% selecionam os “mais habilidosos” nas competições.

Desta forma, é possível visualizar duas propostas com objetivos distintos. Na primeira, as escolinhas que defendem a participação de todos, trabalham dentro do processo de cooperação nas suas ações internas. Nas suas ações externas, ou seja, em eventos competitivos, afirmam garantir a participação de todos os alunos da escolinha.

Sendo assim, a garantia de participação de todos os alunos, em todas as atividades da escolinha, inclusive naquelas de caráter competitivo, vem constatar, na verdade, que essas escolinhas estão utilizando os dois processos de interação social, isto é, cooperativo e competitivo, simultaneamente.

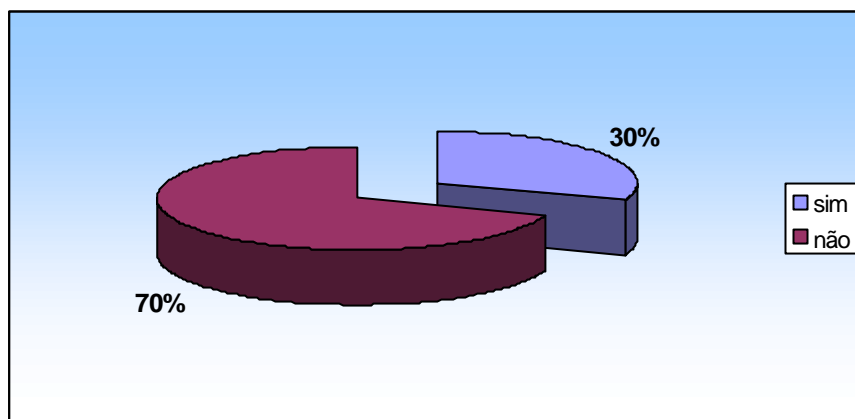
Brotto (1997 apud SOLER, 2003) define competição como um processo de interação social, em que os objetivos são mutuamente exclusivos, as ações são isoladas ou em oposição umas às outras, e os benefícios são concentrados somente para alguns [...]; cooperação é um processo de interação social, em que os objetivos são comuns, as ações são compartilhadas e os benefícios são distribuídos para todos.

Na segunda proposta, as escolinhas que defendem a seleção dos “mais habilidosos” para participação em competições, possuem nas suas ações internas e externas um único objetivo, que é o de priorizar como produto final o resultado técnico nessas participações. Ou seja, neste caso o que conta é o desempenho, o título como realização e promoção pessoal e preparação do aluno para o mercado de trabalho, como futuro atleta profissional do futebol.

Nas palavras de Shigunov e Pereira (1994), a competição pode apresentar aspectos positivos, porém se não utilizada de forma equilibrada, esses aspectos serão negativos. Ou seja, não se deve priorizar apenas as vitórias, o reconhecimento individual e a sobrepujança ao adversário. A prioridade deve ser dada ao ser humano, adversário ou não, traçando como objetivos a emancipação, a integração e o lazer.

Visto desta forma, entende-se que qualquer que sejam os objetivos dentro de um evento competitivo é preciso que se respeite os que nele irão atuar, conhecendo seus desejos, retirando os medos e inseguranças, promovendo a auto-estima e estimulando as habilidades pretendidas, dentro de um equilíbrio que priorize o ser humano e sua interação com o outro.

Após a investigação dos critérios de participação dos alunos em competições adotados pelas escolinhas estudadas, foi perguntado aos entrevistados se os mesmos possuem um projeto com objetivos definidos, cronograma de atividades e etapas planejadas. (Figura 16).



Fonte: A partir de dados primários da pesquisa, 2004.

Figura 16 - Projeto com objetivos definidos, cronograma de atividades e etapas planejadas.

Observando a Figura 16, pode-se perceber que a construção do projeto não é levada em conta por grande parte dos responsáveis pelas escolinhas em estudo. No decorrer da entrevista constatou-se que somente três escolinhas possuem documentos entendidos como projeto, que direcione as ações empreendidas para o alcance de um trabalho evolutivo e constante e que vá ao encontro aos objetivos definidos.

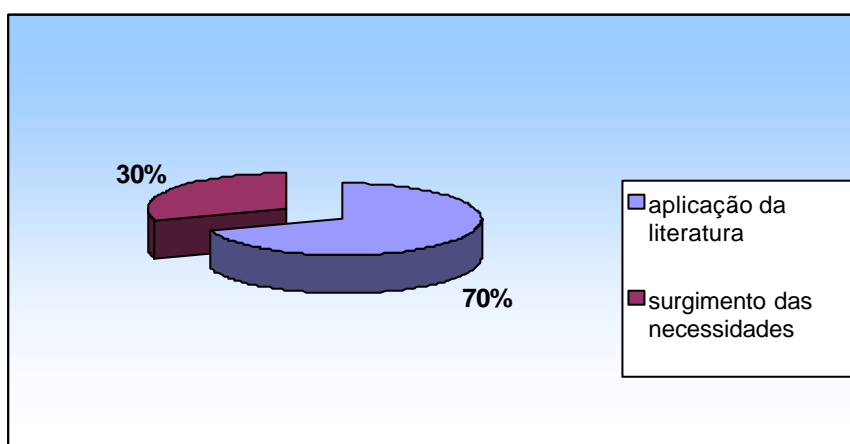
Neste sentido, Rezer (2003) aponta que não se sustenta um trabalho que anda de acordo com o vento, onde as posições definidas em um momento são negadas em outro.

Diante desta realidade pode-se constatar que a maioria (70%) dos responsáveis pelas escolinhas não percebe a importância do projeto, portanto não conseguem manter uma coerência entre teoria e prática do dia-a-dia. Alguns professores e/ou responsáveis admitem, inclusive, que suas aulas não são planejadas e que acontecem de acordo com o surgimento das necessidades de fundamentação tática e técnica detectadas no andamento das aulas.

Portanto, pode-se entender que as escolinhas que não se orientam por um projeto, estão à margem do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que falar de planejamento é falar de uma das fases mais importantes neste processo, pois a elaboração de um projeto permite refletir a respeito do que ser realizado.

Indo mais além, acredita-se que a partir do momento que estas escolinhas comecem a elaborar um projeto fundamentado numa proposta pedagógica e numa concepção de aprendizagem que possam legitimar seus trabalhos, terão a possibilidade de demonstrar mais qualidade e terão muito mais credibilidade no que fazem.

Após a investigação de como acontece o processo de ensino-aprendizagem nas escolinhas, 70% dos entrevistados responderam que o mesmo ocorre através da aplicação prática de conhecimentos técnicos, táticos e físicos, além da aplicação teórica das regras oficiais da modalidade. (Figura 17).



Fonte: A partir de dados primários da pesquisa, 2004.

Figura 17 - Como acontece o processo ensino-aprendizagem.

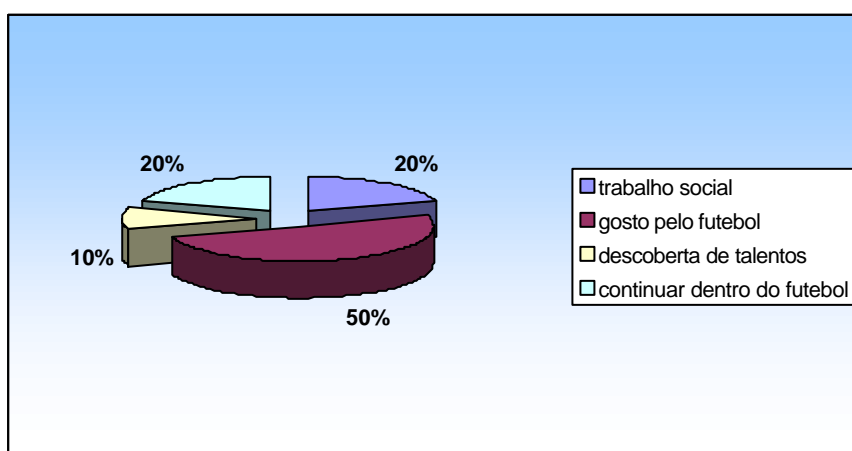
Os outros 30% dos entrevistados responderam que o processo de ensino-aprendizagem ocorre de acordo com o surgimento das necessidades táticas e técnicas, neste caso percebe-se que os mesmos não possuem referência que ajudem a elaborar e entender este processo. Ou seja, os entrevistados só definem os conteúdos a serem trabalhados a partir do que eles observam como mais urgentes e necessários. Isto acontece após a apreciação

dos movimentos desenvolvidos pelos alunos. Movimentos estes denominados de fundamentos específicos da modalidade.

Segundo Souza (2001), o mundo vivido pelas crianças que sonham ascender o futebol, na grande maioria pobre da periferia, estas ricas em vivências corporais, que só tornam-se possíveis de vivenciar quem brinca na rua, na ladeira, solta pipa, joga pelada na calçada, no campinho, em qualquer espaço. Esta criança tem em si uma complexibilidade de movimento que serão paulatinamente tolhidos ao longo do processo de formação do futuro atleta, e adaptados aos gestos considerados padrões no futebol.

Em detrimento ao que diz o autor, em ambas as respostas analisadas, percebe-se que no processo de ensino-aprendizagem da realidade estudada acontece uma certa padronização na abordagem prática dos aspectos técnicos e táticos. Esta mencionada padronização poderá ser confirmada ou não, após a análise de questões posteriores relacionadas à possibilidade do uso da criatividade (Figura 21 a seguir) e a preocupação em contextualizar o ensino do futebol (Gráfico 17).

Após se constatar a falta de projeto para o planejamento das atividades pedagógicas da maioria das escolinhas, bem como de que forma acontece o processo de ensino-aprendizagem (demonstrado na Figura 17), os resultados da Figura 18 mostram que estes profissionais (50%) optaram por trabalhar em escolinhas de futebol pelo prazer de trabalhar com o futebol.



Fonte: A partir de dados primários da pesquisa, 2004.
Figura 18 - Opção de trabalhar com escolinhas de futebol.

Por se tratar do esporte mais praticado no Brasil - verdadeiro fenômeno popular que desperta paixões desenfreadas - pode-se entender que é uma resposta perfeitamente previsível e compreensível.

Dentre o restante (50%) dos entrevistados, 20% responderam que esta opção aconteceu pelo fato de poderem continuar dentro do futebol. Neste sentido, Souza (2001) aponta que é o que sobra para a maioria dos profissionais, pois subordinados a uma vida inteira de treinamentos constantes, sem tempo para preparar o final de carreira e outra experiência além do futebol. Se for este o caso, pela vida que levam estes profissionais da bola, que não têm tempo para se dedicarem aos estudos, devido aos inúmeros compromissos com treinos, concentração, jogos, viagens etc., é bem provável que seja esta uma das poucas opções de se manterem financeiramente e continuarem suas vidas exercendo uma atividade profissional.

A opção pela possibilidade de descobrirem novos talentos que possam se tornar futuros profissionais foi respondida por 10% dos entrevistados. Neste sentido, Souza (2001) coloca, também, que as categorias de base, viraram um centro por excelência de formação de talentos esportivos, sendo esta a verdadeira intenção dos clubes em fomentá-las, justamente com a garantia de subsidiar o mercado ininterruptamente.

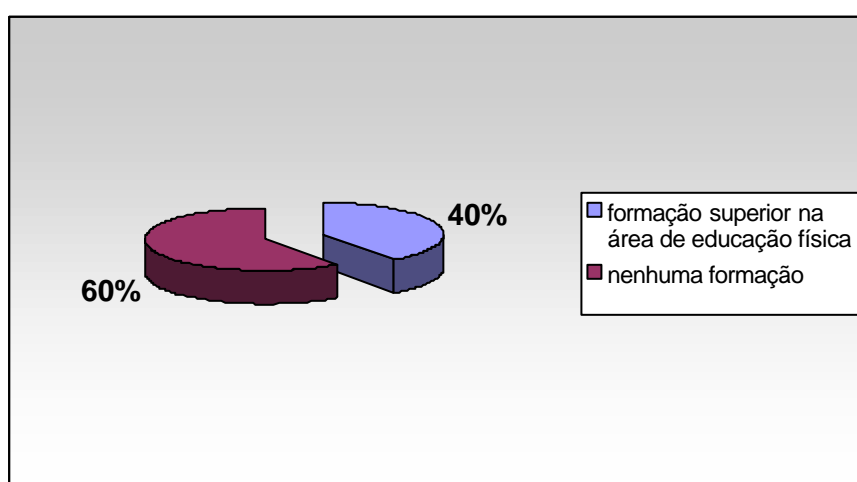
Sabe-se que este mercado de grandes promessas de jogadores de futebol é algo que vem crescendo assustadoramente com lucros bem interessantes para os seus “descobridores”. Esta constatação é bastante preocupante uma vez que as oportunidades serão dadas apenas àqueles que se enquadram numa escala de aptidão física e técnica, e que poderão produzir em termos mercadológicos como geradores de lucro, não se importando com outras dimensões do ser humano, tais como: dimensão cultural, social, política, e afetiva, que são necessárias, antes de tudo, à formação do cidadão.

Os 20% restantes fizeram esta opção para realizarem um trabalho social, sem fins lucrativos, onde o objetivo principal está em proporcionar possibilidades de interação social, estabelecer relações interpessoais, e promover o crescimento humano.

Ressalte-se que dentre os que optaram pela questão social, também estão aqueles que revelam preocupação com o processo de conscientização do indivíduo frente à importância da atividade física para uma vida saudável, vindo ao encontro da afirmação de Nahas (2001), quando se refere a responsabilidade dos profissionais da saúde e, principalmente, os da Educação Física, em bem informar as pessoas dos fatores necessários a uma vida saudável. Ou seja, se as informações forem relevantes para o grupo a que se destina, se estiverem associadas as reais oportunidades para a prática, e se houver apoio social necessário, pode-se, então esperar que estimulem mudanças de atitudes e até de comportamentos, o que levaria a uma melhor condição geral de bem-estar e saúde.

Entende-se, desta forma, que se acontecer de fato um trabalho que provoque reflexão, desperte consciência daqueles inseridos no contexto - no caso os alunos - ter-se-ia como consequência uma adoção de hábitos saudáveis, que os afastariam de momentos ociosos e condutas indesejáveis e prejudiciais às suas vidas.

Na Figura 19, pode-se perceber que uma parcela significativa (60%) dos responsáveis pelas aulas nas escolinhas em estudo não possui formação superior na área de Educação Física e/ou em outra formação.



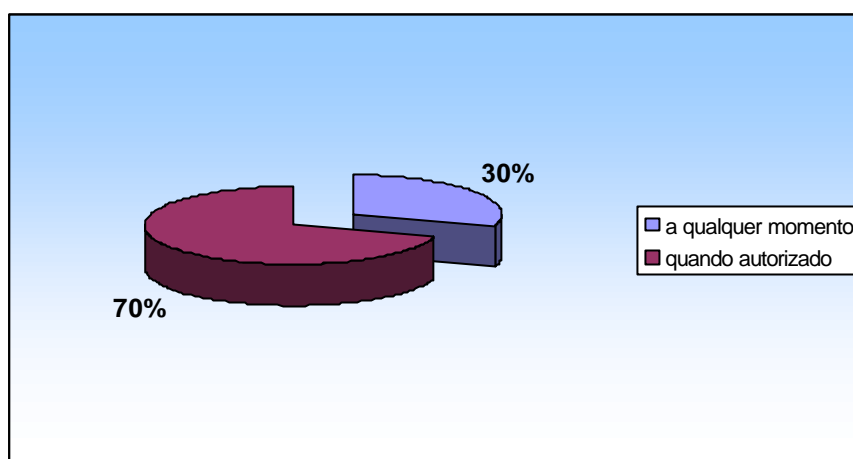
Fonte: A partir de dados primários da pesquisa, 2004.
Figura 19 - Nível de formação dos entrevistados.

É importante salientar que justamente os entrevistados que apresentam projeto, conforme especificado anteriormente, figuram entre os 40% dos professores com formação superior na área de educação Física. Esta constatação está caracterizada na Figura 17, anteriormente citada, onde foram explanados fatores como a ausência de um projeto e, conseqüentemente, a falta de planejamento e a forma como é encaminhado o processo ensino-aprendizagem nessas escolinhas. Sendo assim, é fundamental que os responsáveis conheçam alguns requisitos básicos para que possam atuar dentro deste contexto específico, além da “visão de mundo” que sirva de referência para seus alunos, isto é, a necessidade da formação acadêmica dos mesmos.

Neste sentido, Souza (2001) aponta que os profissionais do esporte não deverão ser apenas tutores dos jovens atletas, pois disto eles, embora não percebam, já tem demais; o professor no processo de ensinar-aprender, tem de ser um professor para o mundo da vida.

Embora sejam importantes não basta apenas ter boa vontade, anos de experiência ou ter sido jogador profissional, bem como achar que está prestando um serviço social, ou ainda, garimpando futuros talentos. Dentro desses requisitos básicos deve-se destacar o conhecimento de uma método de ensino e experiência didático-pedagógica, que proporcione subsídios necessários a uma orientação adequada, no tempo certo e respeitando as potencialidades de cada um.

De acordo com a Figura 20, quando perguntado aos entrevistados sobre em que momento da aula é dado aos alunos a possibilidade da criatividade, improviso, espontaneidade, e liberdade de movimentos, apenas 30% afirmou que acontece em qualquer momento.



Fonte: A partir de dados primários da pesquisa, 2004.
Figura 20 - Possibilidades de criatividade.

Na visão de Kunz (apud SOUZA, 2001), criar situações de movimento em haver com a realidade e vivência do aluno, e liberdade de agir sobre o acontecimento normal e esperado, juntamente com a possibilidade do aluno praticar diferentes soluções, além de desenvolver um estilo próprio para cada atividade. Desta forma levando o jovem a entender o seu próprio movimento, a sua representação social, a autonomia ao agir, e a liberdade de criação e improviso do jogador brasileiro.

Até porque não se consegue entender que tais possibilidades possam ser seccionadas, impedidas em determinados momentos e permitidas em outros. A oportunidade de o aluno testar múltiplas possibilidades de respostas para resolução de problemas que se apresentam em uma série de situações durante as aulas e não em um momento específico, faz com que estes adquiram comportamentos altamente favoráveis a se tornarem verdadeiros cidadãos críticos e autônomos, cientes de suas responsabilidades.

O restante dos entrevistados (70%) afirmou que esta concessão somente é permitida em determinados momentos. Isto é, alguns permitem essa possibilidade para as categorias menores como fraldinha, pré-mirim e mirim, outros nos trabalhos de recreação, e outros somente no jogo. Entende-se ser esta uma concepção de aprendizagem ambientalista, com abordagem tradicional,

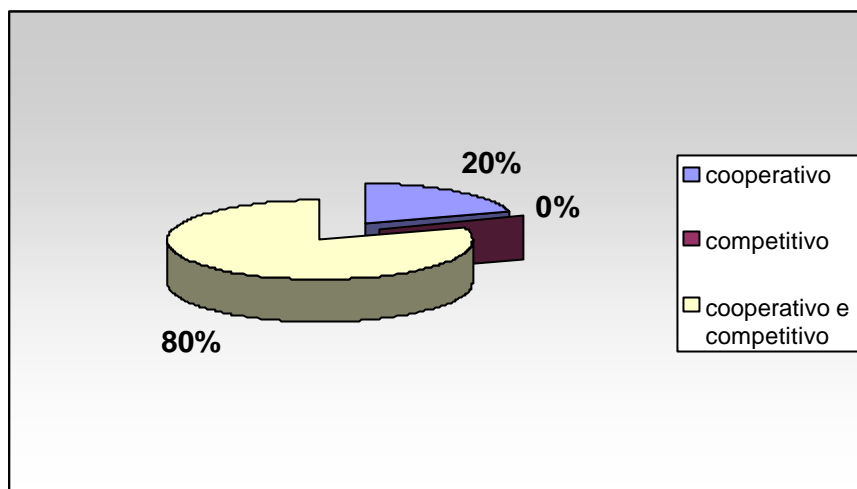
centrada apenas no professor a responsabilidade pelo processo de ensino-aprendizagem (esta concepção será explicada na Figura 14).

Esta pouca abertura apontada ou ainda permissível só em algumas situações demonstram, também, segundo Taffarel (1985), uma tendência de uma vivência de ensino baseado em princípios de esporte de alto nível, caracterizado pela prática de poucos, em detrimento da prática de todos.

Ainda de acordo com Capela (1996), é verdade que os progressos táticos e de treinamentos trazidos pelas condutas aculturadas importadas e que dão sustentação ao 'futebol força' aumentaram a eficiência para a tarefa de vencer/sobrepular. Porém, também, é verdade que esses métodos não atendem as expectativas estéticas culturais de jogar e gostar de futebol dos brasileiros, pois o gosto desses pelo futebol encontra-se referenciado a indivíduos criativos, indeterminados e imprevisíveis, que podem ser traduzidos na forma de jogar de profissionais como Leônidas da Silva, Pelé, Garrincha, Ronaldinho Gaúcho, dentre outros.

Diante do contexto acima, pode-se constatar que a ação pedagógica destas escolinhas não prioriza tais possibilidades, visto que enfatiza o tecnicismo fechado, sem abertura para o desenvolvimento da criatividade, espontaneidade e liberdade de movimentos, tão importantes para o desenvolvimento pessoal como ser de uma sociedade, e ser agente transformador da sociedade em que vive.

De acordo com a Figura 21 a seguir, quando perguntado aos entrevistados em que processo de interação social está baseado o trabalho em suas escolinhas, foi obtido um resultado surpreendente.

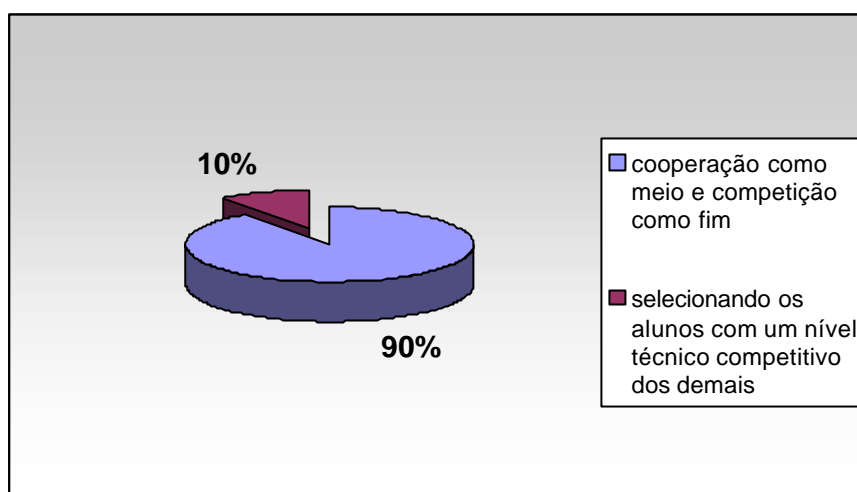


Fonte: A partir de dados primários da pesquisa, 2004.
 Figura 21 - Processos de interação social em que estão baseadas.

Dentre os entrevistados, 20% respondeu que trabalha dentro de um processo de cooperação, nenhum deles assumiu trabalhar dentro de um processo puramente competitivo, e 80% respondeu trabalhar com os dois processos simultaneamente. Eis aqui uma contradição, já que de acordo com a Figura 15, todos os entrevistados afirmaram participar de competições.

Segundo Souza (2001), não podemos perder de vista, que o futebol atualmente é esporte, e como esporte está diretamente ligado a concepções do mundo capitalista, pois àquele faz parte deste. Como tal se relaciona com a cooperação, ao mesmo tempo, relaciona-se com o conflito. Este fator (conflito) é aqui entendido como “competição”.

Quando perguntado aos entrevistados se existia a possibilidade de se trabalhar, simultaneamente, dentro dos dois processos de interação social, todos responderam que sim. A forma como esse trabalho poderá ocorrer está demonstrada na Figura 22 a seguir.



Fonte: A partir de dados primários da pesquisa, 2004.

Figura 22 - Possibilidades de desenvolvimento simultâneo de dois processos de interação social.

Na Figura 22, quando perguntados de que forma se poderia trabalhar os dois processos de interação social juntos, 90% responderam que este trabalho pode ser feito através de atividades como: jogo coletivo em aula e trabalhos com fundamentos onde é necessária a participação de dois ou mais alunos que ficasse claro o uso da cooperação como necessário ao desenvolvimento dessas atividades, onde o resultado seria a preparação de uma equipe competitiva. Entendendo desta forma, estarem utilizando a cooperação como meio e a competição como fim. Fazendo eco a esta afirmação, Buriti (2001) destaca que uma equipe com identidade própria é composta por um grupo de pessoas com funções específicas e comportamentos distintos, que se afinam para a obtenção de um objetivo, diante de uma interação planejada. Isto faz com que o profissional que lidera o grupo possa estudar as formas de constatar cada um dos membros do seu time, possa compreender o relacionamento destes com seus familiares e amigos, indicando desta forma, o grupo para o sucesso, ainda que não seja a vitória, mas o equilíbrio da equipe.

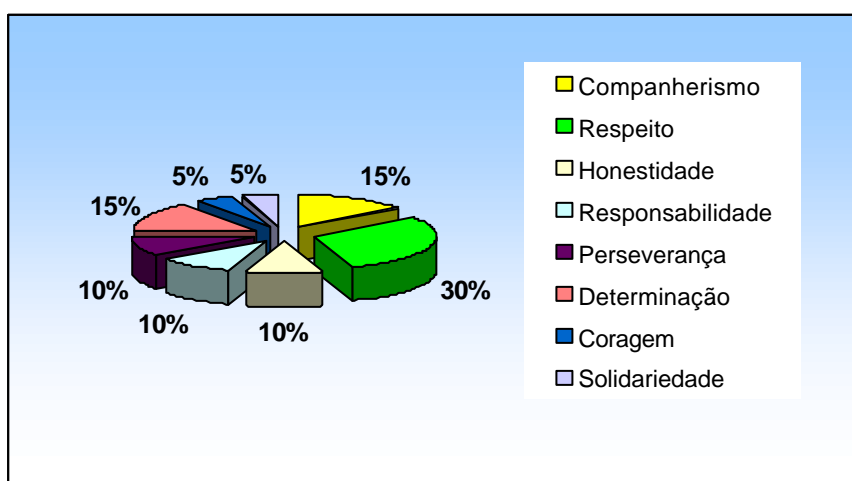
De acordo com Souza (2001), no esporte a interação social só é promovida quando existe a possibilidade de estabelecer uma atitude cooperativa, promovida conscientemente. Embora num meio, onde o “competir” e o “ganhar” são fatores de muita relevância, o papel do professor que atua junto às categorias

de base, no sentido de dar elementos com a finalidade de diminuir este ímpeto, torna-se essencial.

Entende desta forma que a possibilidade de se utilizar dois processos de interação social em conjunto, não só é possível como necessário, desde que - condutor deste processo - no caso o professor, promova a mediação e o equilíbrio de ações necessárias para que isto aconteça.

Os 10% dos entrevistados restantes responderam que podem trabalhar os dois processos juntos, selecionando os alunos com um nível técnico competitivo acima dos demais. O que se entende neste sentido é que o fato de trabalharem selecionando uma equipe de competição garante uma ação competitiva. Por outro lado, esta seleção dos alunos mais habilidosos, daqueles menos habilidosos, que ficaram num outro grupo de trabalho, não garante ser uma ação cooperativa. O fato de existir uma separação de grupos de alunos para realizarem atividades diversas, com objetivos diferentes, estando estes em lugares diferentes, vem confirmar não haver possibilidades de interação entre os mesmos.

Os entrevistados agora perguntados sobre que tipos de valores pretendem que os alunos desenvolvam em suas aulas nas escolinhas, estes citaram alguns deles, uns mais do que outros. (Figura 23). Neste sentido, Stefans (2002) aponta que valores são convicções básicas de um modo específico de conduta individualmente ou socialmente preferível a um modo oposto.



Fonte: A partir de dados primários da pesquisa, 2004.
Figura 23 - Aquisição de valores.

Na verdade não se teve a preocupação, através dos dados levantados, de quantificá-los por grau de importância, mas sim, ter-se a noção de sua utilização como instrumento de metas desejáveis de serem atingidas na vida destes alunos.

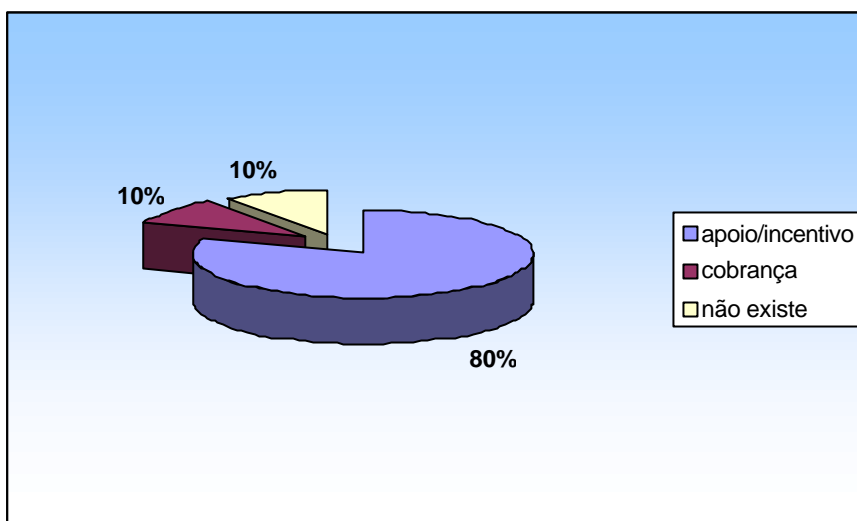
Desta forma, entende-se que a preocupação de todos os entrevistados é de despertar comportamentos em seus alunos, que lhes possibilitem seguir caminhos desejáveis de serem atingidos, seguindo padrões de conduta culturalmente aceitáveis em nossa sociedade.

De acordo com Buriti (2001), ao entender-se o esporte, em qualquer de suas feições, como uma atividade que valoriza socialmente o homem, entende-se que ele proporcionará uma melhoria de a auto-imagem e da auto-estima; será uma valorização interior do próprio indivíduo, que estará preparado para uma série de confrontos, independente dos resultados obtidos, pois ele estará se sentindo bem, dentro de perspectiva que ele mesmo traçou e conquistou.

Desta forma, Buriti (2001) propõe que se utilize o esporte para apropriar-se de valores sociais que possam dar um real significado e conseqüente preparo para questões conflituosas dentro do mesmo, sem preocupação com os resultados e performances puramente técnicas.

Com os valores que foram elencados pelos entrevistados, espera-se que sejam criadas condições necessárias a um ambiente saudável, com ações pedagógicas que possibilite atingir tais objetivos, sem que isto fique apenas no discurso.

Na Figura 24 a seguir, quando perguntado aos entrevistados sobre o tipo de relacionamento que existia entre pais e filhos em suas escolinhas - neste caso mais especificamente o comportamento dos pais em relação aos seus filhos - 80% deles respondeu que existia uma relação de apoio e incentivo por parte dos pais, 10% cobram uma melhor performance dos filhos, e 10% que não exige relação não existe pela total ausência dos pais.



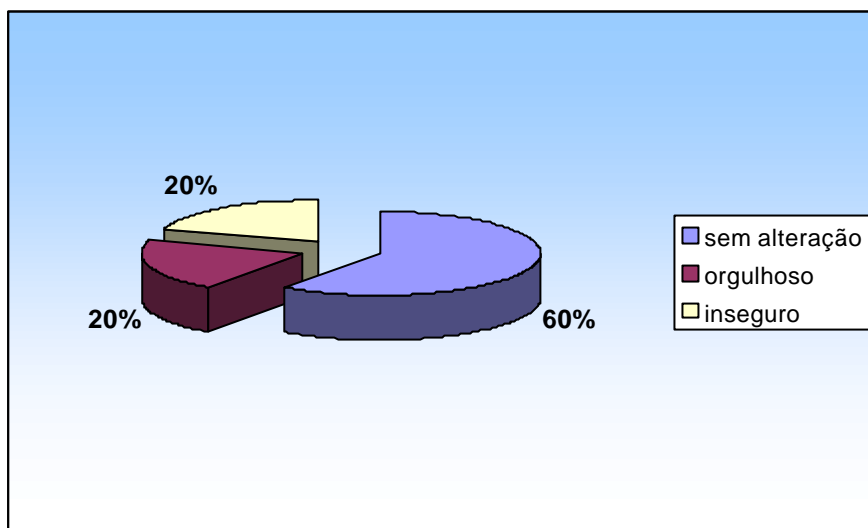
Fonte: A partir de dados primários da pesquisa, 2004.
Figura 24 - Comportamento dos pais em relação aos filhos.

Neste sentido, Buriti (2001) coloca que [...] mais do que ensinar coisas novas, trabalhar as qualidades físicas básicas, fazer treinar as técnicas e os sistemas táticos, difícil será diminuir o impacto de uma derrota diante de um adversário muito superior, ou ainda, explicar porque tal adversário era tão superior. Como difícil é, mais do que tudo, explicar para os pais que o importante era estar participando do evento, sem a gana pela vitória, enquanto ele torcia tanto pela boa atuação de seu filho. Percebe-se uma forte preocupação de Buriti (2001), no que se refere à forma de agir diante de uma atitude de cobrança dos pais por resultados positivos (vitórias em eventos) e boa atuação do filho nesses eventos. Entretanto, neste contexto específico estudado, esta preocupação praticamente não existe.

Diante dos resultados obtidos nesta questão, constata-se que a grande maioria dos pais que participam de uma forma ou de outra, em alguns ou em todos os momentos de atuação de seus filhos, o fazem de forma positiva, entendendo o esporte como um meio que se traduzirá em crescimento em vários aspectos.

De acordo com a Figura 25, a seguir, agora perguntando como se comportam os filhos (alunos) em relação à presença dos pais nas escolinhas, percebe-se uma coerência nas respostas da Figura 24. Ou seja, 60% dos

entrevistados, respondeu que seus alunos se mantêm de forma inalterada. Além destes, 20% ainda demonstram orgulho e satisfação que são entendidos como sentimentos positivos, que só vem aumentar o prazer pela atividade que estão desenvolvendo.



Fonte: A partir de dados primários da pesquisa, 2004.
Figura 25 - Comportamento dos filhos em relação aos pais.

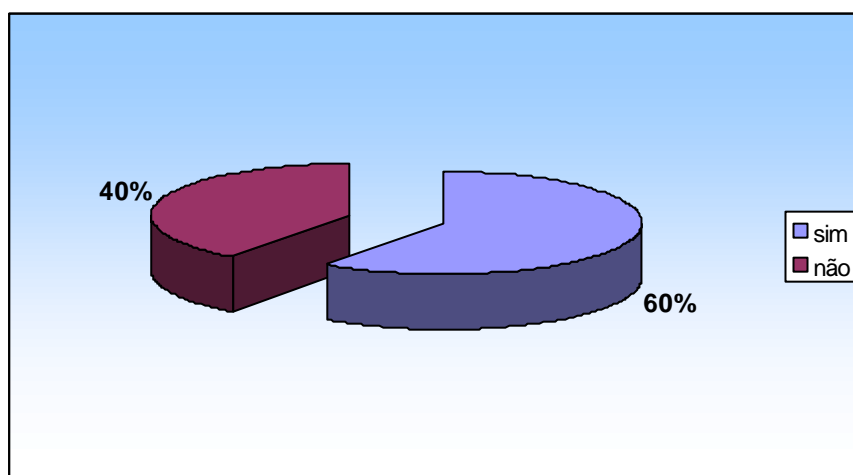
Já, 20% dos entrevistados fica dividido entre a inibição e a insegurança por perceberem que seus pais esperam um bom desempenho e resultados favoráveis que entendem como mais importantes do que qualquer coisa. Isto vem de encontro com o que foi discutido na Figura 22, que trata sobre a cobrança dos pais por resultados positivos e uma boa atuação dos filhos.

Neste sentido, Buriti (2001) aponta que as pressões sofridas pelos jovens atletas, diante de determinados aspectos, principalmente da liderança de adultos que os cercam, criarão um entrave que resultará em comportamentos inadequados posteriores e, conseqüentemente, da dificuldade de saber que orientação seguir. Isto é, se o pai que grita e gesticula do lado externo das grades ou do professor que interfere no decorrer do acontecimento esportivo.

Desta forma, entende que os alunos - nas figuras de filhos - atendem a muitos dos estímulos dos pais que por sua vez atendem aos apelos da sociedade que fazem parte e, o professor dentro deste contexto competitivo, atua como professor-técnico, não menos tolerante. Diante desta realidade acredita-se que

uma atitude hostil extremada provavelmente terá uma conotação muito mais devastadora na formação afetivo-social do aluno. É importante entender os benefícios de uma prática sadia de atividade física, possibilitar um ambiente favorável que venha corresponder às necessidades motoras da criança, e respeitar o seu desejo de jogar sem cobranças. Sugere-se que se busque uma relação equilibrada entre pais-filho-professor, estabelecendo uma comunicação com grau de importância para as atitudes estabelecidas.

De acordo com a Figura 26, quando perguntado aos entrevistados se tinham preocupação em contextualizar, isto é, fazer um resgate histórico da cultura do futebol brasileiro, 60% respondeu que sim e 40% que não.



Fonte: A partir de dados primários da pesquisa, 2004.
Figura 26 - Contextualização histórica e cultural do futebol.

Os entrevistados que deram uma resposta positiva argumentaram que acham importante esta contextualização por entenderem que os alunos que se apropriam do conhecimento histórico da origem do nosso futebol e da sua evolução até os dias de hoje, possuirão maior facilidade de entendimento e conscientização das inúmeras possibilidades que o futebol pode oferecer.

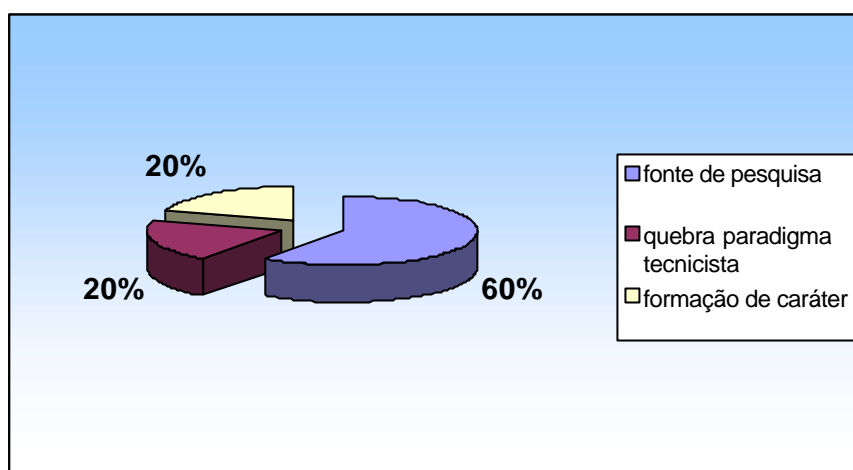
Neste sentido, Buriti (2001) aponta que conhecer o esporte é ter compreensão do fenômeno esportivo e perceber a importância social da prática esportiva, além de vislumbrar e reconhecer o seu alcance cultural. Não acreditamos que todos devem conhecer tudo sobre esportes, mas sim, pensamos que é importante entender o papel do esporte na vida moderna.

Além da compreensão do esporte e a importância social de sua prática Souza (2001) observa que é preciso perceber o esporte - no caso o futebol - além de uma visão restrita, mas percebê-lo num sentido mais amplo, que vai além da mera prática, ou seja, é conhecer o esporte, com sua história, com seu significado, com suas ações e intervenções sociais, culturais e políticas.

A visão restrita a que se refere Souza (2001), é entendida como uma visão sem clareza, portanto, sem consciência e criticidade. Ou seja, uma visão que obedece as regras pré-estabelecidas sem discutí-las, numa concepção de aprendizagem centrada no professor, onde este é o detentor do saber e somente através dele que as informações serão colhidas e transformadas em conhecimento.

Visto desta forma, é bem provável que os 60% dos entrevistados que afirmaram contextualizar o ensino do futebol em suas escolinhas, possam ter mais êxito em seus objetivos, de formar, antes um atleta, um verdadeiro cidadão ciente dos seus direitos e deveres no mundo.

Fica evidente através dos dados demonstrados na Figura 27 a seguir, que uma parcela bastante significativa dos entrevistados (60%), pensa em utilizar o presente estudo como fonte de pesquisa para uma futura avaliação e um repensar de como estão sendo orientadas e conduzidas suas escolinhas, num aspecto a importância do mesmo considerando a interação social.



Fonte: A partir de dados primários da pesquisa, 2004.
Figura 27 - Contribuições do tema abordado.

Já 20% dos entrevistados visualizam a possibilidade do presente estudo servir como mais um componente formador de caráter, por entender que o mesmo estimula, e valoriza as relações interpessoais que favorecem a construção do caráter do indivíduo.

Os 20% restantes preferem a utilização deste estudo como documento de contraposição de uma visão tecnicista de ensino que, para Rego (1995), a visão prática da pedagogia tradicional (na sua versão conservadora, diretiva ou tecnicista) é permeada pelos pressupostos do ambientalismo. O papel da escola e do ensino é supervalorizado, já que o aluno é um receptáculo vazio (alguém que em princípio nada sabe) [...] Nessa perspectiva os conteúdos e procedimentos didáticos não precisam ter nenhuma relação com o cotidiano do aluno e muito menos com as realidades sociais. É a predominância da palavra do professor, das regras impostas e da transmissão verbal do conhecimento.

Diante do exposto, acredita-se que exista por parte dos entrevistados, boa vontade para mudanças em suas práticas de ensino, bem como a necessidade de referência, que modestamente este estudo também pode oferecer.

4.2 Proposta de um Programa para Inserção de Interação Cooperativa e Competitiva em Escolinhas de Futebol como Fator de Inclusão Social

O Município de Florianópolis apresenta uma grande demanda por iniciativas sócio-esportivas que promovam a educação e formação integral de crianças e adolescentes. A implantação de um programa integrado de iniciativas esportivas, sociais e educativas nas escolinhas de futebol é motivada por diversos fatores, buscando atender a princípios da chamada educação integral na busca de uma sociedade mais justa e humana.

Destacam-se como fatores motivacionais o desenvolvimento da auto-estima, da prática e conscientização de uma atividade física saudável, inclusão e interação social além da potencialidade óbvia de formação de futuros profissionais do esporte em questão.

Não se pretende estipular prazos, com datas e início e fim para a sua execução, porém entende-se como necessário que o mesmo seja avaliado e reavaliado constantemente.

Por tratar-se de uma iniciativa com características diferenciadas e objetivos abrangentes, podendo o mesmo ser flexível mediante a realidade apresentada pela escolinha de futebol (o pesquisador está à disposição para qualquer esclarecimento que se fizer necessário).

4.2.1 Objetivo geral

Propor às “escolinhas de futebol” a busca pela inclusão social através de estratégias e ações técnico-didático-pedagógicas voltadas ao equilíbrio dos processos de interação social cooperativa e competitiva de forma consciente e reflexiva.

4.2.2 Objetivos específicos

- Promover o intercâmbio social, a autonomia e a solidariedade através do futebol;
- Promover o aprendizado em grupo, a cooperação e a parceria;
- Incentivar o futebol como alternativa às drogas e tempos ociosos, estimulando à vida saudável e prevenção de doenças;
- Proporcionar a oportunidade à participação em eventos esportivos e culturais como gincanas, festivais, torneios, campeonatos;
- Proporcionar a escolha por condutas adequadas em relação às pessoas e ao ambiente vivenciado;
- Combater a evasão escolar e a repetência.
- Promover a interação e inclusão social.

4.2.3 Justificativa

A educação é base do equilíbrio social e da cidadania. A formação dos cidadãos começa na infância e precisa ser bem orientada para que se desenvolva na adolescência e juventude para que se solidifique na fase adulta. Portanto, as iniciativas sociais que buscam oferecer oportunidades e experiências positivas e saudáveis às pessoas são consideradas prioritárias em muitos países, inclusive no Brasil.

Entre as camadas sociais menos favorecidas, as dificuldades na formação do cidadão se potencializam, em virtude da falta de oportunidades, da discriminação e de outros fatores.

O esporte, especificamente o futebol, integrador social por excelência, amenizador de conflitos sociais, aquecedor da economia local e provedor direto e indireto de empregos, foi o mecanismo encontrado pelo programa em questão,

para contribuir na formação de cidadãos plenos e conscientes de suas responsabilidades.

4.2.4 Conteúdo

Não se tem a pretensão de propor um conteúdo programático de forma fechada e inflexível, como se fosse uma receita pronta e acabada, mas sim, a intenção de indicar alguns encaminhamentos e estratégias, onde um olhar diferenciado com maiores perspectivas de alcance social sejam evidenciados para as práticas pedagógicas desenvolvidas em aulas das escolinhas de futebol, com um repensar crítico e constante daqueles que se orientarão dos mesmos.

- criação de um ambiente favorável à descontração, ao diálogo entre alunos e entre alunos e professores, assuntos esses que podem ser os mais diversos e não necessariamente sobre o esporte em questão. estabelecendo uma relação de confiança, respeito mútuo e cumplicidade entre as pessoas e os ambientes;
- criação de jogos recreativos que vise o resgate histórico e cultural do esporte em questão e suas transformações nas regras, implemento e formas de jogar a fim de fomentar hábitos de se discutir e avaliar outros tipos de regras e condutas em outros contextos da nossa sociedade;
- criação de grupos de trabalho, compostos por alunos com diferentes graus de habilidades, possibilitando a construção de uma relação de entendimento e respeito às diferenças, além de favorecer o despertar de outros valores como: solidariedade, autonomia, liderança e companheirismo;
- criação de atividades que além de contemplarem o uso de diversos materiais, possam possibilitar a construção, por parte dos alunos, de outros que tenham outras finalidades, valores de entendimento próprios definidos pelos mesmos;

- criação de atividades que variem os processos de interação, ora competitivo, ora cooperativo, ora simultaneamente, com espaços para reflexão do entendimento de ambos, ponderando suas intensidades em busca de um equilíbrio consciente;
- criação de atividades com resoluções de problemas individuais e coletivas a partir de espaços para reflexão do estabelecimento de relações entre o grau de dificuldade e facilidade nas duas propostas;
- que além das práticas de imitação de fundamentos técnicos, sejam criadas atividades de forma globalizada que possibilite o aluno testar outras possibilidades de movimento, construindo assim seu próprio estilo e identidade.

4.2.5 Material a ser utilizado

- Material informativo: vídeos, textos, slides etc.;
- Material pedagógico: bolas, cones, cordas, coletes, colchões, estacas, entre outros, bem como aqueles que serão construídos pelos alunos.

4.2.6 Escolinha de Futebol do Avante: utilização do método de interação cooperativa e competitiva como fator da inclusão social

Localizada a Rua dos Açores, s/nº, Santo Antônio de Lisboa.

A Escola possui sede e desenvolve seu trabalho no estádio da Associação Recreativa Cultural e Esportiva Avante ao qual a escola é vinculada.

Oferece três categorias: mirim, infantil e juvenil; que somadas giram em torno de 60 alunos.

Suas aulas acontecem as terças e quintas-feiras nos períodos matutino e vespertino, e aos sábados, são realizados jogos amistosos com outras

escolinhas ou jogos valendo pelo Campeonato entre Escolinhas de Futebol do Norte da Ilha.



Fonte: Escola de Futebol do Avante, 2004.
Figura 28 – Time de futebol da Escola do Avante.

Esta Escola tem um profissional responsável, que possui o seguinte perfil: formado em Educação Física, com Especialização em Didática e Metodologia de Ensino, lecionou a disciplina de Educação Física em vários estabelecimentos de ensino na Grande Florianópolis, exercendo a função até os dias de hoje, e tem experiência de 14 anos com escolinhas de futebol, atuando nesse período como professor e coordenador.

4.3 Conclusão do Capítulo

Após a análise dos resultados percebeu-se como fundamental a construção de uma proposta do Programa proposto anteriormente, como mais uma ferramenta para orientar as ações das escolinhas de futebol que esteja de acordo com seus objetivos. Neste sentido, Rezer (2003) enfatiza que não se sustenta um trabalho que anda de acordo com o vento, onde as posições definidas em um momento são negadas em outros.

Diante desta constatação, a seguir sintetizou-se os potenciais fatores restritivos e os potenciais fatores facilitadores decorrentes dos dados coletados e da análise processada, conforme demonstra o Quadro 2.

POTENCIAIS FATORES RESTRITIVOS	%	POTENCIAIS FATORES FACILITADORES	%
1. Ínfima participação da iniciativa pública	10	1. Aplicação de conhecimento estruturado	70
2. Interesse pecuniário dos profissionais	80	2. Prazer e amor pelo futebol	50
3. Futebol pela competição	100	3. Prática da substantividade através do diálogo e da discussão hábil	70
4. Ausência de planejamento	70	4. Cultivo de valores essenciais à interação e inclusão social	100
5. Instrutores sem formação	60	5. Cooperação e competição congruentes	80
6. Criatividade reprimida	70	6. Contextualização histórica do futebol nas práticas cotidianas atuais	60
		7. Possibilidade do repensar crítico-reflexivo por parte dos instrutores e aprendente sem razão das suas práticas	80
		8. Participação atuante da família	80
		9. Tranqüilidade dos filhos em relação a presença dos pais.	80

Quadro 2 - Potenciais fatores restritivos e os potenciais fatores facilitadores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que a implantação de um Programa para Inserção de Interação Cooperativa e Competitiva em Escolinhas de Futebol como Fator de Inclusão Social, tal como foi proposto neste estudo, possa servir de base para futuras avaliações, questionamentos e reavaliação constante de como estão sendo orientadas as mesmas, além de possibilitar sua utilização como laboratório para futuras investigações.

O mais importante a se destacar, em termos de contribuição por parte do esporte, neste estudo representado pelo futebol, na formação integral do indivíduo, seu equilíbrio e interação social, é permitir o seu entendimento contextualizado, a fim de favorecer a livre escolha da modalidade esportiva por parte de quem a deseja vivenciar, além da prática da Educação Física escolar. Essa escolha já deve ser possibilitada na infância e deve-se contar com o apoio de educadores, pais, médicos, e psicólogos, sem que se faça o processo inverso, ou seja, a criança não deve ser convencida a praticar a modalidade esportiva para satisfazer interesses de quem quer que seja.

Além da livre escolha do praticante, os profissionais da área de Educação Física precisam estar sintonizados com os interesses, necessidades e características do público com o qual trabalham. Entretanto, dentro da realidade estudada sabe-se, de antemão, não ser uma tarefa fácil, partindo-se da constatação, por meio da análise dos resultados, que muitas das pessoas envolvidas neste processo, na função de professor, não possuem formação específica na área, e que a desejada sintonia de interesses, necessidades e características entre professores e alunos não acontece devido à utilização de uma prática pedagógica considerada tecnicista, que atribui somente ao professor a detenção do saber e a de formador de hábitos de comportamento. Ou seja, é ele quem corrige, avalia e julga as produções e comportamentos dos alunos, com base na memorização de um conjunto de conteúdos desarticulados e descontextualizados, através de exercícios sistematizados de fixação e cópia.

Partindo-se dos pressupostos de Vygotsky (apud REGO, 1996), entende-se que o papel do professor é o de mediador que se utiliza dos instrumentos para explicar o que não se sabe, para apropriação do conhecimento. Cabe a ele colocar seus alunos em contato com o conhecimento produzido historicamente pela humanidade, provocar desafios individuais e coletivos para a superação das dificuldades reais, promover espaços de contato com instrumentos culturais presentes no conjunto das relações sociais, considerar os conhecimentos adquiridos anteriormente pelos alunos, e que a criança faz seu percurso histórico, cultural e de aprendizagem, isto é, é um ser único e singular.

Conclui-se, portanto, que o indivíduo só se desenvolve através das interações sociais, ou seja, o seu processo de desenvolvimento ocorre de fora para dentro, do social para o individual, se apropriando dos meios sociais para definir o seu próprio comportamento. Desta forma, acredita-se que a construção de um ambiente saudável e feliz para se viver em comunidade é o verdadeiro propósito de realização do ser humano no mundo.

5.1 Alcance dos Objetivos

Ao constatar-se que o homem não vive só, já que a própria existência de um indivíduo depende da existência do outro ou de outros e, por conta disso, não se pode evitar o contato entre eles e que, nossa sociedade, em sua grande maioria apaixonada por um jogo ou esporte chamado futebol com características tão marcantes que expressam esta própria sociedade, então, por quê não promover este contato, também chamado de interação social, através de agentes como o futebol? Essa possibilidade também já é uma constatação e acredita-se que a mesma deva ser priorizada principalmente na infância, onde tudo começa, sendo as escolinhas de futebol uma das tantas possibilidades deste propósito ser vivenciado.

Por se tratar de um esporte coletivo, onde as equipes são compostas por pessoas com funções específicas e comportamentos distintos, que se afinam para a obtenção de um mesmo objetivo e que, simultaneamente a esta ação de cooperação, quando ocorre o enfrentamento entre equipes, provoca-se uma ação

competitiva, pode-se dizer, então, que o futebol se caracteriza em suas ações internas pelo processo de interação cooperativo e, em suas ações externas, pelo processo de interação competitivo.

Portanto, pode-se concluir que os dois processos de interação social estão presentes em toda situação de interdependência do esporte, ou seja, em toda ação coletiva onde as pessoas interagem exercendo, uma sobre a outra, influência mútua na busca do mesmo objetivo (ação cooperativa) ou de objetivos distintos (ação competitiva).

Constata-se, ainda, que os valores adquiridos através do esporte são extremamente salutares, desde que se mantenha um equilíbrio no uso de ações cooperativas e competitivas, evitando desta forma a seleção dos “mais habilidosos” e a conseqüente exclusão dos “menos habilidosos”.

O uso excessivo da competição, tão criticado atualmente, neste caso pode ser amenizado quando a mesma for utilizada como meio de motivação ou estimulação da auto-superação.

Desta forma, o que se pretendeu na revisão da literatura foi mostrar as transformações pelas quais passou o futebol brasileiro a partir de sua origem, a forma como o mesmo se enraizou na cultura de nossa sociedade, culminando com o seu poder de interação social.

Esta pesquisa foi delimitada pelo problema e objetivos geral e específicos e, a fim de compará-los aos resultados obtidos através da análise dos dados coletados na pesquisa de campo, tomou-se como realidade as escolinhas de futebol.

Quanto ao primeiro objetivo pode-se constatar, após a análise dos resultados, que as escolinhas de futebol pesquisadas se orientam pelos processos de interação social cooperativa e competitiva. Ficou claro a falta de conhecimento conceitual de tais processos por parte de alguns deles, que vieram, inclusive no decorrer do estudo, apresentar contradições nas respostas.

Quanto ao segundo objetivo constatou-se que os métodos e práticas utilizados para o ensino do futebol nas escolinhas estudadas estão baseados, na sua grande maioria, num modelo de esporte para adultos, abordado de forma tecnicista, enfatizando a disciplina tática técnica e física, com prática de

movimentos estereotipados, pré-determinados, parafraseando Souza (2001), sem uma percepção mais ampla destes, de alguém que se movimenta e, como tal, inserido num contexto histórico e social. Desta forma, percebeu-se que as orientações, por parte do “professor”, tão importantes neste momento, estão baseadas em concepções que carecem de esclarecimento e ampliação da percepção e entendimento do futebol em outros eixos.

No que se refere ao terceiro objetivo, propor ações planejadas por meio de um Programa, que viabilize abordagens que englobe diversos aspectos, destaca-se o que foi citado por (SOARES, TAFFAREL, VARJAL et al., 1992):

- o futebol enquanto jogo, possuidor de regras, normas, exigências físicas, técnicas e táticas;
- o futebol enquanto espetáculo;
- o futebol enquanto mercado de trabalho diversificado, gerando campos específicos de atuação profissional;
- a popularidade do futebol;
- o futebol enquanto fenômeno cultural, que encanta milhões de pessoas em todo mundo, e em especial, no Brasil.

Todas essas abordagens pautadas sob a ótica de um esclarecimento crítico, reflexivo e emancipatório do esporte futebol, citado por Souza (2001), no que tange, antes de qualquer coisa, ao seu caráter social formador de pessoas com direitos e deveres, e de entendimento do jogo em todas as suas esferas, com possibilidades do uso da criatividade, garantindo, desta forma, o seu valor lúdico de brincar de jogar bola, sintonizado ao mundo infantil.

A partir desta visão pode-se dizer que o futebol não só contribui com o processo de interação social, como também, se credencia como agente de mudanças.

5.2 Limitações do Estudo

Como limitação neste estudo, entende-se que a falta de formação provoca desinformação dentro da realidade estudada, e diante disso pôde-se constatar que muitas são as necessidades de aprofundamento teórico-prático acerca do tema abordado.

5.3 Recomendações para Trabalhos Futuros

Recomendam-se outras investigações envolvendo o futebol em outros ambientes e realidades, como por exemplo:

- avaliar de que forma ocorre a abordagem do ensino do futebol nas aulas de Educação Física escolar, a fim de verificar se este contexto diferenciado se orienta pelo processo de interação social cooperativo e/ou competitivo, de forma consciente.
- avaliar de que forma ocorre a abordagem do ensino do futebol nas categorias de base dos clubes profissionais, a fim de verificar se este contexto diferenciado se orienta pelo processo de interação social cooperativo e/ou competitivo, de forma consciente.
- investigar a pertinência da adoção de programas para inclusão de interação social cooperativa e competitiva nas redes pública e particular de ensino.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A.C.P.C.; SHIGUNOV, V. A Atividade lúdica infantil e suas possibilidades. In: **Revista da Educação Física**, Maringá, UEM, v. 11 n. 01, p.69-76, 2000.

BATISTA, C.A.M. (Org.); ARCHER, M. do R.; TOMASINI, M.E. et al. **Inclusão dá trabalho**. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2000.

BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BRACHT, V. **Educação física e aprendizagem social**. 2.ed. Porto Alegre: Livraria e Editora Magister Ltda., 1997.

BROTTO, F.O. **Jogos cooperativos**. Santos: Ed. Re-Novada, 1997.

BUARQUE, Cristóvão. A revolução das prioridades. [s/l.]: Instituto de Estudos Econômicos (INESC), 1993.

BURITI, M. de A. **Psicologia do esporte**. 2.ed. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2001.

CAPELA, P.R.C. **O futebol brasileiro como conteúdo da educação física brasileira**. 1996. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução de Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 1996. Tradução de The web of life.

GEBARA, A., FARIA JÚNIOR, A.G., BRAMANTE, A.C. et al. **Educação física & Esportes**: perspectivas ara o século XXI. Wagner Wei Moreira (Org.). 10.ed. São Paulo: Papyrus, 1992. (Coleção Corpo e Motricidade).

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Ed. da UNIJUÍ, 1994.

MARTINS, J. de S. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. **Educação física**: ensino e mudanças. Ijuí: Ed. da UNIJUÍ, 1991.

MATURANA, R.H.; VARELA, G.F. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. Campinas, SP: Psy II, 1995.

MILAN, B. **O país da bola**. São Paulo: Ed. Best, 1989.

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualidade em saúde. 3.ed. São Paulo: HUCITEC – ABRASCO, 1994.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Educação Física. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

_____. _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Educação Física. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

NAHAS, M.V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida**. 2.ed. Londrina: Midiograf, 2001.

OSTERMANN, R.C. **Meu coração é vermelho**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

RAUEN, F.J. **Roteiros de investigação científica**. Tubarão: Ed. da UNISUL, 2002.

REGO, T.C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Educação e Conhecimento).

REIS, H.B. **O ensino dos jogos coletivos esportivos na escola**. Dissertação (Mestrado). 1994. Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

REVISTA ESCOLA eletrônica. Relevância da educação inclusiva, Brasília, 21 jul 2004. Disponível em: <<http://www.revistaescola.gov.br>>. Acesso em: 10 mar 2005.

REZER, R. **A prática pedagógica em escolinhas de futebol/futsal**: possíveis perspectivas de superação. 2003. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

RODRIGUES, F.X.F. **Modernidade, corpo e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil**. Buenos Aires, año 8, n.57, 2003. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/revistadigital>>. Acesso em: 12 ago 2003.

ROSENFELD, A. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Ed. da UNICAMP, 1993.

SAWAIA, B.B. (Org.). **As artimanhas da exclusão**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. **Dialética exclusão/inclusão**. 1.ed. São Paulo: Cabral Ed., 2002.

SHIGUNOV, V.; PEREIRA, V.R. **Pedagogia de educação física**: o desporto coletivo na escola, os componentes afetivos. São Paulo: IBRASA, 1993.

SOARES, C.L., TAFFAREL, C.N.Z., VARJAL, E. et al. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992. (Coleção Magistério 2º Grau – Série Formação do Professor).

SOLER, R. **Jogos cooperativos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

SOUZA, J.C.C. de. **A transformação do futebol brasileiro**: avanços e recuos na sua modernização e repercussões nas categorias de Base. 2001. Dissertação (Mestrado) - Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

STEFANS, R. **Comportamento organizacional**. São Paulo: Pientechael, 2002.

TAFFAREL, C.N.Z. **Criatividade nas aulas de educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

VOLPATO, G. **Jogo, brincadeira e brinquedo**: uso e significados no contexto escolar e familiar. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CARRAVETTA, E. **O jogador de futebol**: técnicas, treinamento e rendimento. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

CASTRO, R. **Estrela solitária**: um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

CECCATO, C. **Desenvolvimento de um programa de intervenção em educação ambiental e prevenção da saúde para academias e organizações não-governamentais**: entendendo a relação homem-natureza. 2004. 165f. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

GUEDES, S. L. **O Brasil no campo de futebol**: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.

HELAL, R. **Passes e impasses**: futebol e cultura de massa no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LERIPIO, D.L. **Educação ambiental e cidadania**: a abordagem de temas transversais. 2000. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

LEVINE, R. O caso do futebol brasileiro. In: WITTER, J.S. (Org.). **Futebol e cultura**. São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1982.

LOPES, J.S.L. Futebol mestiço. **Ciência Hoje**, SBPC, v.24, n.139, jun., 1998.

_____. A vitória do futebol que incorporou a pelada. In: **Revista USP**, n.22 (dossiê futebol), jun./jul./ago., São Paulo, 1994.

MACHADO, A.A. **Aspectos psico-pedagógicos da competição esportiva escolar**. 1994. Tese (Doutorado) – Universidade de Campinas, Campinas.

MELANI, R. Futebol e razão utilitária. In: **Futebol**: espetáculo do século. São Paulo: Ed. Musa, 1999.

RODRIGUES, F.X.F. **A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2001):** um estudo de caso. 2001. Projeto de Pesquisa (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SANTOS, A. dos. **O encantador de pessoas.** 1.ed. Florianópolis: Lex Graf, 2003.

SONNO, C.N.; SOUZA, C.; OLIVEIRA, A.A. B. de. (Orgs.). **Educação física e esportes:** os novos desafios da formação profissional. Maringá, PR: Def, 2002.

SOUTO, V.I.V. **Esporte de competição para crianças e adolescentes:** saúde ou exploração? 2002. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TOLEDO, L.H. **Lógicas no futebol.** São Paulo: HUCITEC/FAPESP, 2002.

APÊNDICE

Apêndice A - Questionário aplicado aos responsáveis por escolinhas de futebol de Florianópolis.

Prezados Senhores:

O presente Questionário faz parte do diagnóstico de uma Dissertação de Mestrado, do Curso de Pós-graduação e Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, tendo como objetivo analisar como é conduzido o processo de interação social nas Escolinhas de Futebol de Florianópolis.

As questões poderão ser respondidas numa linguagem clara e objetiva, não sendo necessário identificar-se.

QUESTÕES RELATIVAS AO PERFIL ESTRUTURAL DAS ESCOLINHAS DE FUTEBOL

Nome da Escolinha: _____

(caso deseje, não precisa identificá-la)

1. NATUREZA SOCIAL:

Associação/Clube ()

Iniciativa privada ()

Iniciativa pública ()

Outra situação ()

1.1. Sede:

Própria ()

Convênio ()

Alugada ()

1.2. Local das aulas/Tipo de piso:

1.3. O que dispõe a escolinha em termos de diversidade e número de materiais?

2. PAGAMENTO DE MENSALIDADE?

Sim () Não () valor R\$ _____

2.1. Em caso de resposta afirmativa, existe algum tipo de isenção para alunos carentes? Caso a resposta seja negativa, qual o motivo?

3. A ESCOLINHA FUNCIONA COM QUANTAS CATEGORIAS (GRUPO DE ALUNOS DENTRO DE LIMITE DE IDADES) E QUAIS AS SUAS FAIXAS-ETÁRIAS?

4. A ESCOLINHA PARTICIPA DE COMPETIÇÕES?

Sim () Não ()

4.1. Em caso afirmativo, existe um critério que condicione a participação dos alunos ou todos participam?

5. A ESCOLINHA POSSUI PROJETO COM OBJETIVOS DEFINIDOS, CRONOGRAMA DE ATIVIDADES E ETAPAS PLANEJADAS?

Sim () Não ()

6. DENTRO DO CONTEXTO ESPECÍFICO DA ESCOLINHA, COMO ACONTECE O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM?

7. POR QUÊ VOCÊ OPTOU POR TRABALHAR COM ESCOLINHA DE FUTEBOL?

8. QUAL SUA FORMAÇÃO ACADÊMICA?

Superior em Educação Física () Superior em outra área ()
Curso técnico em Educação Física () Nenhuma formação superior ()

9. EM SUAS AULAS, EXISTE A POSSIBILIDADE DO USO DA CRIATIVIDADE, ESPONTANEIDADE, IMPROVISO, LIBERDADE DE MOVIMENTOS POR PARTE DOS ALUNOS?

Sim () Não ()

9.1 Em caso afirmativo, em que momento? Em caso negativo, qual o motivo?

10. O TRABALHO NA ESCOLINHA É BASEADO EM QUE PROCESSO DE INTERAÇÃO SOCIAL - COMPETITIVO OU COOPERATIVO? OU SEJA, O TRABALHO NA ESCOLINHA TEM A FINALIDADE DE PREPARAR O ALUNO A JOGAR CONTRA SEU ADVERSÁRIO COM O OBJETIVO DE SOBREPUJÁ-LO, OU TEM O OBJETIVO DE PREPARAR O ALUNO PARA JOGAR COM O COMPANHEIRO, INDEPENDENTE DO RESULTADO OBTIDO?

11. VOCÊ ACHA POSSÍVEL TRABALHAR DE FORMA COOPERATIVA E COMPETITIVA SIMULTANEAMENTE? EM CASO AFIRMATIVO, COMO? EM CASO NEGATIVO, POR QUÊ?

12. EM SUAS AULAS, VOCÊ PRETENDE QUE SEUS ALUNOS ADQUIRAM QUE TIPO DE VALORES?

13. COMO SE COMPORTAM OS PAIS EM RELAÇÃO À ATUAÇÃO DE SEUS FILHOS NA ESCOLINHA?

14. COMO SE COMPORTAM OS FILHOS DIANTE DA PRESENÇA DOS PAIS NA ESCOLINHA?

15. EXISTE A PREOCUPAÇÃO EM CONTEXTUALIZAR/ SITUAR O ENSINO DO FUTEBOL A PARTIR DE UM RESGATE HISTÓRICO DA CULTURA DO MESMO?

Sim () Não ()

15.1. EM CASO AFIRMATIVO, COMO ISSO ACONTECE?

16. QUAIS AS CONTRIBUIÇÕES O TEMA ABORDADO NESTE ESTUDO PODERÁ OFERECER ÀS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS ESCOLINHAS DE FUTEBOL?

ANEXO

Anexo A – Organização do campeonato entre escolinhas de futebol de Florianópolis.

APRESENTAÇÃO

Como surgiu o Campeonato de Escolinhas de Futebol do Norte da Ilha?



Com o crescimento e a procura constante por escolinhas de futebol na Ilha de Santa Catarina, foi estudado uma forma de evento por parte dos professores e responsáveis por escolinhas, que promovesse intercâmbio e confraternização de todas as crianças e/ou adolescentes das mesmas, dentro de uma organização pré-estabelecida e que economicamente fosse viável para que todos pudessem participar. Na sua primeira edição no ano de 2001 este evento aconteceu com participação de quatro equipes/escolinhas: Escolinha de Futebol

Canasvieiras de Canasvieiras, Associação Atlética Ponta das Canas de Ponta das Canas, Grêmio Esporte Clube da Cachoeira do Bom Jesus e Náutico Esporte Clube do Santinho, em três categorias: mirim (até 12 anos); infantil (até 14 anos) e juvenil (até 16 anos), envolvendo em torno de 210 pessoas (entre crianças e/ou adolescentes, professores, diretores, árbitros e comissão organizadora).

Na sua segunda edição (ano 2002), com a saída do Grêmio Esporte Clube, o evento aconteceu com a participação de mais três equipes/escolinhas: o Triunfo Futebol Clube do Sambaqui, o A.R.C. e Avante de Santo Antonio de Lisboa e o C.D.F. Canasvieiras de Canasvieiras formando seis

equipes/escolinhas em três categorias, envolvendo em torno de 320 pessoas (entre crianças e/ou adolescente, professores, diretores, árbitros e comissão organizadora).

A terceira edição (ano 2003) o Náutico Esporte Clube deu lugar ao Grêmio Recreativo Itaguassú do Rio Vermelho, mantendo as seis equipes/escolinhas e o número de pessoas envolvidas também se manteve igual ao do ano anterior.

Agora, em 2004, o crescimento é visível, com o retorno do Grêmio E.C. e a vinda de mais cinco equipes/escolinhas, Hésio Escola de Futebol C.R Vasco da Gama do Córrego Grande, Garcia Esporte & Lazer do Carianos, Associação Desportiva Saco-Grandense Esporte Clube do Itacorubi, A.R.C.E. Bangu do Rio Tavares e o Sest Senat do Estreito, este evento tornou-se o principal Campeonato Amador da Grande Florianópolis com mais de mil pessoas envolvidas em três categorias (entre crianças e/ou adolescente, professores, diretores, árbitros e comissão organizadora), sem contar o campeonato na categoria sub-17, paralelo a este, disputado por sete dessas 12 equipes/escolinhas. Nossa idéia jamais será limitar e sim incluir o maior número de pessoas possíveis buscando uma série de objetivos que serão citados a seguir:

- integrar buscando interação, promovendo o caráter social do esporte;
- descobrir outras possibilidades de movimento, buscando consciência corporal;
- vivenciar o lúdico através do jogo, garantindo todas as fases da infância;
- cultivar valores que visem a formação de caráter e consciência de cidadania;
- proporcionar a prática de uma atividade física saudável;
- possibilitar o futuro de um profissional no esporte em questão.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas durante esses anos, os objetivos têm sido atingidos, culminando com a aprovação e apoio dos pais que

reconhecem a relevância do evento e o papel desenvolvido pelas escolinhas de futebol como parceiros na formação integral de seus filhos. Os professores e responsáveis que nelas trabalham, buscam sempre exercer sua tarefa de orientar para formação de indivíduos felizes e conhecedores de suas responsabilidades, na construção de uma sociedade desejada.

REGULAMENTO DO IVº CAMPEONATO DE ESCOLINHAS DE FUTEBOL DO NORTE DA ILHA / 2004.

CAPITULO I

Sob patrocínio da **ESCOLINHA DE FUTEBOL CANASVIEIRAS** de Canasvieiras, **A.R.C.E. AVANTE** de Santo Antônio de Lisboa, **ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA PONTA DAS CANAS** de Ponta das Canas, **TRIUNFO FUTEBOL CLUBE** de Sambaqui, **ESCOLINHA DE FUTEBOL CRAQUES DO FUTURO** de Canasvieiras, **ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA SACO-GRANDENSE ESPORTE CLUBE** do Itacorubí, **SEST/SENAT** do Estreito, **GRÊMIO ESPORTE CLUBE** da Cachoeira do Bom Jesus, **HESIO ESCOLA DE FUTEBOL** do Córrego Grande, **GARCIA ESPORTE & LAZER** do Carianos e o **A.R.C.E. BANGU** do Rio Tavares, será realizado o **IVº CAMPEONATO DE ESCOLINHAS DE FUTEBOL DO NORTE DA ILHA / 2004**, tendo como objetivo básico a confraternização entre Clubes (Escolinha), atletas e comunidades.

Art. 1º - **O IVº CAMPEONATO DE ESCOLINHAS DE FUTEBOL DO NORTE DA ILHA / 2004**, promovido e patrocinado pelos Clubes acima. Será em conformidade com o disposto neste regulamento, respeitando as disposições da Legislação Desportiva.

CAPITULO II

DAS INSCRIÇÕES DOS CLUBES E ATLETAS:

Art. 2º - Serão considerados inscritos para disputarem o campeonato, os Clubes convidados pela Comissão Organizadora.

Art. 3º - As competições serão realizados nas Praças de Esportes dos Clubes participantes.

PARÁGRAFO ÚNICO - Na hipótese de irregularidade que venha a danificar a praça de esporte ou patrimônio do Clube Mandatário, caberá ao Clube infrator o pagamento das despesas, para a recuperação do mesmo.

Art. 4º - O prazo final para as inscrições de atletas no Campeonato encerrar-se-á na última reunião dos Clubes que antecederá a 5ª rodada da **FASE 1**, onde deverão entregar as fichas de inscrições completas, contendo os dados de todos os atletas que participarão do Campeonato.

Art. 5º - Poderá o Clube inscrever atletas de uma categoria em outra categoria, desde que seja respeitado o limite de idade. Exemplo: um atleta do **MIRIM** poderá jogar no **INFANTIL** etc.

Art. 6º - A competição terá as seguintes categorias:
A - MIRIM - Até 12 anos, nascidos a partir de 1992;
B - INFANTIL - Até 14 anos, nascidos a partir de 1990;
C - JUVENIL - Até 16 anos, nascidos a partir de 1988.

Art. 7º - Documentos para inscrições:
a) Ter idade limite de cada categoria;
b) Possuir o Documento de Identidade original;
c) Estar relacionado na ficha de inscrição com o nome completo, número do RG, data de nascimento e assinatura do mesmo.

PARÁGRAFO ÚNICO - Só poderão participar das partidas mediante a apresentação da Carteira de Identidade (original).

Art. 8º - Atletas que forem eliminados (comprovado documentação irregular), não poderá ser inscritos outro atleta em seu lugar.

PARÁGRAFO ÚNICO – Uma vez inscrito em um Clube (Escolinha), não poderá se inscrever em outra.

CAPITULO III **DA ORGANIZAÇÃO DA TABELA DE JOGOS:**

Art. 9º - As tabelas de jogos serão elaboradas pela Comissão Organizadora. A competição será disputada em quatro **FASES** na forma abaixo especificada e, de acordo com os seguintes artigos:

FASE 1 - TURNO ÚNICO
FASE 2 - QUARTAS DE FINAIS
FASE 3 - SEMIFINAIS
FASE 4 - FINAIS

Art. 10º - Na **FASE 1** os Clubes formarão o **GRUPO A** e, jogarão entre si, em turno único, com contagem corrida de pontos ganhos, conforme tabela elaborada pela Comissão Organizadora, classificando-se para **FASE 2**, as oito primeiras colocadas, aplicando os critérios de índice técnicos previstos no art. 52 deste Regulamento.

PARÁGRAFO ÚNICO - Todos os Clubes iniciarão a **FASE 1** com 0 (zero) ponto.

Art. 11º - Nas **FASE 2, FASE 3 e FASE 4** do Campeonato será realizado um congresso técnico (Comissão Organizadora) em data a ser definida, para a escolha da fórmula e locais de disputa (Anexo 1).

Art. 12º - A competição terá início no dia 05 de junho de 2004, com a seguinte rodada:

HORÁRIO	JOGOS	LOCAL
9h	A. R. C. E. BANGU X HESIO E. F. VASCO	Rio Tavares
9h	A. R. C. E. AVANTE X GRÊMIO E. C.	Santo Antonio de Lisboa
9h	A. A. PONTA DAS CANAS X TRIUNFO F. C.	Pontas das Canas
9h	SEST/SENAT X E. F. CANASVIEIRAS	Canasvieiras
9h	GARCIA E. & L. X G. R. ITAGUASSÚ	Carianos
9h	SACOGRANDENSE F. C. X C.D.F. CANASVIEIRAS	Itacorubí

Art. 13º - Não serão permitidas em toda a competição a mudança de datas e horários, nem a mudança de jogos determinados pela tabela, salvo:

- a) Por determinação da Comissão Organizadora;
- b) Por suspensão da partida;
- c) Por ambos os Clubes (Escolinhas) envolvidos entrarem em acordo;
- d) Em caso de mau tempo, ou pôr motivo de força maior, e que haja necessidade de adiamento da partida, fica responsável a Comissão Organizadora de avisar aos Clubes envolvidos até três horas antes. Após este tempo somente o Árbitro poderá fazê-lo.

Art. 14º - Em caso de adiamento do jogo, ficará a encargo da Comissão Organizadora marcar uma nova data e horário de acordo com os dois Clubes envolvidos.

Art. 15º - Uma partida só poderá ser suspensa, interrompida ou adiada, quando ocorrer os seguintes motivos que impeçam a realização ou continuação da mesma;

- a) Falta de garantia;
- b) Mau estado do campo, que torne impraticável ou perigoso a realização ou continuação da partida;
- c) Conflitos ou distúrbios graves, no campo ou no estádio.

CAPITULO IV **DAS PUNIÇÕES A CLUBES, ATLETAS E DIRETORES:**

Art. 16º - Nos casos previstos nas letras a e d do Art. 13º , quando a partida for suspensa, assim se procederá:

- a) Se o que houver dado causa a suspensão era na ocasião deste ganhador, será ele declarado perdedor, pelo escore de 1X0; se era perdedor, seu adversário será vencedor, prevalecendo o resultado constante do placar no momento da suspensão.
- b) Se a partida estiver empatada, o Clube que houver dado causa a suspensão, será declarada perdedora pelo escore de 1X0.
- c) Se ambas as equipes forem responsáveis pela suspensão da partida, ambas serão declaradas perdedoras, pelo escore de 1X0.

Art. 17º - Se ambas equipes não forem responsáveis pela suspensão da partida, assim procederá:

- a) Se a suspensão prevista no Art. 13º ocorrer nos últimos 10 minutos das partidas nas categorias **MIRIM** e **INFANTIL**, e 15 minutos da categoria **JUVENIL** da partida, esta será mantida, prevalecendo o resultado existente no momento da suspensão.
- b) Se a suspensão da partida tenha-se dado antes dos 10 minutos finais nas categorias **MIRIM** e **INFANTIL**, e 15 minutos finais na categoria **JUVENIL**, deverá ser marcado um novo jogo, com dia, horário definidos pela Comissão Organizadora, começando o jogo com placar de zero a zero, e tempo integral.
- c) Só poderão participar da nova partida os atletas que tinham condições legais na data da partida suspensa e que não estejam cumprindo pena de suspensão automática na data da nova partida.
- d) Continuará sem condições de jogo a nova partida, quando vier a ser disputada o atleta que tenha sido expulso (cartão vermelho) em partida suspensa pelo Árbitro.
- e) O atleta expulso numa partida suspensa ou adiada (a qual será realizada uma nova partida), ficará suspenso na mesma, não precisando cumpri-la em outra, que anteceda esta nova partida.
- f) Caso o atleta tenha levado cartão amarelo no jogo, ficará invalido este cartão.

Art. 18º - Para efeitos disciplinares, serão considerados os cartões amarelos (advertência) e o vermelho (expulsão), aplicadas nas partidas. Não sendo usado o vermelho na categoria **MIRIM**, apenas a troca do jogador (cartão azul).

Art. 19º - O atleta expulso numa partida da categoria **MIRIM**, poderá a equipe colocar outro atleta em seu lugar(não precisando ficar com menos um em jogo).

Art. 20º - O atleta da categoria **JUVENIL** e **INFANTIL**, que vir a receber o terceiro cartão amarelo, deverá cumprir um jogo de suspensão, observando-se:

PARÁGRAFO ÚNICO - Deverá o atleta cumprir a suspensão automática na partida seguinte.

Art. 21º - Após cumprir a suspensão do terceiro cartão amarelo, fica zerado o seu número de cartões, começando uma nova contagem de 03(três) cartões para uma nova suspensão.

Art. 22º - O atleta que receber o cartão amarelo e logo receber o vermelho, na categoria **JUVENIL** e **INFANTIL** no mesmo jogo, prevalecerá o vermelho, anulando-se o cartão amarelo dado nesta partida.

Art. 23º - O controle do número de cartões e o cumprimento da penalidade prevista é de responsabilidade de cada equipe, independentemente de comunicação e ou julgamento.

Art. 24º - Irá perder os pontos, o Clube que usar atleta que não tenha condição de jogo naquela partida (pôr ter que cumprir suspensão) e participou da mesma, sendo que o Clube adversário será declarado vencedor deste jogo, pelo escore de 1X0, caso não tenha vencido.

PARÁGRAFO PRIMEIRO - O atleta que participou de uma partida na qual não poderia participar, pôr ter que cumprir a suspensão naquela partida, o Clube perderá os pontos, pelo escore de 1X0, e devendo o atleta cumprir novamente a suspensão na partida seguinte.

PARÁGRAFO SEGUNDO - A equipe que usar atleta com idade diferente da permitida neste regulamento, será automaticamente eliminado a categoria envolvida do Campeonato no caso, assim como se usar atletas não inscritos na competição. Perdendo todos os pontos disputados e aqueles a serem disputados, pelo escore de 1X0.

PARÁGRAFO TERCEIRO – Os atletas que ficarem no banco de reservas e não assinarem a súmula, serão suspensos por uma partida, mas sua equipe não perderá os pontos desta partida, desde que o mesmo não tenha jogado na referida partida e tenha deixado a Carteira junto ao mesário.

PARÁGRAFO QUARTO – O atleta que jogar sem assinar a súmula, sua equipe perderá os pontos da partida, ficando o escore de 1X0 para o adversário se sua equipe tiver vencido a partida, porém se sua equipe tiver perdida o atleta será suspenso por uma partida.

Art. 25º - O atleta que receber o cartão vermelho numa partida e for relatado pelo Árbitro pôr qualquer outro motivo, após sua suspensão, estará sujeito a outras penalidades que serão impostas pela Comissão Organizadora.

Art. 26º - Aos dirigentes (**DIRETORES, TÉCNICOS, MASSAGISTAS**), caso seja retirado pelo Árbitro do jogo, o mesmo deverá cumprir uma rodada de suspensão.

PARÁGRAFO ÚNICO - O **DIRETOR, TÉCNICO** ou **MASSAGISTA**, que for expulso da partida e for relatado pelo Árbitro da partida pôr qualquer outro motivo, após suspensão, será julgado pela Comissão Organizadora.

CAPITULO V DAS REALIZAÇÕES DOS JOGOS:

Art. 27º - Os jogos terão duração de :

- a) **CATEGORIA MIRIM** - 40 minutos, divididos em dois períodos de 20 minutos, com 5 minutos de intervalo.
- b) **CATEGORIA INFANTIL** - 50 minutos, divididos em dois períodos de 25 minutos, com 5 minutos de intervalo.
- c) **CATEGORIA JUVENIL** - 60 minutos, divididos em dois períodos de 30 minutos, com intervalo de 5 minutos.

Art. 28º - Não será permitido a qualquer Clube Ação à Justiça Comum, ou qualquer outro Fórum contra o Campeonato, ou a Comissão Organizadora, devendo apenas apresentar petição a Comissão Organizadora, datilografada e em papel timbrado do seu Clube. O Clube que desrespeitar este artigo será eliminado do Campeonato.

PARÁGRAFO ÚNICO - Ao Clube que se achar prejudicado, poderá impugnar a validade de uma partida, no prazo de 48 horas após o término da partida em questão, mediante ao pagamento de uma taxa de R\$ 100,00 (cem reais), devendo ser devolvido 100% se ganhar a questão, caso perca ficará o valor integral a Comissão Organizadora para despesas do Campeonato.

Art. 29º - Os Clubes deverão designar um representante para compor e fiscalizar a mesa (mesário).

Art. 30º - É de responsabilidade do Árbitro solicitar ao Treinador quando for substituir (expulso) na categoria **MIRIM**. O Árbitro deverá ainda, ao final de cada categoria anotar os cartões dados naquela partida, bem como os gols marcados e as anotações que achar necessário, referente a mesma, preenchimento da súmula, que ficará junto ao mesário.

Art. 31º - Os escanteios na categoria **MIRIM**, serão cobrado a uma distancia de 17 metros do 1º pau, nas categorias **INFANTIL e JUVENIL**, será adotada a regra oficial.

Art. 32º - A todas as categorias será aplicada a regra normal de impedimento.

Art. 33º - Todos os atletas inscritos deverão:

- a) Estar uniformizados, os titulares e reservas;
- b) Assinar a sumula junto ao mesário;
- c) Apresentar a Carteira de Identidade (original);
- d) Não se ausentar do banco de reservas para fora do campo (alambrado) no jogo em andamento;
- e) Poderão assinar a sumula até o intervalo do 1º tempo o atleta que chegar com atraso, na categoria que ira jogar, após o intervalo não poderá assinar a sumula nenhum atleta que tenha chegado atrasado, caso aconteça a equipe perderá o jogo pelo escore de 1 X 0.

Art. 34º - Aos **DIRIGENTES** e **DIRETORES**:

- a) Não se ausentar do banco de reservas durante o jogo em andamento, somente ao treinador é permitido, dentro dos limites delineados;
- b) Não substituir **DIRETOR** que saia do campo pôr outro que esteja fora do campo, salvo o mesmo tenha que se ausentar para prestar socorro médico.

Art. 35º - Poderão ficar no campo apenas os atletas inscritos, um técnico, um massagista e um diretor.

Art. 36º - Deverão os Clubes mandatários fornecer duas bolas nº 4 (bom estado de uso) para o jogo da categoria **MIRIM** e três bolas (bom estado de uso) para os jogos das categorias **INFANTIL** e **JUVENIL**, para a realização da partida, uma fica no jogo e as outras duas junto ao mesário.

Art. 37º - Cada Equipe terá livre substituição durante o jogo em todas as categorias.

PARÁGRAFO ÚNICO - O atleta substituído não poderá mais retornar ao jogo, em hipótese alguma.

Art. 38º - Para se processar uma substituição, o atleta deverá apresentar-se na mesa de controle com o número e nome do atleta a ser substituído e esperar a autorização do mesário, não sendo necessário solicitar o Árbitro, exceto a substituição do goleiro, para entrar em campo.

Art. 39º - Nenhuma partida terá início e reinício sem a presença de pelo menos sete atletas de cada equipe que tenha assinado a sumula.

PARÁGRAFO PRIMEIRO - Na hipótese prevista no caput deste artigo, o Árbitro aguardará até 10 minutos após o horário previsto para o início, findo os quais o Clube regularmente presente será declarado vencedor pelo escore de 1X0, para efeito deste regulamento.

PARÁGRAFO SEGUNDO - Se ambos os Clubes, não se apresentarem conforme caput deste artigo, ambos serão declarados perdedores pelo escore de 1X0.

PARÁGRAFO TERCEIRO - O Árbitro interromperá a partida, se qualquer das equipes ficar com menos de sete atletas, pôr contusão, aguardando cinco minutos e, permanecendo a situação, suspenderá a partida.

PARÁGRAFO QUARTO - Se apenas um dos Clubes teve sua equipe reduzida a menos de sete atletas, perderá ele os pontos para seu adversário, pelo escore de 1X0. O Clube cuja equipe não incidiu na situação aqui prevista será assegurado, se vencedor, o resultado constante do placar na ocasião do encerramento da partida.

PARÁGRAFO QUINTO - Se ambos os Clubes forem reduzidos a menos de sete atletas, ambos serão declarados perdedores pelo escore de 1X0.

PARÁGRAFO SEXTO - Esgotados o prazo previsto no parágrafo três, sem que o atleta tenha sido reincorporado a sua equipe, dará o Árbitro como encerrado a partida, encaminhando a Comissão Organizadora relatório, que irá aplicar o dispositivo do Art. 39º, parágrafos 1, 2, 4 e 5, deste regulamento.

Art. 40º - Ficará sobre responsabilidade dos Clubes ao zelo da segurança, conforto, saúde (atendimento médico) e responder pelos seus atletas de menor idade.

Art. 41º - Quando da coincidência de cor nos uniformes das equipes, havendo necessidade de troca (definida pelo Árbitro), caberá a equipe mandatária fazê-los, caso não tenha deverá usar coletes.

Art. 42º - O aquecimento de uma equipe não poderá contribuir para o atraso de um jogo.

CAPITULO VI **DA ARBITRAGEM E DO MESÁRIO:**

Art. 43º - Será escalado um (01) único Árbitro para abitar as três categorias. Não será permitido a nenhuma equipe, vetar o Árbitro escalado pela Comissão Organizadora, para dirigir qualquer jogo.

Art. 44º - Se houver falta do Árbitro assim se procederá:

- Poderão ser realizadas as partidas com um Árbitro qualquer, sem valer os pontos (partida amistosa);
- Realizará um novo jogo em uma nova data, a ser definida pela Comissão Organizadora.

Art. 45º - O Árbitro, ao se apresentar para o exercício da suas funções, deverá estar regularmente uniformizado, ter em mãos os cartões, hábito e ter conhecimento deste regulamento.

Art. 46º - Logo após a realização da partida, o Árbitro deverá elaborar a súmula e seus relatórios técnicos e disciplinares, em modelo oferecido ao mesmo. Contendo todos os cartões dados aos atletas nas partidas.

Art. 47º - Deverá entregar uma cópia a cada equipe da súmula final do jogo, já preenchido com todas as anotações das partidas, gols, cartões. E a original deverá ser entregue para Comissão Organizadora, através do Clube mandatário.

Art. 48º - Estar no local, dia e horário marcado do jogo.

Art. 49º - O Árbitro só dará inicio ao jogo, após verificar pessoalmente, terem os atletas das equipes disputantes assinado a súmula do jogo, após suas identificações; e ter toda a garantia e segurança do mesmo.

Art. 50º - Ao mesário caberá pegar as Identidades (originais) dos atletas antes do início do jogo e solicitar as assinaturas na súmula.

PARÁGRAFO PRIMEIRO - Anotar as substituições na súmula das equipes que estão jogando e autorizar as substituições, exceto a substituição do goleiro onde terá que solicitar ao Árbitro.

PARÁGRAFO SEGUNDO - Verificar junto ao banco de reservas se todos estão em conformidade com este regulamento, atletas uniformizados, diretores e se todos estão inscritos.

PARÁGRAFO TERCEIRO - Ficar de posse das bolas disponíveis para quando solicitado pelo Árbitro.

CAPITULO VII

DA CONTAGEM DE PONTOS:

Art. 51º - Para efeito de classificação, a contagem de pontos obedecerá a seguinte tabela:

- **VITÓRIA - 03 PONTOS**
- **EMPATE - 01 PONTO**
- **DERROTA - 00 PONTO**

Art. 52º - Caso haja empate em pontos, obedecerá os seguintes critério de desempate:

- a) Entre duas ou mais equipes
 - Maior número de vitórias;
 - Maior saldo de gol (S.G.);
 - Maior número de gol marcado. (G.P.);
 - Menor número de gol sofrido (G.S.)
 - Confronto direto;
 - Sorteio.

CAPITULO VIII

DAS PREMIAÇÕES:

Art. 53º - Serão premiados a todas as categorias, da seguinte forma:

- **CAMPEÃO** de cada categoria , **TROFÉU e MEDALHAS**;
- O **2º e 3º COLOCADO GERAL** de cada categoria, **MEDALHAS**;
- **GOLEIRO MENOS VAZADO** de cada categoria, **MEDALHAS**;
- **ARTILHEIRO** de cada categoria, **MEDALHAS**;
- **TROFÉU** para a **EQUIPE MAIS DISCIPLINADA**.

Art. 54º - Compete ao Clube mandatário:

- Providenciar com a devida antecedência a marcação do campo, e colocação das redes nas metas;
- Fazer cumprir as normas vigentes deste regulamento.

Art. 55º - Os casos omissos, a Comissão Organizadora se reunirá e tomará as devidas providências, sendo que já estiverem caracterizados, não será necessário julgamento, pois se estiver bem caracterizado será a punição, sempre baseado neste regulamento.

Comissão Organizadora